Collecção Antonio Maria Pereira

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes in-8.º, de 200 a 300 paginas
Impressa em bom papel, typo elzevir

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19— Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte-Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 —Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcer
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres.
72 — Um livro.
73 — A Sereia
74 — Esboços e apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — Theatro: I—Agostinho de Ceuta.—O marquez de Torres-Novas.
77 — Theatro: II—Poesia ou dinheiro ? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

CAMILLIANA

Camillo Castello Branco — *Notas a margem em varios livros da sua biblioteca,* recolhidas por Alvaro Neves. — 1 vol.

Camillo Castello Branco — *Tipos e episodios da sua galeria,* por Sergio de Castro. — 3 vols., contendo inumeras transcrições da obra de Camillo.

Hosanna! Por Camillo Castello Branco. Fiel reprodução zincografica da 1.ª edição de 1852, hoje rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Os pundonores desagravados, por Camillo Castello Branco. Reprodução como acima da 1.ª edição de 1845. Tambem rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Prefacio da 1.ª edição do Diccionario de Azevedo, por Camillo Castello Branco.

COLLECÇÃO ECONOMICA

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A Daudet.
2 — Esgotado.
3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet.
4 — Esgotado.
5 — Esgotado.
6 — Esgotado.
7 — Esgotado.
8 — Esgotado.
9 — Esgotado.
10 — Esgotado.
11 — Esgotado.
12 — Esgotado.
13 — Um coração de mulher, por Paul Bourget.
14 — Esgotado.
15 — sEgotado.
16 — Esgotado.
17 — Esgotado.
18 — O ultimo amor, por Ohnet.
19 — Um bulgaro, por Ivan Tourgueneffe.
20 — Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp.
21 — Esgotado.
22 — Esgotado.
23 — Camilla, por G. Ginisty.
24 — Trahida, por Maxime Paz.
25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
26 — Esgotado.
27 — Esgotado.
28 — Esgotado.
29 — Mentiras, por Paul Bourget.
30 — Marinheiro, por Pier reLoti.
31 — Esgotado.
32 — A Evangelista, por Daudet.

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUESA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viajens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas, em corpo 8 ou 10, excellente edição, em optimo papel.
Preço de cada volume 200 réis brochado, ou 300 réis elegantemente encadernado em percalina.
Para as provincias accresce o porte do correio, 20 réis cada vol.

Eis os titulos dos ultimos volumes publicados:

N.os 42 e 43 — **Espelho de Portuguêses**, por Alberto Pimentel.
N.º 44 — **A Fada d'Auteuil**, por Ponson du Terrail, traducção de Pinheiro Chagas.
N.º 45 — **A volta do Chiado**, por Beldemonio (Eduardo de Barros Lobo).
N.º 46 — **Séca e Méca**, por Lino d'Assumpção.
N.º 47 — **Ninho de guincho**, por Alberto Pimentel.
N.º 48 — **Vasco**, por Arthur Lobo d'Avila.
N.º 49 — **Leituras ao serão**, por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.
N.º 50 — **Luz coada por ferros**, por D. Anna Augusta Placido.
N.º 51 — **A flôr secca**, por M. Pinheiro Chagas.
N.º 52 — **Relampagos**, por Armando Ribeiro.
N.º 53 — **Historias Rusticas**, por Virgilio Varzea.
N.º 54 — **Figuras Humanas**, por Alberto Pimentel,
N.º 55 — **Dolorosa**, por Francisco Acebal, traducção de Caïel.
N.º 56 — **Memorias de um Fura-vidas**, por Alfredo Mesquita.
N.º 57 — **Dramas da Côrte**, por Alberto de Castro.
N.º 58 — **Os Mosqueteiros d'Africa**, por J. da S. Mendes Leal.
N.º 59 — **A divorciada**, por José Augusto Vieira.
N.º 60 — **Phototypias do Minho**, por José Augusto Vieira.
N.º 61 — **Insulares**, contos e historias, por Mendo Bem (Moniz de Bettencourt).
N.os 62 e 63 — **Historia da civilisação na Europa**, por Mr. Guizot, versão portugueza do Marquez de Sousa Holstein.
N.º 64 — **Triplice alliança**, romance, de Raul de Azevedo.
N.º 65 — **Retalhos de verdade**, por Caïel
N.º 66 — **A Pasta d'um Jornalista**, pelo Visconde de S. Boaventura.
N.º 67 — **Os argonautas**, por Virgilio Varzea.
N.º 68 — **Fitas de animatógrapho**, por Alberto Pimentel.
N.os 69 e 70 — **Poesias de Paulino Antonio Cabral**, abbade de Jazente, por Julio de Castilho.
N.º 71 — **Aspectos e sensações**, chronicas, de Raul de Azevedo.
N.º 72 — **Contos e narrativas**, por Brito Aranha.
N.º 73 — **Quadros e lêtras**, por Sanches de Frias.

Requisições á Parceria Antonio Maria Pereira

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta, 44 a 54 — LISBOA

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

LPor
531149

QUADROS E LÊTRAS

HISTÓRIAS E ROMANCÊTES

POR

SANCHES DE FRIAS, David Corvela
Visconde de

352195
2.7.38

1910

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 44 a 54
LISBOA

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a electricidade
DA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º e 2.º andar
LISBOA

A SUA IRMÃ

D. Maria Carolina Corrêa de Frias

POR

Sua inalteravel dedicação e rara modestia

OFERECE

O

Visconde de Sanches de Frias.

Quem aspira a distinguir-se entre os sêres vivos, deve empregar tôdos os seus esforços em não gastar a vida, sem trabalho, como o bruto, que a naturêza implantou na terra, tornando-o escravo dos seus apetites.

O nosso sêr compõe-se de uma alma e de um côrpo: a missão da alma é de comandar, a do côrpo obedecêr. Pela alma parecemo-nos com a divindade; pelo côrpo com o animal.

A glória, que dimana da inteligência, é bem preferivel á que resulta dos atributos físicos; e, visto que a nossa existência é passageira, devemos empenhar-nos em que se perpetue a nossa memória.

SALÚSTIO — *Conjuração de Catilina*.

CONTRASTE

APÓS AS FESTAS DE UM CENTENÁRIO

Gentes em barcas, pedes e cavaleiros, tôdas as edades e sexos, atulhavam, premendo-se açodadamente, os largos subúrbios, as amplas estradas e as gargantas numerosas da múrmura cidade.

Combóios arquejantes de extensa cauda, como serpentes fantásticas de entranhas miraculosas, vomitavam nas estações exércitos de forasteiros, que vinham alistar-se voluntàriamente na campanha desusada e festiva, que se debatia, *intra-muros*, num pandemónio de ensurdecêr.

Barcos velejantes, apertando-se nos desembarcadôiros, como bando de gaivotas gigantes, ondulavam á tona da água, despejando legiões de passageiros e mareantes.

Os repiques de sinos das catedrais casavam-se ao estóirar dos morteiros e ás girândolas de fôgo aéreo; as músicas, postadas em corêtos, toldados de colgaduras indianas e seiscentistas, confundiam miríades de sons com as vozes exclamatórias, rumorejantes, oceânicas de um pôvo, que se acotovelava e comprimia, tão numeróso era, nas ruas, praças e jardins, onde os festões de flôres, os mastros en-

feridos, os paineis alegóricos, os emblandeiramentos multicóres, as sanctas ornamentaes, os prestes significativos e os rompes fantásticos de illuminações — brilhavam como reflectôres de uma grande opulência ocasional.

Uma grande parte das forças vivas do país ostentava-se em cortejo cívico-histórico, cavalgando de carroças triumfaes, de bailadeiras indianas, de personagens typicas, de selvagens e guerreiros africanos, tudo e todos representantes do império dos tamanhos portuguêses de outras eras e da época faustosa dos seus maiores descobrimentos.

El-rei descia dos seus paços tradicionaes; rainhas e príncipes, cortezões e serviçaes, estadistas e embaixadas, câmaras populares, grandes e pequenos, sabios, letrados e ignorantes, encontravam-se em salões dourados, em tribunas garridas, nas reunião commemorativas, nos bailes, nas ceremonias de um vasto programa, nas ruas, nos ajuntamentos, em terra e sôbre as águas.

As damas principaes do país inteiro estrelejavam de enfeites subidos, graças, donaires e joias, tudo o gigantêsco festim. As fardas, espadins, plumagens e agaloamentos de milhares de homens lhes faziam precioso engaste.

Por cima de tôdo o esplendôr das assinaladas festas, incomprehendidas só da alta administração e da baixa ralé, troava em saudação potente e estonteadôra a formidavel e formidanda artilharia das frotas estranjeiras, que ali vinham tributar preitos, e quiçá, por um impulso irresistivel de justiça, rendêr homenagem ao solo ubérrimo dos primeiros navegadôres de dois séculos de descobrimentos marítimos e terrestres.

E nós vimos de perto o mágico festim da múrmura cidade, onde as fulgurações dos lumes varios chegaram a convertêr as noites em claros dias.

E nos assistimos ao bulicio enorme e ao vozear ensurdecedôr de uma multidão ondeante e incessantemente irrequieta, muito de vêr e pasmar.

O cerebro baralhava-se, o sangue escaldava, o côrpo, tão

violentamente sacudido por emoções diversas, estorcera-se numa nervosidade excitante, doentia!

* * *

De repente, como num sonho de transfigurações panorâmicas, realizou-se uma extraordinária mutação de scenario, ao silvo agudo de uma locomotiva veloz.

Surdo da vozeria festiva, aliquebrado de côrpo e de espírito, ao descerrar dos olhos, entumecidos pela vigília constante das nossas faculdades, pareceu-nos que perdíamos a perceção dos olhos e dos ouvidos.

Reinavam trevas por tôda a parte, e um longo silêncio era cortado apenas pelas ilanduras da uma brisa consoladôra e pelo cantar simbólico do galo madrugadôr.

D'ahi a instantes, porém, descerrou-se, ataviada de côres rosáceas sôbre fundo azul celeste, uma aurora purissima, precursôra de um sol fulgentíssimo, que em breve polvilhou de oiro luzente as veigas, os malagaes e os campos, que avistámos num espasmo fortificante.

Estávamos ainda em festa.

À borda dos caminhos, dentre tôdas as gradações dos tons salpicados de vêrde, surgiam aos tufos flôres e matizes; aos trigaes ondulavam em fundo de oiro papôilas rubras, na cumiada dos montes estrelejavam em profusão incalculavel as alvas rosêtas das estêvas; nos declives e ao fundo dos vales desdobravam-se estendaes de uma floricultura tão vistosa como atraente, semelhando tapeçaria fantástica de um sonho fetichista; o ar balsâmico envolvia e saturava o ambiente.

Ao fim do caminho percorrido, marginalmente tapetado de galas e louçanias primaveraes, côres e ondulações inimitaveis, entrávamos numa habitação tranquila, aonde não

chegavam rumôres de festins tumultuantes, nem vozerias das turbas exaltadas, nem clangôres musicaes, nem discursos altisonantes, nem vivas prolongados, nem atroamentos de artilharia de mar e terra.

No assomar a uma varanda, debruada de rosas, recebemos nas faces descoloridas as lufa-lufas salias de uma aragem acremente perfumada; sentimos os murmúrios embalsamados dos pinheiraes; sorvemos, a haustos largos, as emanações dulci-agrestes de campos e arvorêdos, e fomos, estridulamente, saudado pelo cantar dos melros, e dôcemente e encantadôramente, pelas músicas dos ninhos e pelos gorgeios inimitaveis dos supremos cantôres da nossa gentil primavera, os rouxinoes.

Ao cair da noite, augmentaram as emanações da flora verdejante, más emudecêram as poucas vozes humanas dos que erravam na paizagem.

Não mais rumôr de festas, nem falas de passeantes, nem gritos de pregões, nem rodar de carruagens, nem ardência de iluminação profusa.

Acenderam-se os luzeiros do céu, e uma paz e uma tranquilidade absolutas desdobraram sôbre as trevas envolventes as suas azas gasalhadôras.

Parêdes-meias, a balouçar-se de uma trepadeira em flôr, apenas um rouxinol se atrevia, com o seu privilégio secular, a cortar a mudêz da noite com os seus gorgeios, que as outras aves não aprendêram ainda.

Que situação aquela tão de repente!

Que silêncio aquêle!

Há que mêses não sentíamos a dulcificação de tamanha tranquilidade!

O silêncio das selvas, quanto mais conhecemos os homens, mais te adoramos a ti!

Que contraste deleitôso, entre uma vida artificial e a quietação daquêles momentos!

Acabávamos de trocar Lisbôa e as suas festas por uma aldeia de gente rústica e poucos moradôres.

Que bem nos sentíamos!

Agora que o egoísmo semi-bárbaro da Europa e os canhões americanos nos asseveram injusta e claramente que a civilisação dos nossos dias é uma mentira, como de há muito supunhamos, bemdita sejas tu, ó solidão das selvas!

Salve, rouxinol amado!

Pombeiro da Beira, 25, junho, 1895

UMA PICADA DE CIUME

Por causa de um livro — seria êste título o melhor para a narrativa, que se segue.

E vamos proval-o.

O doutôr Rebêlo, denominado assim, em tôdas as redondêzas da sua aldeia, por ajuntar á distincção do seu porte um sólido e vasto cabedal literário, era um solteirão impenitente, apesar da fama, que tinha, de conquistadôr emérito e muito afortunado nas lides amatórias.

A verdade porém era que, mau grado os rumôres furtalhudos, propagados através de muitos anos, não se lhe apontavam, ao certo, relações criminosas, ou atinentes a simples escândalos.

Que não era impecavel, e muito menos um santo, sabiam-no aquêles, que intimamente praticavam com a sua pessôa, mais alta que baixa, muito bem encabelada e senhôra de uma fisionomia insinuante, embora algumas rugas imperiosamente denunciassem uma edade madura.

Quando alguma das suas relações desertava do grémio solteiráo, o doutôr Rebêlo encolhia os hombros, em sinal de piedade e desdem, fazendo pasmar tôda a gente, que o via sempre cortejadôr das mulheres, mas donatário de uma arte especial, inegavel, extraordinária, com que sabia resistir aos laços piscatórios, que pais, tios, avós e netos pu-

cilam nas rotas das naques casadoiras, já de há bastantes de saída para conhecerem o melhor caso matrimónio, mesmo sem a consulta dos livros respectivos.

É certo que não havia sua glória, que lamentaríamos enfiar o nosso homem, envolvendo-se nas peripécias de um casamento qualquer, próximo ou remoto, em todo o concelho e na próxima cidade, que costumava frequentar.

Havia algumas murmurações, que chegam aventurar em Lorial, ligações clandestinas, em risco de um sino, com uma e mais pessoas, o que tudo monta sim, mas não chegava a provar-se, porque surgem as alevas a ignorar ausentes declaradas e menos bastardia certa.

Há mistérios ou simples maneiras de procedêr, propósitos ou exquisitices, que conferem celebridade. Se um nimbo glorioso não envolvia a figura elegante do doutor Relógio, cercava-o galhardamente uma boa e perfeita invejada fama de homem de bom gôsto, um tanto reservado em excêsso, pela muita distinção e cerrogada na sua vivêr de proprietário afastado, muito amante de caçadas, livros e flôres.

O seu gôsto de montar muito também era originalidade. Acompanhado por dois dos seus melhores cães, um galgo e um perdigueiro, o nosso doutor percorria sozinho montes e vales, pois que raramente se agregava a êstes ou aquêles dos caçadores, que, por distração ou necessidade, seguiam rumo venatório.

Por isso, como o via sair para longe quase sempre sozinho, de espingarda ao hombro, as mexeriquas da conservilhice sertaneja também aventavam episódios de genero clandestino, asseverando que o doutor Relógio, aqui e acolá, nos matagues e silvedos desertos daquela localidade, ou entre o arvoredo da borda do rio, por vêzes, não caçava coelhos nem perdizes, e sim figuras de raparigas, que não eram esquivas aos seus amavios.

A estas maldosas insinuações opunham-se, como já fica notado, o não se designarem pessoas certas e o saber-se

que, entre o mulherio do sítio, havia já um certo preconceito contra o procedimento misteriôso do doutôr, que a ninguem se ligava claramente.

Quere dizêr, na época, a que nos referimos — mulher, que êle galanteasse, aldeã ou dama sécia, possuia-se de uma grande desconfiança, notória e justificada, por julgar que perdia o seu tempo.

O que muito bôa gente podia tomar por virtude feminina não passava de uma calculada desconfiança.

No convívio social há ornamentos chamados virtuosos, cujo engaste doirado não passa de simples pechisbeque.

As uvas da rapôsa fabulosa justificam o dizêr de muita gente.

*

* *

Nas vizinhanças do doutôr Rebêlo e no grémio de uma família, que lhe era desafecta, crescia uma criança, uma rapariguita, a quem um tio padre mandara ensinar leitura, escrita e algumas prendas de mãos, distinguindo-a por sêr sua afilhada entre os demais irmãos e irmãs, que ela contava.

O doutôr, sempre que a encontrava, dirigia-lhe gracêjos próprios do sua edade, afagando-o muito, fazendo-a rir; ao que a pequena correspondia de muito bom grado, galhofeiramente, e até de um modo particular, ao que parecia, ás vêzes.

Rebêlo não levava mais longe as suas demontrações de agrado, em razão da nenhuma convivência e até inimizade surda, que mantinha com a família sua vizinha, uma gente medíocre de pequenos lavradôres.

Passaram-se anos, e a criança tornou-se mulher, já eivada do preconceito das outras mulheres contra os galanteios infructíferos do doutôr.

A agradabilidade dêste redobrou; os modos afaveis e ri-

sonhos de Joana, que assim se chamava a rapariga, apesar de tudo, não diminuiram de intensidade.

Notava-se differença apenas na duração dos breves coloquios entre os dois, á saida da missa, na rua, nos caminhos ou á borda das fazendas, uma troca de gracejos, como sempre, muito delicados e bondosos da parte dêle e muito chilreados de sorrisos por ela, que tinha uma carita simpática e uns lábios graciosissimos sôbre uma figura mediana de porte flexivel e airôso.

A Joanita, estimulada talvêz pelo que ouvia ás outras mulheres, ou pela grande diferença de edade, que nada lhe podia fazêr sentir, nos arraiaes de Cupido, como era natural, apressava-se, e como que fugia, quando o doutôr desejava prolongar a conversa, nos encontros casuaes, pois que nenhuns havia propositados.

E, pôsto isto, nada de estranhavel se poderia supôr de gracejos e palavras fugitivas, que se julgariam costume antigo, dêsde a criancice de Joana, a quem apenas se chegaria a atribuir, quando mostrava pressa, uns fracos vislumbres de pudôr natural.

E que se devia pensar do doutôr Rebêlo, quando despia o ar paternal, que se lhe chegaria a atribuir, e sorria á rapariga de uma maneira particular, mostrando-se afavel e prasenteiro, muito além do seu costume?

Que pensaremos da sua atitude, que não era realmente a mêsma de outros tempos?

A breve singelêza desta narrativa n ol-o dirá em seguida

*

* *

Uma tarde, e por sinal uma tarde risonha de primavera e na estreitêza de uma quelha, encontraram-se casualmente os dois, que caminhavam em sentido contrário.

Surprêsa agradavel do doutôr, palavras ainda mais quentes que de costume: risos e maviosidades costumadas da

parte da Joanita, que alegou pressa e tentou retirar-se, ao galar-lhe a flôr, que êle trazia na botoeira do jaquetão.

Rebêlo convidou-a a sorvêr o fino aroma da flôr; colocou-se-lhe na frente, e, quando Joana se aproximou, enlaçou-a de repente em apertado abraço, que ela, ruborizada embora, não procurou repelir, desembaraçando-se com naturalidade e seguindo o seu destino, pois que o estranho apêrto durara alguns segundos apenas, como é de avaliar.

Pensamentos do doutôr, segundo revelação, que posteriórmente recebemos:

— Não posso duvidar de que gosto muito da rapariga. O que acabo de praticar significa uma experiência, de há muito projectada, pois que eu não podia convencêr-me de que ela, tendo levado tôda a sua vida a ouvir dizêr mal de mim, no seio da sua família, e olhando para esta figura, que duas vêzes podia sêr seu pai — chegasse a sentir qualquer coisa fôra do vulgar e menos a corresponder-me.

Êste abraço porêm... Não o repeliu... não o condenou... Será possível, como disse um dos nossos poetas satíricos, que janeiro chegue a conquistar as simpatias da primavera? que um velho, embora de frêsca aparência, ao que me dizem, possa impressionar cordeàlmente os vinte anos de uma rapariga, que não deve esperar de mim legitimidade de relações?

Tudo podia sêr, diremos nós por nossa vêz.

Não era caso estranho de psicologia o que maravilhava o doutôr Rebêlo.

Entretanto êste duvidava ainda, e ardia por nova e mais significativa experiência.

Nôvo encontro proporcionou-lhe a ocasião propícia, que tanto almejava, isto é, deu-lhe ensejo á conversação de um quarto de hora.

— Estás mal comigo, Joanita? — começou êle, encarando-a muito.

— Mal... porque, senhôr doutôr?

— Ora porque, por aquêle abraço da quelra

— Ah! ah! ah! — gargalhou a rapariga — bem me lembro eu agora disso! Olha a grande coisa!

Rebêlo não gostou da indiferença, que lhe parecera notar nos modos dela, deslembrando-se de que entre gente do campo, um abraço passageiro, às furtadelas, é coisa de pequena monta.

Nas eiras então, em ocasiões de descamisada, ao aparecimento de espiga encarnada, chovem abraços longos e muito chiados entre gente de tôdas as edades e de ambos os sexos.

Joana porém aparentava certas diferenças: não andava descalça, não usava tamancos; trajava com certo apuro; sabia lêr, escrevêr, e bordar; não se entregava a trabalhos muito pesados e grossêiros; e, embora não pudesse emparelhar com uma senhora, tinha modos finos e exterioridade limada.

Não era pois uma genuina camponêsa.

O doutôr queria uma prova real dos seus sentimentos, e continuou:

— Muito estimo que não estejas zangada comigo, admiro-me porém de que tão cêdo te esquecêsses de uma coisa, que tanto gôsto me deu.

— E essa coisa... vem a sêr...

— O abraço, que te furtei, bem sabes. Olha lá: tu eras capaz de me dar outro abraço, acompanhado de... de um beijo? Vamos... fala.

— Eu... eu...

E Joanta baixou a vista, ficando-se a derriçar com as pontas dos dêdos o avental garrido.

— Eu... eu...

— Espera. Não respondas ainda, sem me ouvir novamente. E' preciso que saibas e claramente que, há muitos anos, gosto de ti. Emquanto permanecêste criança, eu entendi que era impróprio, um pecado grande até, o declarar-me: agora que és uma mulher perfeita, um tanto lida e inteligente, não tenho escrúpulo nenhum em dizêr-te o

que acabas de ouvir. Fala-me francamente. Davas-me um abraço, acompanhado de um beijo, se eu t'o pedisse?

— Dava... dava... mâs... não dou.

— Não entendo bem; explica-te. Ah! já sei. Eu .. eu um velho... tu... uma rapariga...

— Enganou-se. Aos meus olhos não é velho; vale tanto como um rapaz. Enganou-se, já vê.

— Obrigado, Joanita. Estás-me a fazêr vaidôso. Não me concedendo o que eu peço, porêm, dás-me provas de que não gostas de mim, e de que não é verde o que affirmas.

— Ainda se engana.

— O' Joanita, que me dizes? Gostarás tu de mim? será certo? Fala... anda.. dize-m'o.

— Pois gosto, sim, senhôr.

— Então... porque motivo não cedes ao meu pedido? Que te custa? Ou tu não falas verdade... ou...

— Falo verdade, mâs não posso fazêr o que me pede; e não... e não.

— Explica-te, rapariga; explica-te.

— O senhôr doutôr não póde querêr-me para sua mulher; é muito alto e eu muito baixa em têres e sabedoria; e não quere casar; o que, verdade, verdade, me não importa muito.

— Se te não importa isso, poderiamos continuar umas entrevistas ligeiras mâs ocultas, onde nos fôsse dado, bem a nossa vontade, fazêr confidências, trocar carícias...

— Não, senhôr; não posso fazêr-lhe a vontade, porque eu, agora ou logo, cairia na bôca do mundo; ficaria deshonrada, embora o não estivesse; meus paes, que muito estimo, teriam enorme desgôsto, e eu morreria talvêz, ao vêr-me difamada.

— Sinto o que me dizes, Joanita, mâs não desespero ainda. Gostas de mim e muito? Vamos... responde sinceramente e breve, que isso nenhum mal te faz. Então?

— Gosto e... muito.

— Pois bem. Eu hei-de buscar te, sempre que possa, sem

dar nas vistas, é claro; perseguir-te, falar-te, procurar-te e instar por aquilo, que me daria muito prazér e ventura... o encontrarmo-nos a sós, de quando em quando.

— Perderá o seu tempo. Verá.

E, chegada a êste ponto, a bela rapariga deitou a correr, estrada fóra.

— Prosigamos, apesar de tudo — pensou Rebêlo, dirigindo-se ao local, que demandava, alegremente, assobiando uma cançonéta, que ouvira num dos teatros de Lisbôa, onde estivera ultimamente.

* * *

O assédio à praça rebelde tornou-se de facto a preocupação constante do nosso homem, que não deixava de reconhecêr como bôas e sensatas as razões opostas aos seus desejos.

Estes desejos não representavam, em verdade, um simples capricho ou resultado de um temperamento licencêioso, ou a prática de uma determinada extravagância; eram antes a consequência de uma forte e sincera simpatia, que rastejava pelas vizinhanças do amôr, e que ainda não tinha uma extensão definida.

Se as palavras de Joanita não importavam um artifício, que pretendia explorar-lhe a impaciência, ela correspondia-lhe tanto quanto os seus escrúpulos permitiam.

Rebêlo portanto, na sua tenacidade, tinha razões de procedêr como procedia, tentando vêl-a e falar-lhe; no que havia intervalos desconcertadôres de dias e até de semanas e contrariedades sem conta, porque a rapariga evitava propositadamente tôdas as ocasiões de aproximação.

O fulgôr do seu vivo olhar, num encontro fortuito; o seu sorriso atraente, o seu falar maviôso diziam ao seu perseguidôr que as diligências e cuidados, de que a cercava,

lhe não eram inteiramente indiferentes, e até achavam eco no seu coração.

Seria realmente assim?

A súplica porém de uma entrevista a ocultas, a permuta de blandicias cariciosas, uns passos premeditados em busca do namorante, a demora aqui ou ali pára lhe falar — não encontravam cabimento no querêr de Joana, que ás vêzes chegava a ocultar-se ou a fingir que não via passar o doutôr Rebêlo na travessa fronteira á sua varanda.

Uma varanda de aldeia, cercada interiôrmente, ou sôb a proteção dos beiraes, de vasos com mangericões, tomilho ou serpol e frequentada por mulher frêsca e vistosa — é o melhor e mais poético ornamento das respectivas moradias.

A dengosa Juliêta do maviôso e apaixonado Romeu não ganharia tamanha celebridade e tão grandes fôros de poesia ardente, se lhe faltasse a varanda, onde brilhou como semi-deusa do amôr.

Não sabemos até onde chegava o fermento poético do doutôr Rebêlo; más crêmos piamente que, por vêzes, a leve e airosa figura de Joana, a meio da sua varanda enfeitada de plantas aromáticas, lhe pareceria a histórica Juliêta, de quem êle, teimosa e ardententemente, se constituira Romeu.

O insucesso, porêm, desorientou-o.

— Olha, Joana, — clamava êle já desanimado por tão infructíferas diligências, de uma vêz, apressadamente. — Estou convencido de que me não falaste verdade, quando me afirmaste o teu agrado pela minha pessôa.

— Não diga isso.

— Digo e redigo. Uma mulher, que ama, não faz o que tu fazes. Vou pois abandonar o meu modo de procedêr a teu respeito. Não tentarei mais vêr-te, nem avizinhar-me de ti. Vaes ficar livre da minha perseguição; não tenciono mais incomodar-te, nem incomodar-me. E adeus, menina: adeusinho.

E o Rebêlo virou costas abruptamente, desta vêz séria-

mente abespinhado, e aparentando intenções pouco ou nada benévolas.

Joana desandou para sua casa, sem pronunciar uma palavra, expeditamente; más... quem atentasse miudamente nos traços da sua fisionomia, poderia descobrir algumas sombras significativas.

Estamos em dizêr que o recente procedimento do doutôr significava ainda uma táctica, último expediente, que o seu largo tirocínio lhe aconselhava, como meio de debelar a crise, que êle sentia profundamente.

O paradoxo nem sempre representa um desarrêlhavo.

Ha naturêzas, em que a indiferença e o próprio desprêso são fermento pára sentimentos afectuosos, representando um estimulante pára a morbidêz de certos doentes.

Rebêlo, já sériamente despeitado, chegou a persuadir-se de que a rapariga tentava subjugal-o com o seu modo de procedêr; e êle, altivo como era, sofrêsse o que sofrêsse, não o consentiria.

Em seguida, a consciência acusava-o, e êle monologava:

— Sou um tôlo. Porque é que a reluctância, que me escandaliza, não poderá sêr um atributo de virtude, uma manifestação de probidadê? As aldeias representam viveiros de constante soalheiro, onde se fazem e destazem reputações; e Joana tem justificado receio das aguilhoadas, que não poupam ninguem. Sou um tôlo, uma creatura desarrazoada.

Mais tarde, falava o amôr próprio beliscado; e êle pensava:

— Nada. Seja como fôr, o meio de que vou lançar mão, como se diz em política e em táctica militar, servirá pára extremar os campos. Custa-me, não há dúvida, más hei-de vencêr, ou acabar com isto por uma vêz.

E o caso é que, no decorrêr do tempo, afectou indiferença, afastou-se de tôdo o rumo até ali seguido, chegando a respondêr com certo azedume, secamente, sem ar de ri-

se, ao cumprimento de Joana, quando de longe em longe o acaso lh'a fazia encontrar.

— Não quererei nada mais de ti, salvo se um dia eu reconhecer que deste alguns passos expressamente por mim — concluira êle, no ardôr do rompimento, ao desviar-se de Joana.

Decorridos três mêses, o resultado mostrou-se completamente nulo.

Nenhum dos dois mudara de procedimento.

Nem Romeu se acercava palpitante de enlêvo, pressuroso, enamorado, da romanésca e odorífera varanda de Juliéta; nem esta se demovia das suas intenções de aparente desapêgo.

— Tem razão, tem — concluia desconsoladamente o bom do Rebêlo. — Ela é uma rapariga, e eu... eu... sou um velho. Tem razão.

E resolveu, se pudesse conseguil-o, não pensar mais no caso.

Um dia, regressava êle, a tardinha, de uma fazenda sua, aonde fôra dirigir um trabalho agrícola. Por falta de outro caminho, era obrigado a passar em frente da fatídica varanda da ingrata, que, por méra casualidade, a essa hora, estava encostada ao corrimão, naturalmente, a espairecêr, a tomar ar, a vêr quem passava.

Êle fobrigava-se a certa distância, e formara bôa tenção de fingir que a não via.

Exactamente na ocasião, em que ia a defrontar-se com o lugar indicado, uma bonita rapariga, aninada do doutôr Rebêlo, vindo em sentido inverso, isto é, caminhando pára êle, se avizinhar-se, beijou-lhe a mão, respeitosa e risonha.

O padrinho escutou-a, atonamente, na face, que ela lhe oferecera.

Joana presenciou aquêle rápido e singelíssimo acto, que pareceu causar-lhe estranha impressão.

Desligou-se impulsivamente do corrimão, a que estava encostada, abriu muito os olhos, e tomou em seguida, como que por encanto, um aspecto carranculo.

As mãos crisparam-se-lhe, e trouxeram alguns cabêlos, quando ela as levou á cabêça, em repelão involuntário.

Que tinha de extraordinário um episódio tão natural e simples, uma singela demonstração de afecto e respeito, tão usual, tão espontânea, tão cortês e necessária entre padrinho e afilhada?

Que reviramento se produzira na compleição, um tanto indefinida e até misteriosa de Joanita, que, a par de uma simplicidade ingénita, apresentava uma forte energia?

Que sentimento oculto, não experimentado ainda, lhe revolveu as entranhas, tão instantânea e profundamente? Que mola estranha e desusada a impulsionou, como em tablado mágico, e a fêz mudar de posição, de um modo tão estranhavel?

Saindo da varanda, e penetrando no interiôr da casa, fêl-o tomada de grande clóro, curando uma dôr, que nunca tinha experimentado, como se a ferisse uma lâmina de finíssimo aço.

Extraordinária e fenomenal organisação a sua!

Que ferro fôra êsse, que tão fundamente a trespassara, em meio de uma tranquilidade julgada inalteravel? que sentira ela pôra tamanho e tão doloroso efeito?

Uma... simples picada de ciúme.

Nada mais nada menos.

Mas... o ciúme genuino é marca certa de amôr, ao que se diz, e sabe. Joanita amava? e quem amava ela?

Que é que lhe despertou tão crú e duro sentimento?

— O que eu sinto por êle, Deus do céu! Agora o sei bem! — murmurava a pobre rapariga em soluços.

Sem esperar o que os fisiologistas experimentados possam dizêr dêste caso, ficamos convencido de que uma fais-

ca quase imperceptivel póde originar um pavorôso incêndio.

O doutôr Rebêlo triunfava.

O que se não alcançou com repetidas solicitações e finêzas, com fartas e trabalhosas demonstrações de afecto, com pedidos e protestos, com amavios e arrelias —fizera-o uma simples picada de ciúme.

E vão lá os que se reputam conhecedôres do coração humano discretear sôbre o estranho acontecimento, em que figura a graciosa Joanita!

Mas... pensando bem... de que incêndio saltara a pequena faisca do ciúme?

De um beijo casto, dado em plena rua, á vista de tôda a gente, nas faces puras de uma quase filha do doutôr Rebêlo?

Assim o anunciava o estranho soliloquio de Joana, entrecortado de soluços, onde se distinguiam estas palavras:

— Que raiva! que desconsolação! beijar uma cara, que não era a minha! que raiva!

Acordara o instinto bravio da camponêsa, e portanto despertaram as qualidades adormecidas de uma paixão, que participava da naturêza das selvas e das agruras dos montes.

O doutôr Rebêlo triunfava.

A linda Joanita, dahi a poucos dias, apertava-o nos braços, satisfazendo-lhe, de bôa mente, o pedido tão custôso e tão retardado.

. . . . . .

E nós, ao relatar o inicio de tão curiosos amôres, quedamo-nos por aqui, admirando mais uma fase extraordinária do coração humano.

E o seguimento da história?

Dal-o-emos a sabêr, quando o afortunado doutôr Rebêlo se alargar comnosco em novas confidências.

A MACROBIA

Tôda a gente ignorava o seu nascimento. Não havia papiro, tabela, pergaminho, codice ou escritura qualquer, antiga ou moderna, que lhe assinalasse a edade.

Ninguem reconhecêra ainda a sua procedência.

A mocidade leviana ou descuidosa só lhe dava atenção, quando ela a servia com o seu limitado préstimo.

Os velhos, ao passar por ela, murmuravam:

— Coitada! ja foi bôa no seu tempo; hôje rasteja pela nossa fôrça. Velha e doente...

— Hum! — afirmavam outros. — Tomáramos nós a vivêr ainda o que ela viverá. Assim como não há quem lhe marque os anos passados, ninguem lhe poderá prognosticar a vida futura.

Tinham sobrada razão os que desta guisa raciocinavam.

A não ocorrêr qualquer fenómeno atmosférico, que produzisse um raio exterminadôr, não era possivel que aquela existência findasse tão cêdo.

Os vestígios da longa senectude assentavam sôbre corporatura muito ancha, embora um tanto combalida.

A mobilidade das estações encontrava-a erecta; o sol, as chuvas, a geada e os ventos não lhe abalavam a estatura agigantada, que, sofrendo embora, se não dobrava, e resistia sempre ás inclemências do tempo.

A sua história, que ninguem ouvira ainda, seria, sem dúvida, uma larguíssima e pitorêsca narrativa, muito povoada certamente de retrocessos e progredimentos, do mal e do bem, de risos e de lágrimas, de bemquerenças e atrocidades, de paz e guerra, de orgulhos e vaidades, de tudo finalmente, que forma os diversos estádios da humanidade, no incessante decorrêr dos séculos.

Que história a sua, se, como era tanto pâra querêr, a pudesse contar ela própria!

Que florescências de tantas primaveras idas! que diversidade de invernos em tamanho decurso de tempo! que longos estios de variegada temperatura! que outonos tão opulentos de destruições e de vida, no ambiente campesino, onde ela vivia!

E os nascimentos de milhares de pessôas, pobres e abastadas, grandes e pequenas, com as alegrias, que lhes são próprias? e os festejos batismaes? e o ruido característico e os entusiasmos brilhantes de imensos casamentos? e os clamôres tristonhos dos malaventurados? e a existência folgada dos felizes? e as injustiças, os latrocinios e os ódios de muitos, em épocas tão distantes e quiçá tão diversas? e as virtudes e os heroismos de tantos? e os casos múltiplos de vida e morte? e as festas comovedôras da liturgia católica? e as misérias, lamentações, pompas fúnebres, em tão crescido número de enterramentos?

Que panoráma vastíssimo, interminavel, maravilhóso de acontecimentos multiformes; e que caleidoscópio entontecedôr, policromo do caminhar de algumas gerações — não nos apresentaria a memória incomensuravel da macróbia, se ela tivesse ioqueda pâra tão dilatado e numeróso dizêr!!

E porque o não faz, ao influxo do nosso ardente e sôfrego desejar, pois tanto lhe queremos, ou á simples nervosidade da nossa penna, que desejaria perpetual a? porque não fala, pouco ou muito, a espaços cadenciados, se lhe faltarem as fôrças pâra mais?

Não é uma evocação de além-túmulo; existe, segundo

vemos; pois então que use da palavra; que escreva, se não pode articular sons linguisticos; que fale, pois que resiste aos anos provectos, e tanto vive!

— Já não vive, desgraçadamente para nós, que do fundo da alma a prezávamos.

— Morreu pois?

— Não morreu: mataram-na.

— Pobre macróbia! Quem perpetrou o crime odiento? quem foi o scelerado?

— Uma rajada de vento ferino.

— Incrivel! Que edade tinha a desventurada?

— E sabia o alguem? O que se aclarava facilmente era que ela vivera alguns séculos.

— Engano! Não ha creatura humana duas ou três vêzes secular; nunca viveu, nem viverá mulher nenhuma com tão dilatada existência.

— Mulher! E quem fala em mulher?

— Não nos disse, ainda ha pouco, sentidamente, que nutria por ela extremos de afecto? que a amava?

— E confirmo o que disse, com a alma chorosa e prenhe de saüdades.

— Então a macróbia não constituia uma mulher?

— Não e não! juro-o.

— Nem tanto se exige. Quem era então a celebrada macróbia?

— Um opulento produto do ubero vegetal beirão: era... uma larangeira.

— Uma larangeira!

— Provinda da larga série dos nossos avoengos, e a seu tempo herdada por nós.

Cercada de um lado pela casaria da habitação, onde vimos a luz, e do outro pelo arvorêdo do quintal, de que ela era principal ornamento e sentinela vigilante, tão airosa como corpulenta, pois que rivalizava, em tronco provecto, com as saliências de um grôsso castanheiro, viu-nos nascêr, como a tantos dos nossos antepassados, como a uma avan-

tajada serie de gerações, por sêr duas ou três vêzes secular, conforme fica dito.

Quando nos acolheu infante, e nos acompanhou na maioridade e veio pára o nosso podêr, já de há muito se mostrava ferida pela extrema decrepitude.

Como a sua robustêz e frondosidade haviam sido fenomenaes, o estrago dos anos não produzira ainda completa caducidade.

Entretanto era manifesta uma grande velhice. O ámago do tronco já bolorento e carcomido representava os estragos intestinaes da humana especie; a casca fendida e borbulhosa semelhava as rugas; os musgos ásperos e amarelecidos significavam as câs; e as raizes arqueadas, emergindo desnudadas da terra, a fraquêza das pernas bambeantes e descarnadas.

A copa, fértil manancial de abundantes e saborosos fructos, perdêra a sua unidade e galhardia; do lado carcomido já se não ostentava a ramagem; os braços folhudos e ainda fecundos, que lhe atestavam a vida, erguiam-se só do lado contrário, e resistiam a temporaes e anos adversos.

Estivémos mais de três lustros sem a vêr. Quando nos acercámos dela, saímos e acariciadôr, á volta de extensa peregrinação em terra estrangeira, falámos-lhe compungido, e tivémos dó do imerecido abandono, a que a tinham votado.

Tratámos, reverente e pressuróso, de lhe matar a fome e saciar a sêde.

A sua produção estava reduzida a meia dúzia de fructos, tristes, decadentes.

Fornecemos-lhe alimento, fazendo-lhe em volta do baixo tronco um airóso cercado, repleto de bôa terra estrumada, que lhe afagou, e protegeu as raizes desamparadas; e fornecemos-lhe bebida confortativa, regando-a a tempo e horas, no rigôr do estio.

Não satisfeito ainda, podámos-lhe os ramos sêcos ou crestados por sucessivos gêlos: medicámos-lhe as cesuras com

tenimento cerôso; limpámos-lhe as arestas purulentas do intestino carcomido, e sacudimos-lhe pára longe os musgos insistentes e parasitários.

A velhinha, de agradecida, lançou rebentos novos, deu à folhagem um vêrde mais setinôso e frêsco; aumentou a parte fructifera, e deu sucessivas e robustas esperanças de passar florejante ao domínio dos nossos descendentes.

Nós revíamo-nos naquêle vetusto exemplár de vegetal misterioso por sua antiguidade, sacro objecto dos nossos penatos, presenciador concreto de tantas e tão variadas gerações.

O nosso amôr era um culto, que julgávamos transmitido por testamento dos nossos antepassados

A nossa vida nada era perante a vetustôr daquela entidade, que ramificara ainda, depois da nossa extinção, pelo futuro dentro.

Era uma preciosidade, um símbolo de família.

Uma noite, a horas adiantadas, reinou por montes e vales o açoite formidando de uma calamitosa tempestade, impelida por vento desumanal, que ameaçava desmoronar casas e escavacar arvorêdos.

A certa altura, no horrorôso fragôr de uma lufada repentina, ululante e devastadôra, pareceu-nos alguma coisa ruira medonhamente, silvando lamentos, pára os lados do hôrto, parêdes meias da nossa habitação.

Quando, ao despontar do sol, que foi o têrmo da tempestade, corremos ao sítio indicado, a velha e querida árvore jazia no chão, de raízes mutiladas, arrancada profana e violentamente pelo braço brutíssimo de um desmedido furacão.

Valente e bizarra macrôbia! Só um raio se atreveria a fendê-a! só um tufão especial conseguiria cavar-lhe a ruína, lançando-a por terra, de modo que ninguem pudesse valêr-lhe!

Potente macrôbia dos nossos avós, como te deploramos ainda hôje!

E mataram-te, sem que nós, tão dado a estudos do passado, te ouvissemos a famosa história da tua vida longeva!

Nobre coeva de tempos heroicos e patriarcaes!

Amada relíquia familiar!

Saudosa macróbia, companheira da nossa meninice!

MAU GÊNIO

Há anos, numa bela tarde nos fins da primavera, conversavam dois amigos, sentados pachorrentamente num dos bancos da avenida lisboêta, que substituiu o antigo passeio público de festiva, poética e florida memória.

— E' como vê — dizia o doutôr Bernardino, homem douto e grave, ao seu companheiro, sujeito elegantemente trajado, de simpática aparência e de edade menos adeantada, — E' como vê, meu caro. A mania dos estranjeirismos até nos jardins se manifesta, imitando-se a penúria dos países, que não gosam de clima como o nosso, e que pôr isso não podem ostentar a fresura, abundância e brilho da nossa floricultura.

— Diz bem, doutôr; diz muito bem.

— Pois não é assim? Veja o que temos á volta de nós. Uma lastima. Em vêz dos graciosos labirintos de verdura, arborisação copada e bracejante, macissos floridos de variados e opulentos matizes e grupos de esplêndidas roseiras do antigo passeio público, contemplamos, de ânimo frio, palmeiras exóticas e esgrouviadas e placas de monótona grama, uma pesada e fúnebre ornamentação...

— Em terra de sábios, requere-se muita .. erva; e por isso vemos por ahi tanta...

— Alem da erva ... os promotôres de tudo isto precisavam, pelo menos, das aibardas, que requisitara o marquês de Pombal.

— O seu querido marquês... heim, doutôr?

— Sim... o meu querido marquês e grande homem. Ah! que se êle vivêsse ainda hôje!...

— Não seria o célebre estadista, que foi.

— Que? que?

— Não seria: pode crêl-o. Diante do parlamentarismo parcial e obstructôr, não haveria Pombal, que pudesse valêr.

— Terá razão talvêz...

— Tenho-a tôda. Só o cérebro potente de um homem livre chegaria a elevar-se a semelhante altura. Mâs. . voltemos ás albardas do marquês... Que vem a sêr essa requisição de objectos tão grotêscos?

— É uma das tantas anedoctas, que se lhe atribuem. Os homens daquêle tempo, ainda os mais sombrios, não perdiam, com a madurêza, alguns minutos do bom humôr, adquirido nos descuidosos tempos de Coimbra ou na bohémia lisboêta, em que se tratava de amôres, rixas e estúrdias.

— Venha a narrativa.

— Ahi vae. O marquês mandara escrevêr a um dos fornecedôres do exército, encomendando lhe duas mil alabardas. O secretário, por descuido, porêm, suprimiu o segundo *a* do objecto pedido.

«Passados dias, o fornecedôr fazia sabêr ao grande ministro que em breve receberia as duas mil *albardas* de sua encomenda.

«O marquês, reconhecido o engano do secretário, pegou da penna, e escreveu:

— Com relação ás albardas, basta que me mande duas: uma pâra o meu secretário, que se enganou, ao escrevêr-he a carta: e outra pâra mim, que a assinei, sem a lêr.»

— Sim, senhôr. Bem achado prémio pâra os mandadôres da jardinagem, que vemos.

— Ainda bem que é da minha opinião. Ah! O marquês até nas anedoctas foi grande.

— Como seu apaixonado, deve sabêr muitas. Eu sou

doido por êsses nadas históricos, que chegam, ás vêzes, a daguerreotipar um indivíduo, que foi notavel. Se me contasse mais alguma anedocta..

— Com tôdo o gôsto. A que lhe narrei é das mais vulgares. Ora ouça lá.

— Sou tôdo ouvidos.

— Ao participarem ao marquês, numa prolongada conversa, que havia no reino cêrca de dôze mil capelas, onde se diziam quinhentas mil missas anuaes, exclamou: — «Chegar-se-á ao ponto de sêrem as almas do outro mundo senhôras de tódos os prédios dêste reino.»

— Diga mais, meu caro doutôr.

— Conhece o *Hissope* do Antonio Dinis da Cruz e Silva?

— Conhêço. E' um poema satírico de primeira ordem.

— Pois bem. O assunto tem por fundamento o conflicto burlêsco entre D. Lourenço de Lencastre, bispo de Elvas, e o deão José Carlos de Lara, por êste se recusar a entregar áquêle o hissope, á entrada na casa do cabido.

«O bispo, ao lêr o poema, ficou rubro de cólera, e tôdo azafamado e apoplético de indignação foi queixar-se ao marquês de Pombal.

«Êste ordenou que viesse de Elvas o irreverente poeta, a quem mandou que, em sua presença e na do prelado ofendido, lêsse a sátira cruel e difamatória.

«Cruz e Silva obedeceu promtamente, e, durante mais de duas horas, estêve martirizando com a leitura do famôso poema a vaidosa prosápia da sua víctima, sòb a dura insistência da lunêta do marquês, que, simulando um desagravo, inflingia um enormíssimo suplício ao bispo, que se volvia, e revolvia, de raiva, na cadeira, em que se sentava.

«Bem quis, por vêzes, o bispo fugir ao tormento; o olhar inflexivel do marquês, porêm, pregava-o ao assento, que lhe servia de pôtro.

«Terminada a cruel leitura, que a voz maliciosa do poeta salpicava com reticências, amoldando o ritmo á intenção, frisando e dando relêvo ás passagens dos próprios trêchos

menos zombeteiros, o grande ministro deu a conferência por finda, despedindo o prelado com êstas palavras:—«Pediu-me Vossa Reverência um castigo exemplar pâra êste audaciôso e irreverente poeta. Vá descansado que até heide pôl-o fóra do reino.»

«Dahi a dias, o poeta do *Hissope* recebia, em sua casa, o rendôso despacho, que o elevava a desembargadôr da relação do Rio de Janeiro; o que representava um dos cargos mais apetecidos daquêle tempo; e por tanto prémio e não castigo.

«O bispo não ficaria contente; más o Cruz e Silva exultou, sem dúvida.

— Muito significativo e muito próprio do Pombal êsse rasgo de hombridade e justiça. Elegante e aprumada mulher a que passou, há instantes, e se foi sentar naquêle banco, á borda do lago. Não reparou, doutôr?

— Passou-me despercebida. Como o meu amigo tem um fraco decidido por aventuras inesperadas com o belo sexo, ás vêzes, um tanto vagabundo, vá-se divertindo, que eu terminarei por aqui as minhas anedoctas pombalinas.

— Não, senhôr. Agradêço-lhe até as provas, que me dá, da sua excelente memória. Peço-lhe que continue.

— Como se trata de mulheres, farei referência ao que se passou com a condêssa do Prado, que se queixou amargamente ao marquês da infidelidade do marido, que entretinha relações de amôr com uma dama de nome *Perpétua*.

«Pediu, e alcançou a condêssa que esta senhôra, sua rival, fôsse internada numa casa religiosa.

«A acusada, por sua vêz, sabendo do que se passava, pediu, e obtêve uma audiência do marquês, ao qual dirigiu a seguinte súplica, em papel timbrado:

Senhôr, em justo respeito,
E' bem que á clausura vá
Vivêr *Perpétua*, que já
Foi do *Prado* amôr perfeito.

Mâs... suponho que o efeito
Haveis de vêr malogrado.
Oh! que pensamento errado!
E' impossivel, senhôr,
Que vivêr possa uma flôr
Fóra dos mimos do Prado.

«O Pombal sorriu-se benevolente, e revogou as ordens dadas, pâra a pedida reclusão.

— Obrigado, meu bom doutôr! Vêjo que é um manancial inexgotavel de tudo o que possa relacionar-se com o seu famôso marquês...

— E grandíssimo homem, como outro não houve ainda, nem haverá no nosso bom Portugal. E adeus, que se os seus ouvidos já me não dedicam a devida atenção, os olhos ainda menos se ocupam da minha pessôa. A mulher do lago lá está a enfeitiçal-o...

— O' doutôr... por quem é...

— Adeus, meu caro amigo. Até mais vêr. Seja feliz; e adeusinho. Cuidado porêm. Daquêle género há tanta fasenda avariada!

— Doutôr, eu vou acompanhal-o. Não pense que eu...

— Não consinto. Adeus... adeus.

E o doutôr Bernardino, sorrindo maliciosamente, correu a tomar uma carruagem de praça, a que fêz sinal, porque passava fronteira ao lugar, onde estivera a conversar.

*

Fernando da Silveira, que assim se chamava o amigo do doutôr Bernardino, enfraquecêra, de facto, a atenção prestada ás narrativas anedócticas, porque a personagem feminina, que, ao encaral-o, de passagem, pareceu impressionar-se, lhe entretinha os olhares, correspondentes, segundo julgava, aos que lhe eram dirigidos da bancada do lago, onde ela fôra sentar-se.

Como era natural, o Silveira, picado de curiosidade e de não menos atração, que o caso envolvia, á despedida do doutôr, dirigiu-se lentamente para o sítio indicado.

A dama, percebendo êsse movimento, pareceu confrangêr-se e ruborizar-se um pouco; levantou-se, e seguiu, retrocedendo pâra a entrada da avenida.

Embora se diga que um atrevimento bem conduzido não desagrada ao commum das mulheres, Fernando não saía nunca das melhores práticas da delica-lêza, em circumstâncias eguaes. Parecia-lhe mal a arrojo grosseiro, que notava em muita gente do seu sexo.

Não estugou o passo afim de dirigir a palavra a gentil desconhecida; limitou-se prudentemente a seguil-a, a uma distância respeitosa e inculpavel, até que ela, encaminhando-se para a travessa de S. Domingos, lhe desapareceu da vista, internando-se no portal de uma casa de bôa aparência e insuspeita do genero de mulheres, a que aquela podia pertencêr, embora as aparências a não condenassem.

Fernando, bom pratico de aventuras diversas, embora desconfiado e pouco crédulo, conhecia de sobejo o que, na presente situação, lhe convinha fazêr.

Dirigindo-se ao passeio fronteiro do prédio, onde entrou a personagem, que seguira, fingiu que ha um minucioso cartaz de theatro, e demorou-se, passando disfarçadamente em revista as janelas dos diferentes andares, a uma das quaes esperava que ela assomasse.

E não esperou em vão.

Em breves instantes, a mulher do lago chegava a uma varanda do quarto andar, já em cabêlo e a descalçar as luvas.

Se a ousadia fosse bôa conselheira, e bastasse a curiosidade ao nosso passeante, teria êle investido escada acima até ás alturas, onde lhe apareceu o vulto esbelto, que, verdade verdade, se não demorara no lugar, em que fôra visto.

Êsse processo, porêm, era arriscado, incerto, podia comprometêr seriamente a pessôa, que lhe era desconhecida, e

desdizia das bôas praxes, seguidas pelo Silveira, muito cortêz e sempre muito respeitôso, como já indicámos, pâra com as mulheres, que lhe parecessem dignas de alguma deferência.

Uma das lojas, sôbre que assentava o prédio indicado, era ocupada por bem fornecida mercearia.

Fernando espreitou da rua, e viu um dos caixeiros, o principal, despreocupadamente encostado à mais próxima extremidade do balcão.

Entrou, e perguntou-lhe, a meia voz, de modo que só o caixeiro o ouvisse:

— Pode têr a bondade de me dizêr quem ocupa o quarto andar desta casa, se o sabe?

— Êsse andar é dividido em duas partes. Uma é habitada por costureiras, e a outra, a melhor, por uma senhora, que vive dos seus rendimentos.

— Lado esquêrdo ou direito?

— Do esquêrdo, subindo.

— Muito bem. E essa senhôra chama-se...

— D. Julia da Costa. Vive com uma criada e um menino, filho desta, que é casada com um operário do arsenal.

— Estou satisfeito. Muito obrigado.

* * *

Dalli a duas semanas, o doutôr Bernardino, o indefesso amigo e admirador do marquês de Pombal, passeava novamente na avenida com o seu muito afeiçoado Fernando da Silveira, a quem perguntou, no estilo incisivo e velhaco das grandes cidades:

— Então? então... a praça capitulou?

— A que se refere o meu douto amigo?

— A' sirigaita do lago, à romanêsa mulherzinha, que lhe deu de olho, há já não sei quanto tempo.

— E se assim fôsse?

— Nada de estranhar. O meu amigo é ainda de bôa edade, homem livre, bem parecido e muito dado a investigações poéticas e a emprêsas de género romântico; está pois no plenissimo direito de corrêr aventuras e até de conquistar meio mundo feminino.

— O que ahi vae! o que ahi vae! Só um Hércules podia têr fôrças para tanto.

— Meu caro, lá disse o marquês de Pombal...

— Outra vêz o Pombal?

— Agora e sempre. Ah! que se êle ainda existisse!... Mâs... a propósito. Não conhece o que o grande marquês disse ácerca da fôrça humana?

— Talvêz saiba. Não me lembra.

— Eu lhe digo. Quando em 1762, a Espanha instava fortemente pâra que Portugal fechasse os seus portos aos inglêses, mandou-nos ameaçar pelo duque de Almodovar, que, em conferência com el-rei D. José, lhe certificou claramente, no caso contrário, que um exército de sessenta mil homens invadiria as nossas fronteiras.

«O monarca, sem se exaltar, mandou que o duque, enviado do reino vizinho, se entendêsse com o ainda então conde de Oeiras.

«O futuro marquês de Pombal, encrespando as rugas da testa, e cravando a vista, através da sua impertinente lunêta, no enfatuado diplomata, respondeu placidamente:

— Sessenta mil homens muita gente é pâra casa tão pequena, mâs, querendo Deus, el-rei, meu amo e senhôr, sempre há de encontrar sítio pâra hospedal-a. Mais pequena era Aljubarrota, e lá coube tôda a que acompanhou D. João de Castela. Pode o sr. duque respondêr isto ao seu monarca, e certificar-lhe que um homem em sua casa tem tanta fôrça que, ainda depois de môrto, são precisas quatro pessôas para o tirar dela.

Fernando, ao vasculhar a memória, declarou-se conhecedôr do caso, narrado em abono da fôrça humana e refôrço da paixão e declarado fanatismo, votados pelo dou-

tôr Bernardino á reputação e feitos do famôso e afamado estadista português.

— Só o grande marquês, o extremado patriota, podia responder aquilo — rematou o admirativo doutôr.

Andando e conversando, o Silveira alargou se em confidências, fazendo saber ao seu velho amigo que já obtivera uma entrevista, e que estava muito interessado no proseguimento da sua nova aventura.

— Já nós lá vamos: Chegaram a entendêr-se? — interrogou o doutôr.

— Sim e não. Julia da Costa, livre de compromissos, quaesquer que sejam, segundo declarou, vive recatadamente, nas alturas, a que me referi, em casa pequena, porém muito soalheira e comodamente guarnecida de moveis de bom gôsto, em que figura um piano. Como sou doido por música, muito gostei de lá encontrar êsse traste.

— Cáspite! Tudo representa um óptimo achado. Com que então já frequenta a casa, e...

— Não senhôr. Como disse, ainda não passámos de uma entrevista, a que Julia assistiu, acompanhada por um pequenito, filho da criada, uma buliçosa criança, a quem ela, de vêz em quando, afagava, anediando-lhe os cabêlos.

— Sim, senhôr. E... e depois?

— Falando com certo ar de tristura, ao fim de pedir formaes esclarecimentos da minha entidade, declarou-me que, em verdade, a minha pessôa a impressionara, e disse mais:

— Se procura uma ligeira conquista a mais, por simples diversão, perderá o seu tempo.

— Eu não gosto de... conquistas faceis, minha senhôra. Não sei se me faço entendêr.

— Pois bem. Diante de si está uma mulher, que já correu mundo, e que ultimamente pertenceu a um homem, de quem se considera viuva, porque á sua generosidade e afecto deve o farto pão, que a sustenta.

— Eu não requeri explicações...

— Quero eu dar-lhas, não fôsse imaginar que tratava

com alguma donzela, ou simplesmente com uma aventureira sem brios.

— Oh! minha senhôra! Afirmando-lhe que o seu porte e feições me cativaram sòbremaneira, nenhum direito me assiste a indagações do seu passado, que inteiro lhe pertence. Se muito amou...

— Menos isso. Nem muito nem pouco.

— Permita-me que eu...

— Duvida de mim? Não lh'o consinto. Falo-lhe verdade. Nem sempre o amôr domina ou vigora nas ligações lícitas ou ilícitas das mulheres.

— E' uma realidade, bem sei...

— Nêste caso não tem que admirar que eu seja uma victima dessa anormalidade, tão desmedida. E' triste, pois não é?

— Lastimo-a, senhôra, e faço votos...

— Pára que a sua pessôa me inspire o amôr, que nunca tive?

— Se m'o permitisse...

— Ai, permite, permite — clamou o doutôr Bernardino, nêste ponto da conversa, com entonação risonha e um tanto cáustica.—A mulher é uma letrada. Pode considerar terminada a emprêsa. Parabens, meu caro. Batalhadôra, que saiu ilesa das campanhas, em que tomou parte, é companheira muito de cubiçar. Avante pois! Já o grande marquês de Pombal dizia...

O doutôr cortou a frase para corresponder ao cumprimento de um seu conhecido, que lhe embargou os passos, estendendo-lhe a mão.

Fernando aproveitou a ocasião pára se despedir, porque o chamava a outra parte um negócio urgente.

Passados alguns dias, realizava-se o horóscopo do nosso doutôr.

Julia asseverava a Fernando, entre blandícias, que êste provocara, com visos de inteira verdade, que sentia pela sua pessôa o que nunca sentira por outrem.

Seriam os primeiros rebates do amôr?

O Silveira, incrédulo em demasia, como sabemos, não afirmava, nem negava que isso acontecesse, apesar de tôdas as calorosas demonstrações, que d'ali em diante começou a disfrutar, e que pareciam pugnar pela afirmativa.

Estabelecida a intimidade, Julia era visitada periodicamente, quase sempre à noite, bem contra sua vontade, porque desejava maior assiduidade, a que Fernando se escusava, pára, alegava êle, não provocar a monotonia, contrária ás suas tendências poéticas.

*

Decorrêram meses, passou-se um ano, em que Julia, no meio dos muitos agrados, de que dispunha, dava frequentes provas de azedume, que redundava em impulsos de mau génio, onde entravam egoismo e queixas de um ciume desarrazoado, falho de provas.

— Não há bonita sem senão. E o vêso — dizia de uma vez, o doutôr da apologia pombalina.

Fernando, em verdade, não conseguia bracejar à vontade, no meio da sua labutação, em que era um trabalhadôr emérito, sem que as solicitações inesperadas, as recriminações sucessivas e até os remoques mal soantes de Julia, o não inquietassem por vêzes, quando buscava junto dela uma distracção proveitosa e uma dôce tranquilidade, tão requerida por sua compleição nervosa.

Era verdade que as agruras de uns momentos aborrecíveis também se desfazíam frequentemente em horas de carinhoso enlêvo; o que facilmente explica que as relações entre as duas personagens se estendêssem pára além de dois anos.

Fernando, porém, manifestava desgôsto íntimo, que uma noite se exacerbou ao ponto de cimentar e fortalecer um decisivo rompimento.

Um amigo seu, que vinha a Lisbôa, anunciou-lhe, uma vêz, que tencionava chegar no primeiro comboio da noite.

Fernando, as 8 horas, entrava na respectiva estação, alvoroçado de contentamento, porque, no seu crêr e entendêr, se tratava de avistar peregrina raridade, como seja um verdadeiro amigo.

O atrazo do comboio, a dilatada conversa, que se seguiu á expansão do momento, a demora da chegada ao alojamento definitivo e outros motivos secundários fizeram que o Silveira só batêsse ás portas do sabido quarto andar cêrca da meia noite.

Como é de supôr, foi recebido com um chuveiro de recriminações, que lhe beliscaram a própria dignidade.

Não valêram lealíssimas explicações, nem palavras de brandura.

Entre as objurgatórias de maior tomo, havia estas palavras:

— Não há que vêr. Temos aqui senhôr e escrava, e por cima as aventuras de um D. João, que não cura das obrigações, em que, está de sêr mais atencioso e delicado pâra comigo.

— Julia! Julia!

— Já lhe disse. Estou farta de tantas provas de desconsideração. E' um cínico. Onde estêve até estas horas?

— Dêsde que não acredita nas minhas declarações, desconhêço lhe o direito de me tomar tão estreitas contas. E adeus.

Fernando, profundamente maguado no seu amôr próprio, apoderou-se do chapéu e bengala, e investiu porta fóra, com o propósito firme de um corte absoluto em semelhantes relações.

Julia, arrependida e chorosa, prometia, em correspondência amiudada, inteira emenda, fazia solicitações, solicitava perdão, repetia protestos.

Fernando, sofrendo embora, resistiu a tudo.

Julgava-se profundamente agravado. Era um homem de brios.

Fêz-se noite, portanto, e noite completa pára a radiosa claridade de tão prolongada e íntima convivencia.

A casa do quarto andar, nossa conhecida, dahi a pouco tempo, apareceu com escritos; e o Silveira nunca mais houve notícias da inquilina, durante um largo numero de anos.

* * *

Há dias, entrou êle numa das livrarias, que frequenta, e pôs-se distraidamente a folhear alguns dos livros, depositados sôbre o balcão em vistosa promiscuidade.

O maioral dos empregados, que há muito conhecia, estando desocupado e sózinho, aproximou-se dêle, e, em meio de ligeiro diálogo, perguntou:

— O snr. Fernando da Silveira lembra-se do pequeno Jaime, encontrado numa casa, que frequentou, há muitos anos já?

— Jaime... Jaime...

— Sim, um rapazito, uma criança, com quem bastas vêzes se avistou na travessa de S. Domingos?

— Em casa de D. Julia?

— Ahi mêsmo.

— Sim, sim. Agora me lembro. Que é feito dêle? Deve estar um homem.

— Já casado e com um filho pouco mais ou menos da edade, que êle teria então. Sou eu!

— Que? Como os anos passam! Vindo eu tantas vêzes aqui, porque não m'o disse, há mais tempo?

— Por simples acanhamento.

— E... Julia? E D. Julia?

— Morreu, haverá dois anos.

— Morreu?

— Sim, senhôr. E... louca, completamente louca.

Fernando da Silveira sentiu a garganta prêsa por forte comoção; e não desejou, nem pediu maiores esclarecimentos.

De regresso a casa, ia pensando, cabisbaixo, entristecido:

— Seria certo o que não acreditei nunca? Seria certo que Julia amasse pela vêz primeira; e que eu fôsse o ídolo do seu grande e primeiro amôr? E êsse volumôso sentimento, não correspondido, quebrado, rôto, não a levaria aos extremos da loucura?

Ante a nudêz de uma sepultura, ninguem poderia respondêr ao Silveira, que julgou sempre uns assomos de mau génio incompativeis com um alto afecto.

Talvêz que o não fôssem!

Se ainda vivêsse o velho doutôr Bernardino, talvêz que êste, em lance tão triste, pudesse descobrir algum aforismo, atribuido á elevada capacidade do marquês de Pombal!

Mal aventurada heroina desta verídica narrativa.

Pobre Julia!

O GIGANTE GOMÔRRO

LENDA BRETÃ

Os povos, que tiveram uma língua própria, seja qual fôr a sua sorte, não se apagam da face da história, especialmente se fôram ricos de cancioneiro, tradições e lendas populares.

A Bretanha francêsa, estando nêste caso, distingue-se opulentamente em poemêtos e canções de origem popular, recolhidos, há longos anos, por Villemarqué nos seus livros *Derniers Bretons* e *Barzas Breiz*; e ainda extraordinariamente em contos, lendas e narrativas maravilhosas, que constam dos dois volumes *Le Foyer Breton*, escritos, há mais de meio século, por Emílio Souvestre, que, depois de uma peregrinação expressa, os traduziu da língua bretã, segundo a tradição oral.

Êste material lendário pertence, na generalidade, à época remota e christianíssima dos milagres, onde figuram Jesus, a Virgem Maria e alguns santos e santas da sua côrte.

A prosa destas narrativas, na sua própria feição milagreira e fabulosa, tem um largo sabôr poético e um encanto, bastas vêzes avantajado ao dos contos arábicos.

Como amadôr do género, não achámos despiciendo a intenção de trazêr pára a nossa língua uma amostra ver-

tida da prosa de Souvestre e comprehendida na lenda, que encima estas linhas, e na que se lhe segue, ambas de uma notavel originalidade.

Diz-se que Vannes, muito antes da revolução, era uma cidade ainda maior e mais formosa do que actualmente; e que, em vêz da autoridade do senhôr perfeito, figurava ahi um rei, donatário de tudo isto.

Os que fazem a narração das coisas, que se vão contar, nunca sunberam o nome do monarca: ao que se fala, no entanto Ele tinha excelente reputação de sêr muito temente a Deus e grandemente respeitado em toda a nação.

Viuvo, havia tempo, vivia feliz com sua filha, que era tida pela creatura mais formosa do mundo inteiro.

Chamava-se Trifina.

Os que a conhecêram bem deixaram dito que ela chegara á maioridade sem havêr cometido um pecado mortal. Por isso o rei, seu pae, preferia antes perdêr todos os seus cavalos, castelos e herdades do que dar mau vivêr a formosa Trifina.

Entretanto, anunciaram-lhe, um dia, certa embaixada, vinda de Cornouaille e da parte de Comôrro, poderôso príncipe da época, nababo, que vivia no país do trigo nêgro, ao mêsmo tempo, que o pae de Trifina imperava no do trigo branco.

Os embaixadôres, depois de ofertarem um presente, que se compunha de mel, panos e uma dúzia de pequenos porcos, declararam a sua magestade que o seu senhôr e rei Comôrro, tendo concorrido á última feira de Vannes, sôb o disfarce de simples soldado, avistara a joven princêza, e dela ficara tão profundamente enamorado, que a requeria pára espôsa, que havia de sêr sua, custasse o que custasse.

Êste pedido lançou o monarca e Trifina em grande descontentamento, porque o conde e príncipe Comôrro era

um gigante, tido e havido, depois de Caim, pelo homem de peores áções, que Deus deitara ao mundo, um malvado.

Dêsde a sua mocidade, que se habituara ao prazêr de praticar o mal; e tamanha era a sua crueldade que sua mãe, quando êle saía do castelo, corria ela própria á corda do sino a prevenir o pôvo, como sinal combinado, pára que se acautelasse.

Mais tarde, quando se emancipou, a sua crueldade dobrou de volume.

Contava-se que, uma manhã, ao sair do palácio, tinha experimentado uma espingarda, tomando por alvo, um rapazito, que ia levar um pôtro ao pastio, e que caíra môrto.

Outras vêzes, quando voltava da caça, sem nada têr apanhado, atiçava os cães contra a pobre gente, que se demorava no campo, e fazia-a dilacerar, como se se tratasse de animaes ferozes.

O mais horrorôso ainda cifrava-se em têr casado quatro vêzes, matando sucessivamente as suas quatro mulheres, de repente, sem que elas recebêssem os últimos sacramentos, supondo-se que o fizera a ferro e fôgo, com afogamento ou veneno.

O rei de Vannes respondeu, portanto, aos embaixadôres que sua filha era muito môça ainda e muito falta de saúde pâra mudar de estado; mas êles replicaram bruscamente, como era seu costume, que o conde Comôrro não acreditaria em semelhantes desculpas; e que tinham ordem, se não se fizessem acompanhar da joven princêsa, pâra declarar guerra ao rei de Vannes.

Êste respondeu que os não atendia.

Então o mais velho dos emissários acendeu um punhado de palha, atirando-a ao vento, como declaração de guerra; e afirmou que a cólera de Comôrro pesaria dêste modo sôbre o país do trigo branco. Dito isto, ausentou-se com os seus companheiros.

O pae de Trifina, que era um homem corajôso, não se assustou com semelhante ameaça, e reuniu tôdos os

soldados, de que podia dispôr, afim de defendêr a sua terra.

Decorridos porêm breves dias, soube que o conde marchava contra Vannes com um poderôso exército; e bem cêdo deu por êle, de facto, pelo soar das trombêtas e pelos tiros da fusilaria.

Pôs-se então á frente da sua gente. Não tardaria pois o começo da batalha, quando S. Gildas penetrou no gabinête de Trifina, que orava deante do seu oratório.

O santo levava o manto, que lhe servira de barco pàra atravessar o mar, e o bordão, que em ar de mastro lhe fornecêra o vento.

A cabêça vinha-lhe iluminada por uma auréola de fôgo.

Anunciou êle á joven princêsa que os dois exércitos estavam pàra se batêr; e pediu-lhe que, se ela queria evitar a morte de tamanho número de christãos, consentisse em se tornar espôsa de Comôrro.

— Ai! Deus pede-me então o esfacelamento da minha alegria e do meu socêgo? — exclamou a joven senhôra, derramando lágrimas — Mal de mim por não sêr uma simples mendiga! Ao menos casaria com um pedinte, que eu escolhêsse! Ai! Se é da vontade do Senhôr do mundo que eu me torne mulher do gigante, que me causa horrôr, rezae já por mim, santo homem, rezae o ofício dos defuntos, porque o conde me matará, como o fêz ás outras mulheres.

S. Gildas tornou ainda:

— Nada temaes, Trifina. Aqui tendes um anel de prata, tão branco como leite, que vos servirá de prevenção. Quando Comôrro tentar qualquer coisa em vosso prejuizo, o anel tornar-se-á nêgro como a aza de um córvo. Tende coragem, e salvae da morte tamanho número de bretões.

A joven princêsa, encorajada pela especialidade de tal presente, cedeu ao pedido do santo, que correu, sem tardança, ao meio dos dois exércitos, a anunciar aos chefes tão faustosa nova.

O rei de Vannes, mau grado a resolução da filha, não

estava resolvido a consentir no seu casamento: tamanhas promessas porêm lhe fèz Comôrro, que êle anuiu a tomal-o como genro.

As bôdas fôram celebradas com demonstrações de regosijo taes como nunca se viram nos dois ducados. No primeiro dia, deu se de comêr a seis mil convidados; ao outro dia, oferecêu-se um banquête a outros tantos pobres, a quem os recem-casados serviram á mêsa, de guardanapo no braço, ao uso da terra, mau grado a sua alta gerarquia.

Em seguida, realizaram-se dansas, pára que fôram chamados músicos da baixa Bretanha, e lutas, em que esgrimiram diversos atletas

Afinal, quando as marmitas se despejaram e os toneis ficaram sem liquido, tôda a gente se retirou pâra as suas terras; e Comôrro levou comsigo a noiva, bem como um gavião arrebata um pobre pássaro.

Durante os primeiros mêses, entretanto, o seu afecto a Trifina deu-lhe mais doçura, que se podia esperar dos seus dotes naturaes. As prisões do castelo estavam deshabitadas e os patíbulos da justiça sem alimento pâra as aves.

— Que tem pois o senhôr — dizia a gente do conde, á surdina — que terá êle, que já não gosta de lágrimas e sangue?

Os que o conheciam melhor, porêm, contentavam-se com esperar, sem pronunciar uma palavra.

Trifina, ela própria, mau grado a aparente bondade do conde, não podia estar tranquila, nem sentir alegria. Tôdos os dias, descia á capela do castelo, e lá orava, de joêlhos sôbre as campas das quatro mulheres, de que Comôrro se tornara viúvo, pedindo a Deus que a livrasse de morte violenta.

A êsse tempo, ia realizar-se uma grande assembleia de príncipes bretões em Rennes, aonde Comôrro não podia deixar de concorrêr.

Despedindo-se de Trifina, entregou-lhe tôdas as chaves

do castelo, incluindo as da adega; e recomendou-lhe que buscasse as distrações, que mais lhe agradassem.

E partiu com grande séquito.

Demorou-se cinco mêses, ao fim dos quaes, voltou, em verdade muito desejôso de vêr sua mulher, de quem muito se tinha lembrado, durante tôda a ausência.

Não têve tempo de a prevenir da sua chegada, e foi surprehendêl-a no seu quarto, na ocasião, em que ela talhava uma pequena touca de recem-nascido, guarnecida com rendas de prata.

Ao vêr êsse objecto, Comêrro empalideceu, e perguntou pâra que serviria aquilo.

A condêssa, julgando que lhe daria ao coração uma grande alegria, declarou-lhe que, antes de dois mêses, seria mãe.

A esta nova, o castelão recuou, fóra de si, e, depois de têr fitado os olhos em Trifina, com um modo horrivel, saíu bruscamente, sem dizêr palavra.

A princêsa julgaria que se tratava de um capricho, egual aos que o conde tinha algumas vêzes, se ela não visse, ao baixar a cabeça, que o anel de prata se tornara nêgro.

Soltou então um grito de espanto, porque ela bem se lembrava das palavras de S. Gildas; e comprehendeu então que um grande perigo a ameaçava.

Ela porém não podia adivinhar a causa do perigo, nem encontrar meio de o evitar.

Pobre mulher! Passou o resto do dia e parte da noite a scismar donde procederia a cólera do conde; e, por fim, como a sua afflição aumentava, desceu á capela pâra rezar.

Ao terminar o seu rosário, quando se levantava pâra sair, soou no relógio o dar da meia noite.

No mêsmo instante, viu ela que as campas das quatro mulheres de Comêrro se abriam lentamente, e que estas resuscitavam, erguendo-se cobertas com os seus trajes mortuários.

Trifina, espantada, semi-morta, quis fugir, más os fantasmas falaram-lhe assim:

— Acautela-te, desgraçada, pois que Comôrro te está esperando pâra te matar.

— Más... — murmurou a condêssa — que lhe fiz eu pâra que êle queira a minha morte?

— Avisastel-o de que dentro de dois mêses serias mâe. E' quanto basta, porque êle, graças ao espirito do mal, julga sabêr que o seu primeiro filho há-de tirar-lhe a vida. Eis a razão por que êle nos matou, quando soube de nós o que acaba de sabêr de ti.

— Ai, Senhôr! como é possivel que eu tenha caído em mâos tão crueis? — exclamou Trifina, desfazendo-se em lágrimas — E a sêr como me dizeis, que esperança me resta? que posso eu fazêr?

— Vae escondêr-te no país do trigo branco, em casa de teu pae — respondêram os fantasmas.

— E como fugir — replicou a princêsa — se o cão gigante de Comôrro está de guarda á saída do palácio?

— Dá-lhe o veneno, que me matou — disse a primeira morta.

— E de que meio me poderei servir pâra descêr das altas muralhas? — tornou a joven senhôra.

— Serve-te desta corda, que me estrangulou — respondeu a segunda morta.

— Más... quem me guiará na escuridão da noite? — perguntou a condêssa.

— Esta luz, que me queimou — advertiu a terceira morta.

— E como vencerei um tão longo caminho? — disse ainda Trifina.

— Abordada a êste pau, que me quebrou a cabêça — terminou a quarta morta.

A mulher de Comôrro, sem hesitar, recebeu o pau, a luz, a corda e o veneno, com que emudeceu o cão, baixou da alta muralha, abriu a escuridão da noite, e tomou o caminho de Vannes, onde demorava seu pae.

Comôrro, na manhã seguinte, não a vendo a seu lado, ao despertar, ordenou ao pagem que a procurasse em tôda a casa; más o pagem voltou, em breve, dizendo que Trifina, sua senhôra, não estava no castelo.

Então o conde subiu ao torreão central, e olhou pâra os quatro ventos.

Do lado do norte, avistou um córvo, que coaxava; da banda do nascente, uma andorinha, que esvoaçava: do lado do sul, uma gaivota, que pairava; da banda do poente, uma rôla, que fugia.

— E' nesta direção que encontrarei Trifina — exclamou de repente o castelão, que mandou selar o seu melhor cavalo, e partiu em sua perseguição.

A pobre dama estava ainda na coutada, que rodeava o castelo do conde; más foi avisada da sua aproximação pelo anel, que escureceu.

Tomou então por um matagal fóra, e dirigiu-se á cabana de um pastôr de carneiros, onde só encontrou uma velha péga, suspensa na sua gaiola.

Trifina, prêsa de grande afflição, demorou-se ali durante o dia, lastimando-se, e orando; e, logo que a noite veio, continuou o seu caminho, seguindo pelos atalhos, que circundavam as terras de linho e os trigaes.

Comôrro, que jornadeava na estrada real, não conseguiu encontral-a; e, depois de têr cavalgado durante dois dias, retrogradou; más, por desgraça tomou pelo matagal até á cabana do pastôr, onde a péga estava em ensaios pâra imitar os queixumes, que tinha ouvido á fugitiva, repetindo:

— Pobre Trifina! pobre Trifina!

Desta maneira soube Comôrro que a condêssa estivera naquele lugar. Chamou o seu cão fouveiro, incitou o a buscar, farejando, e pôs-se a seguil-o.

Durante êste tempo, Trifina, impelida pelo médo, tinha marchado sempre, de modo a chegar perto de Vannes, seu destino.

A certa distancia, porém, sentiu que não podia ir mais

longe; dirigiu-se a um bosque, deitou-se sôbre a relva, e ali deu á luz um menino de maravilhosa formosura.

Na ocasião, em que o apertava nos braços, chorando de alegria e pesar, avistou um falcão, que trazia ao pescoço um colar de oiro, e estava empoleirado sôbre uma árvore próxima.

Reconheceu que era o falcão de seu pae, o rei das terras do trigo branco: e chamou-o apressadamente pelo seu nome.

O pássaro reconheceu-a tambem, e foi poisar-se-lhe nos joêlhos.

Trifina afagou-o, apresentou-lhe o anel avisador, que lhe dera S. Gildas, e disse-lhe:

— Falcão, vôa a casa de meu pae, e leva-lhe êste anel. Quando êle o vir, comprehenderá que um grande perigo me espera; dará ordem aos seus soldados pára montarem a cavalo; e tu os conduzirás aqui pára me salvarem.

O pássaro comprehendeu tudo; tomou o anel, e voou, como um relâmpago, na direção de Vannes.

Quase no mêsmo instante, porém, Comôrro aparecia no caminho com o seu cão fouveiro, que seguia sempre a pista de Trifina; e, como esta não tinha o anel, que a prevenia, não deu por tal senão ao reconhecêr a voz do tirano, que açulava o cão.

A pobre inocente sentiu que um frio mortal lhe invadia o côrpo. Só têve tempo de embrulhar o recemnascido no seu brial, e corrêr a escondêl-o no ôco de uma árvore, antes de Comôrro a surprehendêr montado no seu cavalo barbudo, á entrada da clareira florestal.

Vendo Trifina, êle soltou um grito semelhante ao das bêstas: correu pâra a desgraçada, que tinha caido de joêlhos, e com um só golpe de cutelo cortou-lhe a cabeça, que se lhe desprendeu dos hombros.

Julgando têr-se livrado desta maneira da mãe e do filho, assobiou ao cão, e voltou pâra o castelo.

Entretanto o falcão tinha chegado á côrte do rei de Van-

nes, que jantava com S. Gildas; voava pàra a mèsa, e deixava cair o anel de prata no copo do seu senhôr.

Ao tèr semelhante surprêsa, exclamou o rei:

— O' meu Deus! Aconteceu alguma desgraça a minha filha, pois que o falcão me traz o anel. Que selem depressa os cavalos, e que Gildas nos acompanhe, porque receio que tenhamos necessidade do seu socôrro.

Os criados obedecèram promptamente, e o rei partiu com o santo e com numerôso acompanhamento.

Tôdos marchavam a galope, seguindo o vôo do falcão, que os guiou á clareira do bosque, onde encontraram Trifina morta e seu filho vivo.

O rei lançou-se abaixo do seu cavalo, soltando gritos lancinantes; màs S. Gildas impôs-lhe silêncio, dizendo:

— Calae-vos, e orae comigo a Deus, que tudo ainda poderá remediar.

A estas palavras pôs-se de joêlhos com tôdos, que estavam presentes, e, depois de tèr erguido ao céu uma fervente súplica, disse ao cadáver:

— Levanta-te!

O cadáver obedeceu.

— Pega na tua cabêça e no teu menino — tornou o santo — e agora acompanha-nos ao castelo de Comôrro.

A morta fêz o que lhe era ordenado.

Então tôdos os circumstantes pasmados cavalgaram de nôvo, partindo a tôda a brida pàra o lugar indicado. O mais admiravel era que, por mais acelerada que fôsse a corrida, a mulher decapitada caminhava sempre na frente, levando seu filho no braço esquèrdo e no direito a sua cabêça pálida.

E assim chegaram ao pé do castelo, pertencente ao assassino.

Comôrro, que os tinha avistado, fêz erguêr a ponte levadiça. S. Gildas aproximou-se do fôsso com a morta, e exclamou em alta voz:

— Conde Comôrro, eu te trago a tua mulher tal como a

tua maldade a tornou, e o teu filho tal como Deus t'o deu. Queres recebel-os em tua casa?

Comôrro guardou silêncio. S. Gildas repetiu as mêsmas palavras, segunda vêz, e, ainda uma terceira; e, como nenhuma voz lhe respondeu, tomou o menino dos braços da mãe, e pousou-o em terra.

Então viu-se uma maravilha, que provava tôdo o podêr de Deus: o menino começou a andar, sem amparo, livremente; encaminhou-se pàra a borda do fôsso, tomou uma mão cheia de areia, e, lançando-a contra o castelo, exclamou:

— A Santíssima Trindade faz justiça.

No mêsmo instante desmoronaram-se as tôrres com espantôso estridôr, e o castelo inteiro derruiu-se completamente, sepultando o conde Comôrro nos seus escombros e tôdos, que eram coniventes nos seus crimes.

S. Gildas, em seguida, dirigiu-se a Trifina, colocou-lhe a cabêça sôbre os hombros, ageitou-lh'a com suas próprias mãos; e a pobre princêsa voltou á vida, com grande contentamento do rei de Vannes e de tôda a comitiva, que estava presente.

A FEITICEIRA DA ILHA DE LOK

(LENDA BRETÃ)

Nos tempos antigos, quando os milagres eram tão frequentes na baixa Bretanha, como são hoje os batisados e os enterramentos, havia em Lanilis, bispado de Leão, um rapaz, que se chamava Pogamo e uma rapariga de nome Bela.

Tinham o parentesco de primos, á moda do país; as mães, quando êles eram pequeninos, criaram nos no mesmo bêrço, como ali se faz ás crianças, que um dia, com a permissão de Deus, se destinam a ser marido e mulher.

E o caso foi que, tornando-se adultos, se amaram de todo o coração.

Infelizmente ficaram órfãos muito cedo; e, sendo pobres, fôram obrigados a entrar, como criados de um só amo.

Sendo estimados, podiam considerar-se felizes; os namorados, porém, são como o mar, lastimam-se sempre.

— Se nós tivéssemos, ao menos, com que comprar uma pequena vaca e um pôrco magro — dizia Pogamo — eu alugava ao nosso amo um bocado de terra; o cura casava-nos, e nós iamos morar juntos.

— Sim, sim — respondia Bela com profundo suspiro — mâs nós vivemos nuns tempos muito máus. As vacas e os porcos ainda encareceram na última feira. Deus certamente já se não importa do mundo.

— Tenho mêdo de têrmos que esperar muito tempo —

tornava o rapaz.—Como sabes quem vae á taberna, e bebe, por acaso, o resto de uma garrafa, casa dentro de um ano. Pois a mim ainda me não aconteceu isso.

— Sim, é verdade — tornava a rapariga. — Creio que esperaremos muito tempo. Uma mulher, que, sózinha, ouve cantar o cuco, casa antes do inverno. E eu ainda o não ouvi.

Êstes queixumes repetiam-se diariamente, até que de uma vêz Pogamo perdeu a paciência.

Foi, manhã cêdo, á eira, onde Bela joeirava trigo, e declarou-lhe que deliberara ir-se embora, e tentar fortuna.

A rapariga, a semelhante nova, ficou muito aflicta, e fêz tudo o que podia pâra o dissuadir de semelhante propósito; mâs Pogamo, que era um sujeito resoluto, presistiu no seu intento.

— Os pássaros — disse êle — voam longe, até encontrarem uma ceara; e as abêlhas fazem o mêsmo, ao encontro das flôres pâra o fabrico do mel. Um homem não póde sêr menos ajuizado do que os animaes voadôres. Eu por mim tambem quero procurar o que me falta, isto é, o dinheiro pâra comprar uma vaca e um pôrco. Se tu me tens amôr, ó Bela, não te oponhas mais á minha tenção, que deve abreviar o nosso casamento.

A rapariga comprehendeu que devia cedêr, e, com grande apêrto de coração, disse a Pogamo:

— Vae-te embora, sôb a guarda de Deus, já que é preciso. Antes de partir, porêm, eu quero dar-te um quinhão do melhor, que meus paes me deixaram.

E levou o rapaz até junto do seu armário, donde tirou uma campainha, uma faca e um pau.

— Estas três relíquias — disse ela — nunca sairam da família. Aqui tens primeiro a campainha de Kaledok; tem um som, que se faz ouvir seja a que distância fôr, e que dá notícia aos nossos amigos do perigo, que corremos. A faca pertenceu a S. Corentino; tudo, em que ela toca, escapa aos encantamentos dos mágicos ou do diabo. Finalmente, o cajado pertenceu a S. Vouga; conduz a gente aonde quere

ir. Dou-te pois a faca pàra que te defenda dos malefícios; a capainha pàra que me faça conhecêr os teus perigos; e eu fico com o pau pàra que possa correr ao teu encontro, se tiveres necessidade de mim.

Pogamo agradeceu á sua namorada tão preciosos objectos; chorou com ela no transe da despedida, como era natural: e por fim começou a jornadear montanhas fóra.

Em tôdas as aldeias, por onde passava o rapaz, já então acontecia o que hôje acontece; era perseguido pelos mendigos, que o tomavam por pessôa de teres, porque o não viam rôto.

— Por vida minha — pensou êle — neste país há mais ocasiões de gastar dinheiro do que de fazer fortuna. Nada; vamos mais longe.

E continuou a andar, descendo até á costa, e indo parar a Pontaven, que é uma bonita cidade edificada á borda de uma ribeira bordada de choupos.

Ao sentar-se á porta da estalagem, que procurou, dois belforinheiros, que carregavam as bêstas, conversavam, falando muito da feiticeira da ilha de Lok.

O rapaz perguntou-lhes o que era isso.

Respondêram-lhe que se chamava assim uma fada, que habitava a grande ilha dêsse nome; e que, só por si, possuia a riquêza de tôdos os reis existentes. Muita gente se tinha aventurado já a demandar êsse sitio pàra lhe conquistar os tesouros; mas ninguem tinha ainda de lá voltado.

Quem ia nunca mais dava notícias suas.

Que importava isso? Pogamo, de repente, mostrou desejos ou antes fêz logo tenção de correr essa aventura.

Os almocreves tentaram demovêl-o dêsse propósito; chegaram até a reunir alguma gente em volta dêle, clamando-se que um póvo christão não podia consentir em que um homem se perdêsse de semelhante fórma.

E quiseram até por fôrça embaraçar-lhe a partida.

Pogamo agradeceu o interesse, que despertava a tão bôa gente; e declarou que renunciaria ao seu projecto, se ali

organizassem uma subscrição, cujo producto lhe permitisse comprar uma vaca e um pôrco magro.

A esta proposta, porêm, almocreves e pôvo retiraram-se, resmungando que se tratava de um teimôso, que ninguem poderia convencêr.

O viajante portanto dirigiu-se á praia, e contratou um barqueiro, que o levou á ilha de Lok.

Foi-lhe facil, ao pôr pé em terra, o encontrar o lago, colocado a meio da ilha, e cercado de verdura marítima, cheia de flôres, côr de rosa.

Começando a dar a volta ao lago, divisou numa das extremidades, á sombra de um tufo de giestas, uma canôa verde-mar, que fluctuava sôbre as águas dormentes.

Tinha a forma de um cisne adormecido, com a cabêça debaixo da aza. Quis vêl-a de perto, porque não encontrara nunca uma coisa semelhante; aproximou-se com curiosidade, e entrou-lhe dentro, pâra melhor a observar.

Mâs... logo que lhe tocou com os pés, o cisne pareceu acordar: a cabêça emergiu de sôb as azas, as suas largas patas estendêram-se sôbre as águas; e afastou-se rapidamente da margem.

O rapaz soltou uma exclamação de susto; mâs o cisne avançou ainda mais depressa pâra o meio do lago.

Pogamo quis fugir a nado; então o pássaro meteu o bico nas águas, e mergulhou, arrastando-o comsigo.

O desgraçado, que não podia gritar, sem bebêr a péssima água do lago, foi obrigado a calar-se, e chegou assim á morada submarina da feiticeira.

Era um palácio, construido de conchas, ultrapassando tudo, que se possa imaginar. Dava-lhe acesso uma escadaria de cristal, feita de tal maneira que, ao tocar-se-lhe com um pé, cada degrau cantava como um pássaro dos bosques.

Em tôda a volta era o palácio cercado de imensos jardins, onde se erguiam florestas de plantas marinhas, e brilhavam macissos de algas esmeraldinas, tôdas matizadas de diamantes, representando as flôres.

Na primeira sala, estava deitada a feiticeira sôbre um leito de oiro. Vestia uma tela verde-mar, fina e ondeante como uma vaga: os seus cabêlos nêgros, entretecidos de coraes, caiam-lhe até aos pés; e o seu rôsto branco e rosado parecia-se, por o brilho, com o interiôr polido de uma concha.

Pogamo, no limiar da porta principal, suspendeu os passos, deslumbrado por vêr uma creatura tão formosa; a feiticeira porêm levantou-se, com ar de riso, e avançou pâra êle.

O seu andar tinha a maciêza das brancas ondas, que correm sôbre o mar.

Saüdando o recem-chegado, falou:

— Sêde bemvindo. Podeis entrar. Aqui há sempre um lugar pâra os estranjeiros e pâra os rapazes bonitos.

E com o gesto animava Pogamo.

Êste, mais tranquilo, resolveu-se a entrar.

— Quem sois, mancêbo, donde vindes, e que buscaes? — perguntou a dama.

— Chamo me Pogamo — respondeu o rapaz — venho de Lanilis, e ando a vêr se arranjo com que comprar uma pequena vaca e um pôrco magro.

— Pois bem, Pogamo — tornou a fada — aproximae-vos; não vos inquieteis por coisa nenhuma, porque alcançareis tudo o que vos pode dar satisfação.

Dito isto, fêl o entrar numa segunda sala, tapetada de pérolas, onde ela lhe serviu oito qualidades de vinho, em oito copos de prata lavrada.

O rapaz provou primeiro os oito vinhos; mâs, achando-os deliciosos, bebeu oito vêzes de cada um; a cada copo, que ingeria, achava a feiticeira mais formosa.

Esta animava-o, dizendo-lhe que não temêsse arruinal-a, pois que o lago da ilha de Lok comunicava com o mar, que, por uma corrente mágica, ali lhe mandava tôdas as riquêzas, provenientes dos naufrágios.

— Por minha salvação — falou Pogamo, que o vinho ti-

nha tornado alegre — já me não admiro de que as gentes da costa digam tão mal de vós; as pessôas muito ricas têm sempre invejosos. Pelo que me diz respeito, eu só queria possuir metade dos vossos havêres.

— Se quizerdes, podereis têl-a — respondeu a fada.

— E de que maneira?

— Eu sou viüva de meu marido, que se chamava Korandon. Se a minha pessôa vos fôr agradavel, eu tornar-me-ei vossa espôsa.

O homem ficou maravilhado do que ouvia.

Êle, um aldeão, casar com a feiticeira, que tão formosa lhe parecia, cujo palácio continha tão grande riqueza, e cuja adêga encerrava oito quali lades de vinho, que ela deixava bebêr á descrição!...

Era verdade que êle tinha prometido a Bela de a tomar por mulher, más os homens esquecem ás vêzes estas especies de prometimentos, e o mêsmo acontece ás mulheres.

Respondeu polidamente que tão ilustre dama não se creara pâra que alguem a recusasse; e que por tanto era pâra êle alegria e honra o tornar-se seu marido.

A fada exultou, dizendo que ia já preparar uma merenda; e dirigiu-se a uma mêsa, em que colocou tudo o que o rapaz conhecia de melhor, e muitas coisas, que êle nunca vira.

Em seguida foi a um pequeno viveiro, que estava ao fundo do jardim, e pôs se a chamar assim:

— Aqui, procuradôr! aqui, moleiro! aqui, alfaiate! aqui, padre!

A cada chamado, via se corrêr um peixe, que ela metia numa rêde de aço.

Logo que esta ficou cheia, a feiticeira, dirigiu-se a outro compartimento vizinho, e lançou tódos os peixes numa frigideira de oiro.

A Pogamo porêm foi parecendo que no crepitar da tritura distinguia pequenas vozes, que cochichavam.

— Que é que cochicha na frigideira de oiro? — perguntou êle?

— E' a lenha, que estala — respondeu a fada, atiçando o lume.

Passados instantes, as pequenas vozes recomeçaram o murmúrio.

— Quem é que murmura? — tornou a perguntar o mancêbo.

— E' a fritura, que se derrete — esclareceu a mulher, mexendo os peixes.

Sem demora, as pequenas vozes entraram a falar mais alto.

— Quem é pois que fala? — interrogou ainda Pogamo.

— São os grilos da cozinha — replicou a fada, entrando a cantar fortemente, de modo que nenhumas vozes fôram mais percebidas.

Pogamo, impressionado pelo que acabava de ocorrêr, entrou a scismar, a têr mêdo, e a sentir remorsos.

— Jesus! Maria! — pensou em seguida. — E' lá possivel que eu tão depressa tenha esquecido Bela por uma feiticeira, que deve sêr filha do diabo? Com esta mulher, eu não me atreveria mais a fazêr as minhas orações da noite; e iria certamente parar ao inferno.

Emquanto êle ruminava êstes pensamentos, a fada tinha trazido a fritada; e instigava-o a comêr, anunciando-lhe que ia buscar pâra êle mais dôze qualidades de vinho.

Pogamo puxou da sua faca, dando um grande suspiro, e tentou comêr; mâs, logo que a fôlha, que, segundo a afirmação de Bela, destruia encantamentos, tocou no prato de oiro, tôdos os peixes se erguêram, e se transformaram em pequenos homens, vestindo cada um o fato, correspondente ao seu estado. Reconheciam-se um procuradôr, com a sua insígnia, um alfaiate, com meias rôxas, um moleiro, côr de farinha, e um padre com a sua sôbrepeliz.

Tôdos gritavam, ao mêsmo tempo, nadando na frigideira:

— Pogamo! Pogamo, salva-nos, se tu próprio te queres salvar.

— Virgem santa! que homens microscópicos são êstes, que falam no meio do unto derretido? — exclamou o rapaz, estupefacto.

— Nós somos christãos, como tu — respondêram êles — nós tambem viémos á ilha de Lok tentar fortuna; consentimos tambem em casar com a feiticeira; no dia seguinte ao do casamento, ela fêz de nós o que fizera dos nossos predecessôres, que estão no grande viveiro.

— Que? — clamou Pogamo — uma mulher, que parece tão nova, é pois viüva de tamanha quantidade de peixes?

— E tu hás-de sêr, em pouco, reduzido ao mêsmo estado, e expôsto tambem a sêr frito e comido pelos aventureiros, que vierem á ilha.

O pobre rapaz deu um salto, como se já se sentisse dentro da frigideira de oiro, e correu pàra a porta, com o fim de fugir, antes que a feiticeira voltasse com os vinhos.

Esta porêm, que acabava de entrar, e tinha ouvido tudo, lançou um fio de aço sòbre Pogamo, que ficou logo transformado em rã; e levou-o pàra o viveiro, onde se achavam já os outros maridos.

Nêste momento, porêm, a campainha, que o rapaz trazia ao pescôço tocou com o movimento da transformação; e Bela ouviu-a em Lanilis, onde ela, a essa hora, estava ocupada a desnatar o leite da véspera.

Êste som foi como que uma pancada, que lhe caiu sòbre o coração.

Deu um grito, e exclamou:

— Pogamo está em perigo!

E, sem atendêr a mais nada, sem pedir consêlho a ninguem, correu a envergar o seu vestuário de ir á missa, com sapatos e cruz de prata, e saiu da herdade, com o seu cajado mágico.

Chegando a uma encruzilhada, espetou-o na terra, dizendo:

Em nome de Santo Vouga,
ó meu pau de macieira,
por terra, por mar, nos ares,
leva-me aonde ir eu queira.

O cajado metamorfozeou-se imediatamente na cavalgadura de S. Theconeco, selada, limpa, enfreada, tendo uma fita em cada orêlha e um penacho na testa.

Bela montou sem trepidar. A alimária partiu a passo, depois a trote, em seguida a galope, terminando por corrêr tão depressa, que valados, árvores, casas, tôrres, tudo passava deante da rapariga, como os braços de uma dobadoira.

Ela porêm não se queixava, sabendo que assim mais se aproximava do seu querido Pogamo; e, ao contrário, excitava o animal, falando:

— O cavalo anda mais devagar que a andorinha; a andorinha mais devagar que o vento; e o vento mais devagar que o relâmpago; mas tu, meu bom animal, se me queres bem, é preciso ir mais depressa do que tudo isso, porque sófro muito, pois a metade do meu coração está em perigo.

A cavalgadura ouviu-a, e correu como uma palha, impelida por um vento forte, até que chegou ao pé do rochêdo, que se chama *Salto de veado*.

Ahi parou ,porque nunca jumento, ou cavalo, pôde transpôr êsse rochêdo. Bela, que comprehendeu a razão dêsse caso, recomeçou a dizêr:

Em nome de santo Vouga,
azêmola tão ligeira,
nos ares, por mar, por terra,
leva-me aonde ir eu queira.

Ditas estas palavras, brotaram azas dos flancos do animal, que se tornou num grande pássaro, levando a cavaleira ao pico do rochêdo.

O cume estava ocupado por um ninho, construido de barro, e guarnecido de musgo sêco, sôbre o qual se via agachado um anão enegrecido e enrugado, que se pôz a clamar, quando viu a rapariga:

— Eis aqui está quem me vem salvar!

— Salvar-te! — disse Bela. — Quem és tu, pois, meu pequeno homem?

— Eu sou Joanico, o marido da feiticeira da ilha de Lok. Foi ela, que pâra aqui me mandou.

— Mâs... que fazes tu nêsse ninho?

— Eu estou a chocar seis ovos de pedra, e não alcançarei a minha liberdade, sem chegarem ao estado de se fendêr por si, picados pela cria.

Bela não póde sustêr uma gargalhada; e disse por fim:

— Pobre galo! coitado! E como posso eu livrar-te?

— Livrando Pogamo, que está em podêr da feiticeira.

— Ai! dize-me o que é preciso fazêr pâra isso. Ainda que eu tenha de percorrêr de joêlhos tôda a redondêza dos quatro bispados, eu não hesitarei, começando dêsde já.

— Muito bem. São precisas duas coisas: — explicou o anão — primeiro apresentares-te á feiticeira em traje de rapaz; e depois furtares-lhe o fio de aço, que ela traz enrolado á cintura, e escondêl-o até ao julgamento final.

— E onde acharei eu um traje de rapaz, ó meu caro anão, um traje, que diga com o meu côrpo?

— Vaes sabêl-o, minha bonita rapariga.

A estas palavras, o anão arrancou quatro dos seus cabêlos, soprou-os no ar, murmurando qualquer coisa em voz sumida; e os quatro cabêlos transformaram-se em quatro alfaiates, o primeiro dos quaes segurava uma couve, o segundo tesouras, o terceiro agulhas, o quarto um ferro.

Assentaram-se tôdos, em volta do ninho, com as pernas cruzadas, e poseram-se a arranjar um fáto completo pâra Bela.

Com a primeira fôlha da couve, tornada em pano, fizeram um bonito casaco pespontado em tôdas as costuras; de ou-

tra fôlha se fôrmou o colête, e de mais duas umas grandes calças, á moda de Leão.

Finalmente o ôlho da couve serviu p'ra se arranjar o chapéu, e o tronco p'ra um par de sapatos.

Logo que Bela vestiu o seu fato, tomal-a-iam por um fidalguinho, trajando veludo vêrde, debruado de setim branco.

Depois de agradecêr ao anão, que ainda lhe deu certas instruções, cavalgou no seu grande pássaro, que a levou, de um só vôo, á ilha de Lok.

Chegada ali, ordenou ao pássaro que se volvêsse em cajado de macieira, e entrou no bote em fórma de cisne, que a conduziu ao palácio da feiticeira.

A' vista de tão belo mancêbo, ficou ela entusiasmada.

— Por Satanaz, meu primo — exclamou — é êste o mais bonito rapaz, que os meus olhos acertaram de vêr; eu creio que o amarei três vêzes três dias.

Em seguida, pôs-se a cobril-o de agradabilidades, chamando-lhe nomes ternos, e deu-lhe de comêr e bebêr.

Por felicidade, Bela encontrou sôbre a mêsa a faca de S. Corentino, que ali deixara Pogamo. Apoderou-se dela disfarçadamente, pâra a aproveitar em dada ocasião, acompanhando depois a feiticeira até o jardim, onde esta lhe fêz notar os canteiros de relva com flôres de diamantes, jactos de água perfumada com alfazêma, e sobretudo o viveiro, onde nadavam os peixes de mil côres.

Bela, sentiu-se encantada em frente do viveiro; e por isso sentou-se á borda da piscina pâra melhor contemplar a multidão e belêza dos peixes.

A feiticeira, aproveitando-se de semelhante pasmo, perguntou-lhe se ela não gostaria de ficar, pâra sempre, em sua companhia.

Bela respondeu que isso seria uma grande felicidade; que ficaria com mil vontades.

— Então tu consentirás em sêr meu marido, nêste instante? — perguntou a fada.

— Não ponho dúvida — respondeu o falso rapaz — mâs com a condição de me deixares pescar um dêstes belos peixes com o fio de aço, que trazes á cinta.

A feiticeira, que nenhumas desconfianças tinha, julgou que o pedido era um simples capricho de rapaz, uma brincadeira, e deu lhe o fio, dizendo a rir:

— Vamos a vêr o que tu apanhas, meu belo pescadôr!

— Eu apanharei o diabo—gritou a rapariga, lançando o fio aberto á cabêça da feiticeira. — Em nome do Salvadôr dos homens, bruxa maldita, mostra no côrpo o que és no coração!

A fada soltou um grito enorme, que terminou por um abafado murmúrio. O voto de Bela estava cumprido. A formosa fada das águas não era mais do que uma hedionda rainha dos sapos.

A rapariga enrolou o fio, e corrêu a lançal-o num pôço, sôbre o qual pôs uma pedra, selada com o sinal da cruz, a fim de que ninguem a pudesse levantar senão no dia do juizo final.

Voltando, em seguida e apressadamente, ao viveiro, viu que os peixes já tinham saído da água, e vinham ao seu encontro, como uma procissão de monges pintalgados, gritando com suas pequenas vozes roucas:

— Eis aqui o nosso senhôr e dono, o que nos livrou do fio de aço e da frigideira de oiro!

— E serei eu ainda quem vos restituirá á vossa fórma de Christãos—disse Bela, empunhando a faca de S. Corentino.

Quando ia a tocar com ela no primeiro peixe, viu que perto dos seus pés, saltitava uma rã vêrde, que trazia ao pescôço uma campainha mágica, e que soluçava, pousando as patas sôbre o seu pequeno coração.

Bela experimentou grande impressão, e gritou:

— Ai, que és tu, tu, o meu Pogamo, a minha alegria, o meu cuidado?

«Não és tu?

— Sou eu, sou! — respondeu roucamente a rã.

Bela rapidamente tocou-a com a lâmina da faca. Pogamo surgiu tal qual era. Abraçaram se ambos, chorando, por um ôlho lágrimas tristes, que recordavam o passado; e por outro, lágrimas alegres, que celebravam o presente.

A rapariga, em seguida, fêz a mêsma operação a tôdos os peixes, que se tornaram gente humana, como haviam sido.

Por fim, viu-se chegar, com grande surprêsa o anão *do rochido do Veado*, arrastado dentro do seu ninho, como se fôra em carruagem, por seis grossos besouros, que nascêram dos seis ovos de pedra

— Eis-me aqui, formosa joven! — exclamou êle, dirigindo-se a Bela.—Quebrou-se o encanto, que me prendia; venho agradecêr-vos, porque de uma galinha fizeste um homem.

Depois disto, convidou os dois namorados a seguil-o até junto dos bahús, que eram da feiticeira, e que estavam cheios de pedras preciosas, pedindo-lhes que se servissem do que lhes agradasse.

Pogamo e Bela enchêram bôlsos, cintos, chapéus e até as ceroulas.

Afinal Bela ordenou ao seu cajado que se transformasse numa carruagem aérea, tamanha que chegasse pâra a conduzir a Lanilis com tôdos, que ela tinha salvo.

E assim sucedeu.

Publicados os banhos, a famosa rapariga uniu-se christâmente ao seu Pogamo, como ambos, havia tanto, desejavam ardentemente.

E, em vêz de comprar uma pequena vaca e um pôrco magro, êles fizeram acquisição de tôdas as terras da paróchia, a pêso de dinheiro; e estabelecêram ahi, como abegões e rendeiros, tôdos os homens trazidos da famosa ilha de Lok.

EM BUSCA DA FELICIDADE

(IMITAÇÃO DE VOLTAIRE)

Será muito rara a pessôa, que se não julgue um ente superiôr ao seu semelhante, por qualidades de inteligência, discreção e bom govêrno, especialmente na edade das aspirações elevadas.

E' uma espécie de mania, que ataca a maioria das cabêças humanas.

Bruno de Azevêdo, que herdara de seus paes, falecidos prematuramente, uns certos têres, projectava modos de vida, fóra do vulgar, porque sabia, ou supunha sabêr, que a verdadeira felicidade consiste em sêrmos prudentes e desapaixonados.

— Nada. — reflexionava êle — Os movimentos da alma, a que se chama paixão ou amôr a isto ou áquilo, são a causa principal de grandes desgraças. Com propósito firme, não é dificil evitar paixões: é, ao contrário, coisa bem facil no meu entendêr.

Reflexionemos maduramente. E Bruno de Azevêdo, cofiando a barba cerrada, muito prêta, que usava, já propositadamente, pára não dependêr do barbeiro, engolfou-se em profunda meditação, uma e muitas vêzes repetida.

Primeiramente protestou que não dedicaria afecto a mulher nenhuma; nunca o amôr lhe entraria nos recessos da alma. Ao vêr uma mulher formosa, perfeita, seductôra, havia de desprezal-a, dizendo com os seus botões:

— Nada... não me iludes. Essas belas faces rosadas enchêr-se-ão, um dia, de rugas; êsses olhos scintilantes bordar-se-ão de encarnado húmido e nojôso; êsse colo níveo tornar-se-á rugôso e engelhado; essa formosa cabêça será desfeada pela calvicie. Nada. Pensando, dêsde logo, que a vêjo dêste modo, e que os meus olhos se não enganam, estarei salvo. Essa linda cabêça, com certêza, não fará perturbar a minha.

Em segundo lugar, pensava ainda Bruno, que a sobriedade era meio caminho andado pâra a ventura.

— Não me deixarei tentar — monologava convencido — pelos bons acepipes, vinhos deliciosos e mais seduções, que oferece a sociabilidade; representarei na ideia as consequências, que trazem os excessos dêsse género: cabêça pesada, estómago dorido, pêrda de tempo, razão e saüde. Comerei apenas pela necessidade de me alimentar, o meu bem estar conservar-se-á sem desigualdade, e o meu cérebro estará sempre leve e desanuviado. Sendo facil reagir, não terei grande trabalho, nem merecerei grandes gabos, em conseguir a vida normal, que tanto desêjo.

Como corolário dos seus judiciosos raciocínios em seguida ao turbilhão de ideias calmas, que lhe ocupavam a imaginação, Bruno de Azevêdo, cogitava ainda, medindo, a passos cadenciados, o seu cómodo gabinête:

— Agora cumpre-me pensar, com tôda a atenção, nos recursos, de que disponho: julgo que o meu capital está solidamente garantido nos cofres do Banco de Portugal; embora a juro módico, assegura-me folgada independência.

«Isto é o mais; o menos, diz respeito ás territas de Caneças, donde vieram os meus avoengos, as quaes não me dão rendimento, mâs tambem me não inspiram cuidados. Não terei necessidade de disputas, nem de malquerenças; não invejarei os meus semelhantes, não serei invejado por êles Eis ainda um assunto claríssimo. Quanto a amigos, conservarei os que tenho, e será isso por largo tempo, dêsde que êles não precisam de disputar-me coisa nenhuma. Não

havendo ríxas, não confiando inteiramente nêles, porque os bons são raríssimos, não os inquietando e sendo eu independente, como ninguem, tudo correrá ás mil maravilhas. E' dificil ou irrealizavel o que eu medito? Ao contrário, havendo um propósito firme, não há nada de mais facil execução.

«Tudo se resume em tenacidade e bom juizo.

Tendo concebido assim, com extraordinária prudência, o seu plano de vida, o Azevêdo, pâra sorvêr o ar balsâmico da tarde, deitou a cabêça fóra da janela.

Depois de curto espaço, viu alguma coisa, que lhe absorveu a atenção.

Duas mulheres passeavam, sôb o arvorêdo fronteiro, que formava renque pitorêsco em frente da sua casa.

Pôs-se a examinal-as. Uma era idosa, e parecia indiferente a tudo, que a cercava; bambeava-se distraídamente; a outra era joven, formosa, mâs dava mostras de grande desassocêgo, caminhando ora apressada ora lentamente, retrocedendo por vêzes, suspirando com gestos descompassados, e por fim desatando a chorar de um modo verdadeiramente aflictivo.

Bruno ficou impressionado, não tanto pela belêza da rapariga, porque isso representaria uma fraquêza, de que êle não seria capaz, mâs sim e unicamente pela aflição, em que a via mergulhada.

Pareceu-lhe, na sua bondade de sisudo cavalheiro, que deveria acudir á fragilidade de uma dama chorosa, cujo estado o sensibilizara, indagando do seu pezadume, e oferecendo consolações e desinteressado préstimo.

Tomou o chapéu, depois de têr envergado um dos seus melhores casacos, desceu á rua, e aproximou-se da afflicta personagem, na sincera e louvavel intenção de a consolar prudentemente.

A formosíssima dama ruborizou-se, soluçou mais forte por alguns minutos, e limpando graciosamente os lindos olhos, ao lenço de apurada renda, contou a intervalos la-

crimosos uma triste historia, de que era protagonista um malvado tio, que ela não tivera nunca, seja dito á puridade.

— Quere-me roubar, meu caro senhôr — exclamava ela indignada — tenta despojar-me de tudo o que meus paes me deixaram.

— E' monstruôso o que me conta.

— Pois não há nada mais certo. Um tio serve-se de tôdos os artifícios pàra me enganar. Estou desesperada; tenho ímpetos de acabar com a vida, que já me pesa.

— Isso é demasiada fraquêza, minha senhôra. Tenha coragem.

— E' que eu, despojada do que legitimamente me pertence, fico reduzida á miséria. O que êle possue é o que o meu desalmado tio me quere usurpar.

A bela personagem nada possuia, como brevemente saberemos.

Não antecipemos, porêm, os acontecimentos, e continue a conversa.

— Minha senhôra—respondeu Bruno, sinceramente abalado—isso não deve, nem pode sêr. Não tem v. ex.ª documentos do que lhe pertence?

— Tenho-os e irrefutaveis, segundo penso; lá isso tenho.

— Então porque se aflige tanto?

— Porque meu tio é um homem capaz de tôdas as violências.

— Ora adeus, senhôra. Perante bons documentos, tôda a justiça lhe deve sêr feita.

— O cavalheiro, que vêjo sêr pessôa tão séria como bondosa, quere informar-se melhor, e dar-me o seu parecêr; no que me prestaria grande obséquio?

— Mâs, como, senhôra? como?

— Examinando os papeis. Eu moro muito perto. Meu tio saiu. Em minha casa só estarão os criados; acompanhando-me até lá, eu lhe forneceria tôdos os elementos necessários. .

— Não sei se deva...

— Eu não tenho a quem dar satisfações dos meus actos, que, mercê de Deus, podem sêr vistos por tôda a gente. Tendo a condescendência de vir a minha casa, eu estou certa de que, á vista dos papeis, que eu conservo a bom recato, o cavalheiro faria o seu juizo, e chegaria a indicar-me a melhor maneira de me salvar de um perigo iminente.

A dama, nêste ponto, deixou descair a cabêça, ocultando a cara no seu lenço fino, e desfêz-se em soluços.

— Senhôra! vem gente; acalme-se, e partamos.

— Oh! sim, partamos, meu distincto salvadôr.

*

A casa, de que a chorosa personagem falara, não era tão perto como ela indicara; ficava situada fóra de portas, embora fôssem estas as mais próximas.

Uma animada conversa suavisou o caminho percorrido.

Uma criada de aspecto ladino veio abrir a porta; e Bruno de Azevêdo foi introduzido num gabinête perfumado, onde compareceu, sem demora, a dona da casa, depois de se têr despojado da sua capa e casquête emplumado.

Muito risonha e cortêz, depois de o aliviar da bengala e chapéu, fêl-o sentar, ao seu lado, num amplo sofá, tão amplo que os dois, de pés cruzados, poderam ficar virados um pâra o outro.

A dona da casa mostrou-se acanhada, e, inclinando a cabêça intentou comovêr-se, suspirando a miude, e procurando, dahi a pouco com os olhos... os olhos do seu hóspede, que não estava menos enleiado e perplexo.

E em seguida falou com ternura, soltando amargas queixas contra o seu infortúnio, com a vista, orvalhada de lagrimas, sempre fita na do Azevêdo, que, boquiaberto, ruminava, no seu intelecto de homem prudente e perspicaz.

o modo como havia de sêr util a uma creatura tão afavel, honesta e desgraçada.

— E há gente com a alma impedernida — pensava êle — gente inhumana, que se não condóe de tanta desventura, que circula por êsse mundo fóra!

A certa altura, o nosso homem já não tinha grande clarêza de ideias.

Insensivelmente, dama e cavalheiro haviam-se aproximado, no calôr da conversa, trocando palavras e gestos de elevada importância, e não sabendo muito bem do objecto, que ali os fizera reunir.

De repente, a porta do perfumado gabinête, a um empurrão violento, escancarou-se, dando entrada a uma terceira personagem.

— Ai! o meu tio! fuja, meu amigo! — gritava a fagueira dama.

— Que pouca vergonha é esta?—berrou o recem-vindo, homem barbudo e sinistro, como deverá tèr sido o Ferrabrás de Alexandria, e, como êste, armado até aos dentes, com a diferença de se apresentar com armas modernas— um revólver engatilhado, duas pistolas á cinta e um espadagão pendente de complicado correame.

— Por bem fazêr... mal havêr!—pensou o Azevêdo, ao pôr-se de pé, estarrecido, com o sangue paralisado.

— Que pouca vergonha é esta? — regogou novamente o tremebundo sujeito, apontando o revólver; alternadamente, ora ao peito da sobrinha ora ao do seu hóspede.

— Eu vinha, meu caro senhôr... ia êste a dizêr.

— Perdão! perdão, ó tio! — clamou aquela, caindo de joêlhos.

— Vou matal-os ambos, sem remissão, nem agravo. Êste caso só se lava com sangue. E eu quero... o sangue, as vísceras, os presuntos, as queixadas... tudo... tudo em fim dêstes infames profanadôres do lar doméstico.

— Perdão! perdão, senhôr tio! — continuava a geme-

bunda dama. Não condene pelas aparências. Perdão! perdão!

— Sim! não crimine pelas aparências. Eu sou um homem honrado — atreveu-se o Bruno a acrescentar.

— Não é má honradêz esta, não! Sangue... sangue é que ha-de vingar-me... e muito sangue!

— Perdão, senhôr tio! perdão!

— Eu queria sangue, desventurado de mim! mâs fala exactamente a voz do sangue, pela bôca de uma sobrinha. Pois bem. Não havendo sangue, tem que aparecêr muito dinheiro: é um resgate. . Só assim perdoarei.

— Sim, tio. Êste cavalheiro é muito generôso. Não duvidará...

— Pois venha tôdo o dinheiro, que tiver! — intimou o Ferrabrás, com gesto ameaçadôr, dirigindo-se a Bruno de Azevêdo, que já devia esperar tal tio de semelhante sobrinha, e que se viu obrigado a despojar-se da bolsa, que trazia menos mal recheada.

Ao vêr-se na rua, deveria considerar-se feliz, por se têr desentalado do perigo por tão bom prêço; e de ficar tão bem instruido ácêrca das damas, que se apresentam chorosas, em público, armando ciladas até áqueles, que se julgam experientes e sabidos.

* * *

Ao contrário disso, o nosso heroe regressou a casa desesperado e coberto de vergonha.

Sôbre a escrivaninha do seu gabinête, encontrou um bilhête, em que alguns dos seus amigos o convidavam pâra jantar, em convívio íntimo, porque bem íntimos eram os indivíduos, que o assinavam.

— Era melhor não ir — reflexionou o Azevêdo. — Se fico, porêm, em casa, não me sae da cabêça a arrelia do que me acaba de acontecêr; vou aborrecêr-me enormemente, e

até poderei adoecêr. Nada. Um repasto frugal entre amigos íntimos é bom calmante pâra o meu mal.

Poderei esquecêr-me da grande tolice, que cometi esta manhã, e de que fui bem castigado, valha a verdade.

Decidiu-se, e a horas convenientes apresentou-se no local indicado, alegando, entretanto, má disposição de espírito, e até uma fadiga fóra do comum.

Aconselharam-lhe que bebesse um pouco de vinho, bom antídoto contra tristêzas e contrariedades.

Achou que o consêlho era util, e, de súcia com alguns dos companheiros, começou a beberricar, conhecendo, a pouco e pouco, que se lhe dissipavam as más lembranças de tudo, que lhe acontecêra.

Foi indo atrás do gôsto e do entusiasmo de momento; quando deu por si, ao fim do jantar, estava embriagado.

Êle não deu por si, valha a verdade, porque, ao contrário, não se deixaria seduzir pela voz de um amigo, que propunha a jogatina, como entretenimento próprio de tão bela ocasião.

Bruno de Azevêdo, incitado pelos comensaes, que ainda não tinham deixado de o lisonjear, sentou-se á mêsa do jôgo, pois pensou ainda que uma diversão dessas, entre amigos, nada oferecia de prejudicial.

Conseguintemente, jogou: ganharam-lhe tudo quanto continha a sua nova bôlsa; continuou a jogar: perdeu, sôb sua palavra, a crédito, quatro vêzes mais.

A embriaguêz e o jôgo, a certa altura, deram em disputa calorosa, passando os jogadôres a vias de facto. O nosso Azevêdo, derribado por uma cadeira, que um dos amigos lhe atirou á testa, ficou com uma sobrancêlha escalavrada e um ôlho a escorrêr sangue.

Quando o levaram a casa, ia embriagado, sem dinheiro e com os ferimentos em via de agravamento.

Livre da ebriedade, Bruno lamentou, mais uma vêz, a sua falta de prudência, quando tão acautelado era; e lembrou-se, pâra solvêr a dívida do jôgo, de recorrêr a um ne-

gociante rico, onde tinha certa quantia e juros, visto que a reserva do Banco de Portugal já não era grande.

Chamou o seu criado de confiança, entregou-lhe um cheque, e mandou-o a casa do indivíduo, que, além do seu comércio de armazem, realizava transações bancárias.

O homem tinha falido, na véspera; as portas dos seus estabelecimentos acabavam de sêr trancadas e guarnecidas dos sêlos da lei.

Bruno, apertando as mãos na cabêça e um parche sôbre a sobrancélha e olhos ofendidos, lembrou-se de que lhe seria conveniente ir entendêr-se com o juiz comercial, pedindo-lhe providências contra o bancarroteiro, que acabava de o arruinar.

Na rua encontrou uma dama das suas relações, que fingiu não o vêr, exclamando:

— Oh! que horrôr! Quebraram a cabêça ao Bruno. Tirar-lhe-iam algum ôlho?

Outra, serigaita luxuosa, ao topal-o, perdeu-se de riso, expectorando uma sandice insultuosa.

Mais adiante, um dos taes amigos da jogatina, perguntou-lhe, ao passar, se êle adquirira vista dupla, pois que tapara um dos olhos.

Pâra cúmulo de desdita, o pobre Azevêdo, ao atravessar o Rocio, até se encontrou com o tio e a sobrinha, que, de manhã, o tinham roubado, e que o escarnecêram, perguntando-lhe se o parche, colocado a um lado da testa, significava melhor juizo.

Uma lástima! um dia aziago, como ninguem ainda tinha tido!

O juiz comercial ouviu-o com atenção, mas respondeu-lhe que nada poderia fazêr em seu benefício, dêsde que o seu depósito em casa do bancarroteiro não era privilegiado. Teria que sujeitar-se ao rateio proporcional, que adviesse da liquidação, se alguma coisa houvesse que ratear.

Ao sair da casa do magistrado, o pobre Bruno, encontrou ainda pessôa das suas relações, por quem lhe foi asse

verado que o falido fugira na véspera, levando comsigo os valôres de caixa, únicos existentes; e que por isso os credôres nada receberiam.

O desgraçado lembrou-se então dos seus cálculos matutinos e dos protestos, que formara, renunciando mulheres, excessos da mêsa, jogos, questões e frequência de amigos, e entregando-se a uma vida positiva e ajuizada.

Tudo perdido num só dia!

Antes da noite, fôra roubado por uma formosa mulher, tinha-se banqueteado com amigos, embebedando-se, jogando, armando questiúnculas, sendo ferido com risco de perdêr um ôlho, e acabando por ficar com dívidas e quase na miséria.

Bonita prudência! bela sensatêz, formosos cálculos os seus!

Ao recolhêr-se á sua moradia, com o desespêro na alma, o desalento e a morte no coração, mal sabia êle que lá o esperavam os credôres do jógo, os quaes, amigos como eram, se tornaram implacaveis, acusando-o de caloteiro e homem de má fé.

— Podem retirar-se tranquilos — asseverou o triste — que eu amanhã solverei o meu débito, pois que a estas horas não poderei tirar recursos do lugar, onde os tenho.

Bruno referia-se ao pouco, que lhe restava no banco; dessa quantia sobrou-lhe apenas o bastante pàra vivêr algumas semanas.

Deitou-se afflicto, e sonhou com um anjo das altas regiões etéreas, que, a sorrir-se, incitando-o ao trabalho de uma vida futura, lhe dizia estas palavras:

— Há desgraçados, que sofrem mais do que tu. Estiveste em risco de perdêr um ôlho... vive gente a quem faltam os dois; da tua ruina sobram-te a casa, onde estás dormindo, e as terras, que herdaste dos teus avoengos, em quanto que a milhares de infelizes ou desgovernados não resta um vintem. Sê trabalhadôr e poupado, más não faças nunca projectos, em que te reputes completamente ajuizado.

— E porquê ? porque não ?

— Pelo que te aconteceu. Não se pode aspirar a suprema perfeição, como é impossivel a alguem o sér completamente sábio, completamente hábil, completamente forte, poderôso e feliz.

ZADIG

OU

O DESTINO

HISTORIA ORIENTAL

(VERSÃO LIVRE DE VOLTAIRE)

I

Por causa de um ôlho

Nos bons tempos do famôso rei *Moabdar*, havia em Babilónia um distincto mancêbo, de nome Zadig, muito bem intencionado e senhôr de uma esmerada educação, apropriada ao seu elevado nascimento.

Com sêr môço e abastado, sabia moderar as suas paixões; não se impunha, nem se fazia valêr; não queria que a razão estivesse sempre do seu lado; e não lhe pesava respeitar a fraquêza dos homens, um grave defeito, que bem conhecia.

Era admiravel o vêr como êle, possuidôr de um espírito elevado, não correspondia nunca, com exaltações acaloradas, a proposições tão vagas, tão despejadas, tão tumultuosas; a maledicências e temeridades, a decisões tacanhas, a grosserias espaventosas; a êsse vão ruido de palavras, a que se chamava conversação variada em tódos os círculos de Babilónia.

Êle tinha aprendido a súmula do primeiro livro de Zoroastro, e lá se dizia que o amôr próprio é um balão entumecido, muito cheio de vento, que origina tempestades, quando se lhe aplica um furo.

Zadig não se vangloriava, como tantos, de despresar as mulheres e de as subjugar. De índole generosa, nem ainda escrupulizava de favorecêr ingratos, seguindo o grande preceito de Zoroastro, que recomenda:

— A's tuas refeições dá sempre que comêr aos cães, embora êles venham a mordêr-te.

Êle era tão instruido quanto podia sêl-o, porque preferia sempre a convivência dos letrados.

Versado nas sciências dos antigos chaldeus, não ignorava os preceitos físicos da naturêza taes como então eram conhecidos; e sabia da metafísica o que sempre se soube em tódos os séculos... pouco mais de nada.

Estava perfeitamente convencido de que o ano se compunha de tresentos sessenta e cinco dias e um quarto, mau grado a nova filosofia do seu tempo, e de que o sol era o ponto central do mundo.

Quando os mágicos principaes lhe diziam, com uma altivêz insultante, que êle manifestava maus sentimentos, e dava mostras de não sêr amigo do estado, quando acreditava que o sol girava sôbre si mêsmo, e que o ano se compunha de dôze mêses — calava-se, sem demonstrações de cólera ou simples desdem.

Um belo carácter o de Zadig!

Possuidôr de grandes riquezas, e por consequência rodeado de muitos amigos, disfructando excelente saüde, aparentando bôa figura, um ar amavel, um espírito justo e moderado, e possuindo coração sincero e nobre, tinha o distincto mancêbo todos os requisitos pâra sêr um ente feliz.

Êle próprio acreditou que era facil alcançar a ventura.

Pensou em se casar; e escolheu uma mulher formosa, joven, afamada por sua abastança e nascimento.

Chamava-se Semira, o melhor e mais elevado partido, como se diz vulgarmente, de tôda a Babilónia.

Êle amava-a profunda e sinceramente, como se ama a perfeição e a virtude; e Semira correspondia-lhe apaixonadamente.

Estavam em vésperas de realizar o tão desejado matrimónio, quando, num agradavel passeio, que ambos davam ás portas da cidade, sob a frêsca ramaria das palmeiras, que ornam as margens do Eufrates — observaram surprêsos que lhes vinham ao encontro armados de frechas e sabres, alguns subalternos do jovem Orcano, que se vangloriava de sêr sobrinho de um ministro de estado e um extravagante, a quem os cortezãos de seu tio adulavam, fazendo-lhe acreditar que, pelo seu alto parentesco, tudo lhe era permitido.

Não tendo nenhum dos atributos, que tornavam Zadig distincto, por sua graça e virtudes, julgava sêr-lhe superiôr, e desesperava-se por não tê-lo conquistado a preferência nos amôres da donzela.

Êste ciume era unicamente filho da vaidade; entretanto Orcano julgava-se tomado de amôr por Semira, perdida e loucamente; e concebeu a idéia de a captar, ainda que tivesse de empregar a fôrça.

Indo ao encontro dos dois passeantes, deu ordem aos que o acompanhavam pâra que se apoderassem da noiva de Zadig.

A ordem foi cumprida; e a donzela, tomada em braços com brutalidade e violência, sentiu-se ferida, a ponto de perdêr algum sangue, ela, uma pessôa encantadôra, cuja vista seria capaz de enternecêr os tigres do monte Ismaüs.

Por entre lágrimas, dirigia calorosas súplicas ao céu lastimava-se, e gritava:

— Meu caro espôso, salva-me, que me querem roubar o que eu mais prezo!

E não se importava com as futuras conseqüências do pe-

rigo, que corria; só pensava no seu noivo, no seu querido Zadig.

— Coragem, Semira — clamava êste — que eu te defenderei até á morte.

E, duplicando as fôrças e desenvolvendo uma destrèza admiravel, combatia por sua dama, com a valentia, que dão o amôr e a fortalêza de ânimo.

Auxiliado apenas por dois dos seus escravos, ao fim de algum tempo, venceu a refrega, pôz em fuga os adversários, e conduziu Semira, desmaiada e ferida, a sua casa.

Ao primeiro abrir dos olhos, ao vêr o seu gentil e amado libertadôr, disse-lhe ternamente:

— Zadig, até aqui amei-te como meu espôso: de hôje em diante, amar-te-ei como aquêle, a quem dêvo a honra e a vida.

— Fiz o meu dever, Semira. Nada me deves do que pratiquei.

— Ai, não, Zadig. Nunca haverá coração mais cheio de gratidão do que o meu.

E Semira não se cansava de repetir amabilidades.

Nunca bôca tão formosa se exprimiu com mais larguêza e maior fôgo de expressão, ácerca dos sentimentos, que tôda a gente deve têr, quando o amôr e o cavalheirismo praticam actos, como aquêle, que acabava de salvar honra e vida.

O ferimento, que a dama recebêra, não tinha importância; curou-se facil e brevemente.

Outro tanto não aconteceu ao valorôso mancêbo, seu defensôr, que recebeu uma profunda frechada perto de um ôlho, em cuja vizinhança se formou uma perigosa chaga.

Semira lastimava-se constantemente, pedindo aos céus a breve cura do seu amante e libertadôr.

Os seus olhos, a tôdas as horas, noite e dia, estavam banhados de piedosas lágrimas.

Quando chegaria o momento, em que os olhares de Za-

dig se mergulhassem nos seus, onde brilhava um mundo de ternura?

O doente porém não alcançava melhoras; ao contrário, havia muito que temêr. Um abcesso de mau carácter sobreviera ao ôlho ferido. Chamaram-se físicos á pressa.

Um emissário especial foi mandado a Memfis, em busca do grande médico *Hermés*, que se apresentou, seguido de belo e numerôso cortêjo.

Ao visitar o doente, declarou que êste infelizmente perderia o ôlho esquêrdo; chegou a marcar scientificamente o dia e hora, em que tal fatalidade deveria acontecêr.

Era realmente um acidente funestíssimo.

— Se se tratasse do olho direito — exclamou profeticamente — tel-o-ia eu curado. As feridas do olho esquêrdo, nestas circunstâncias, são incuraveis. Juro-o sôb o meu grau.

Tôda a Babilónia lastimou a sorte do opulento, bravo e distincto mancêbo; e cobriu de admiração a profundêza scientífica do médico *Hermés*.

Um caso longamente falado.

Entretanto, oh! milagre da naturêza! dois dias depois, o abscesso rebentou por si; e Zadig curou-se completamente, dentro de pouco tempo!

Nova admiração de Babilónia inteira.

Hermes, o afamado e sábio médico, escreveu um livro, com que provou que Zadig não podia, nem devia sêr curado.

O mancêbo não o leu com certêza, mâs, dêsde que lhe foi permitido sair, o seu primeiro cuidado empregou-o na visita a casa da mulher amada, tesouro dos seus afectos, esperança de felicidade plena, enlêvo único da sua alma apaixonada.

Só para a contemplar desejava possuir ambos os olhos sãos.

Havia três dias que Semira se retirara pâra o campo,

não como êle, que regressava a sua casa triste e pesaróso, mâs muito alegre e satisfeita.

No caminho soube o desditóso que essa bela dama, julgando-o zarólho, tinha declarado, alto e bom som, que detestava tôda a gente, fôsse quem fôsse, que tivesse semelhante defeito, uma fealdade sem nome.

Vêsgos, estrábicos e zanagas eram, no seu pensar, uns aleijões repugnantes.

Na véspera, pois, acabara de ligar o seu destino a Orcano, o tal sobrinho do ministro, dando-lhe a mão de espôsa!

Zadig quis morrêr, ou antes, sentiu-se morrêr, ao ouvir a terrivel nova; chegou a perdêr a noção da vida; estêve doente por muito tempo; a sua mágua enorme pôl-o ás portas da morte.

A razão por fim venceu o desgôsto, motivado pelo que êle denominou uma atrocidade.

E êsse qualificativo chegou a servir-lhe de consolação.

— O que faz uma educação elevada! — dizia Zadig. — Já que uma rapariga, criada e instruida na côrte, procede desta maneira, o que me resta é desconfiar de tôdas as damas de egual categoria, e casar com uma mulher da classe média.

E escolheu uma donzela, chamada Azora, creatura bem nascida e judiciosa, com quem casou de bôa mente, e com quem viveu, durante um mês, disfructando os gosos ternos e calmos de uma ditosa união.

Ao fim dêsse tempo, que passara com a rapidêz de um sonho, Zadig começou a notar que a espôsa tinha uma ligeira tendência pára a leviandade, e decidida inclinação pára só encontrar espírito e virtudes nos rapazes de bonita figura.

Uma bagatela, sem dúvida.

Um senão sem importância.

II

O riacho e o nariz

Um dia, Azora, a esposa de Zadig, regressou de um passeio, com vivos sinaes de desespêro, lançando aos ares grandes exclamações.

— Que tens tu, querida mulher? — interrogou Zadig cuidadosamente. — Que é que pode incomodar-te a êsse ponto?

— Ai! se tu presenciasses o espectaculo de que acabei de sêr testemunha, certamente que havias de indignar-te, como acaba de me acontecêr.

— Não o duvido. De que se trata?

— Fui a casa da joven viuva *Cétrou*, pâra a desanojar e prodigalizar-lhe consolações...

— Há tempo que o marido morreu...

— Sim, é certo; màs, haverá dois dias, que ela lhe mandou erigir faustôso mausoleu junto do riacho, que borda a sua herdade...

— E que mais? Fala, que estou anciôso.

— Imagina tu que ela, na sua grande dôr, fêz promessa solene aos deuzes de permanecêr junto do túmulo emquanto a água do volumôso regato lhe murmurar, e corrêr ao pé.

— Muito bem. Ahi está uma mulher estimavel e digna, que amava verdadeiramente seu marido. Muito bem.

— Ah! se tu soubesses em que ela se ocupava, quando a procurei pâra a vêr e consolar.

— Na louvavel intenção de honrar as cinzas do marido, certamente.

— E acreditas nisso?

— Porque não?

— A viüvinha, pâra bem cumprir a sua promessa, que era um voto solene aos deuses, tratava de... de desviar as águas do riacho!

Azora alargou-se em exclamações e novas invectivas, muito extensas e variadas contra a joven viüva, de modo tal que a Zadig pareceu exagerada a série de comentários desenvolvidos por sua mulher, cujo zêlo e virtude lhe não agradavam em demasia.

Tinha Zadig um amigo, chamado Cador, que era um dos mancêbos, em quem sua espôsa encontrava predicados superiôres aos dos outros.

Chamou-o, segredou-lhe um plano qualquer, tornou-o seu confidente, interessando-o nas recomendações, que lhe fêz, por um magnífico presente.

Passou-se isto durante dois dias, que sua mulher gastou em diversão campestre, na companhia de umas amigas de sua intimidade.

Ao terceiro dia, voltou Azora ao aprisco conjugal, onde a surprehendia a maior das desditas.

Seu marido, o tão distincto e afamado Zadig, morrêra subitamente na última noite, exactamente na véspera da sua chegada.

Os criados, em choros e exclamações, comunicaram-lhe a funesta nova, dizendo que ninguem se atrevêra a ir participar-lh'a ao campo, pela dôr, que ia ferir sua ama.

— E o cadáver onde está? — perguntou a desvairada senhôra, soltando gritos e arrancando os cabêlos.

— O cadáver do nosso querido amo Zadig repousa, ao cabo do jardim, no túmulo dos seus maiores, onde o fomos colocar, entre lágrimas e respeitos.

Pela tarde, Cador, o amigo do falecido, pediu licença pâra falar á desolada viüva, que chorou com êle, lastimando-se ambos do triste e inesperado acontecimento, uma fatalidade incomparavel.

Azora perdêra o melhor dos maridos, e Cador o maior dos seus amigos.

No dia seguinte, repetiu-se a entrevista. O chôro foi menos abundante; e, por fim o mancêbo Cador jantou com a viüva Azora.

Durante o repasto, a conversa entrou pelos domínios da confidência.

Cador comunicou particularmente que o seu bom amigo, cuja morte ambos choravam, lhe deixara uma grande parte da sua riquêza, e que teria sumo gôsto em que a viüva partilhasse dêsse benefício.

Se ela aceitasse, concorreria pâra a sua felicidade, porque só se julgaria o mais ditôso dos homens com tal acquiescência.

A preciosa dama chorou, carpiu-se, zangou-se, tornou-se amavel, enterneceu-se.

A ceia foi mais demorada do que o jantar; falou-se com mais desembaraço e confiança; Azora elogiou as qualidades do defunto, màs .. confessou por fim, com largos rodeios, que... que tinha alguns defeitos, dos quaes, verdade, verdade, Cador estava isento.

Reinava entre os dois o introito de um bem-estar invejavel, que podia prolongar-se futuro dentro.

Entretanto, provando que não há gôso perfeito, a meio da ceia e da melhor parte da conversa, sobreveio um penôso incidente.

Cador começou a queixar se de uma violenta dôr no baço, dôr terrivel, desconhecida, perigosa.

A dama, inquieta e apressada, penetrou no seu perfumado toucadòr, trouxe de lá tôdas as finas essências do seu uso, fel as aspirar, uma por uma, ao seu hóspede, na esperança de que alguma lhe fizesse bem, como tanto desejava.

Sentiu que o médico *Hermés* não se conservasse ainda na Babilónia, pâra lhe requisitar a consulta; e dignou-se, a solícita e piedosa dama, palpar, premêr, sondar com as suas delicadas mãos, o sítio, onde Cador sentia tão vivas dôres.

— E' esta a primeira vêz em que tal vos acontece? — perguntou ela.

— Infelizmente, não. Trata-se de um acesso repetido.

— E é perigosa esta dôr?

— Pelo menos é molestia cruel.

— Coitado! Que pena sinto!

— Já tenho estado ás portas da morte...

— E que fazeis nestas ocasiões?

— Um remedio dificil de alcançar; mâs que é infalivel.

— Qual é? Se estiver ao meu alcance, tel-o-eis sem demora.

— A única coisa, que me dá alívios salutares, é o nariz de um homem, môrto de véspera, aplicado cuidadosamente sôbre a parte dorida.

— Parece uma extravagância.

— E não o é, por meus pecados.

— Estranho remedio, com efeito!

— Entretanto não é mais de estranhar do que os saquiteis do figurão *Arnou* contra a apoplexia.

— Um charlatão, que traz ao pescôço umas bolsas, com que diz curar tôdas as apoplexias?

— Êsse mêsmo.

— Tendes razão. O vosso mérito dá direito aos meus cuidados. Dêvo salvar-vos de tamanho mal.

— Obrigado. E tendes meio pâra isso?

— Sem dúvida. Esqueceis-vos de que meu marido faleceu hontem?

— Não me lembrava, com esta maldita dôr. Ai! ai!

— Quando Zadig passar do mundo de hontem pâra o mundo de amanhã, sôbre a ponte *Tchinavar*, ao mando do anjo Asraël, êste não lhe negará a passagem, porque o seu nariz será menos comprido na segunda vida do que o foi na primeira.

— Obrigado, caridosa senhôra!

E Azora, resolutamente, pegou de uma faca, bem afiada; dirigiu-se ao túmulo do marido, que encontrou estendido

sôbre o frio mármore, regou-o com suas lágrimas, e dispôs-se a cortar-lhe o nariz.

Oh! surprêza inaudita!

Zadig, afastando com um braço a mão da mulher, onde brilhava a faca, e com o outro apoiando-se na borda do sepulcro, levantou-se de repente, exclamando:

— Senhóra minha, bom será que não griteis mais contra a viuva *Cofrou*, que tanto vos fêz clamar. O projecto de me cortar o nariz é equivalente ao do desvio do riacho. Não será assim? Felicito-me pela experiência, que veio provar-me o que de há muito suspeitava.

III

O cão e o cavalo

Zadig, sempre desejôso de se instruir, ficou sabendo que o primeiro mês do casamento, conforme está escrito no livro de *Zend*, é a lua de mel, e que o segundo comprehende a lua de fel.

Sirva isto de lição aos inexperientes.

Por isso e pelo que acaba de se observar, algum tempo depois, viu-se ele na dura necessidade de repudiar a mulher, com quem não era facil vivêr tranquilamente; e seguir nova senda, em busca da felicidade.

Julgou encontral-a no seio abundante da naturêza.

— Um filósofo — pensou êle — deve sêr o ente mais venturôso do mundo, porque se instrue, e lê constantemente no grande e volumôso livro, que Deus colocou á nossa vista. As verdades, que descobrir, serão positiva e exclusivamente suas; nutre e eleva a sua alma constantemente; vive tranquilo; nada tem que temêr dos homens; e a sua cara espôsa não tem ímpetos de lhe cortar o nariz.

Possuido destas ideias, Zadig retirou-se pàra uma casa de campo, situada á borda pitorêsca do Eufrates.

Lá, num remanso delicióso, não se ocupava êle a calcular quantas polegadas de água corriam sôb os arcos de uma ponte; se a chuva, com as suas linhas consecutivas era mais abundante num mês que noutro; se alguem poderia reduzir a sêda, as têas de aranha, ou de garrafas quebradas fabricar porcelana. O que êle estudou a fundo, sistemática e cuidadosamente, foi tudo o que dizia respeito a naturêza dos animaes e das plantas, fauna e flora, descobrindo variadas diferenças, onde os outros homens nada viam que não fôsse palpavel e uniforme.

Um dia, Zadig, ao passear, filosofando, nas imediações de um pequeno bosque, viu que pàra êle se encaminhava apressadamente um eunuco da rainha, seguido de muitos oficiaes, que pareciam tomados de grande inquietação, e que corriam pàra um lado e outro, como homens desnorteados, em busca do que de mais precióso tivessem nêste mundo.

— Mancêbo — perguntou o maioral eunuco, parando azafamado, deante de Zadig — não viste por aqui, por êstes sítios, o cão da rainha?

— E' uma cadela e não um cão — respondeu êste modestamente.

— Tendes razão — tornou o primeiro eunuco.

— E' uma cadelita fraldiqueira de pequeno córpo — ajuntou Zadig. — Há pouco que ela têve uma ninhada de cachôrros; coxêa da mão esquêrda, e tem as orêlhas muito compridas.

— Vistel-a passar então? Dizei-m'o por caridade. Vistel-a passar?

— Não, e nunca a avistei; nem soube jamais se a rainha possuia cão ou cadela.

— Não percêbo...

Exactamente na ocasião dêste interrogatório, por uma extravagância ordinária da sorte, o mais formóso cavalo

das estrebarias do rei havia fugido das mãos de um palafreneiro, nas planícies de Babilónia.

O monteiro-mor da casa real e todos os oficiaes adstricos corriam, a bom correr, em perseguição do cavalo, como o primeiro eunuco em busca da cadela.

O monteiro-mor dirigiu-se tambem a Zadig, e perguntou por seu turno:

— Viu, por acaso, passar aqui o cavalo do rei?

— E' êsse o cavalo de melhor galope existente nas alegoarias reaes; tem cinco pés de altura, cascos muito pequenos, uma cauda de três pés e meio de comprimento; as chapas lateraes do freio são de oiro de vinte e três quilates, as ferraduras de prata de onze dinheiros.

— Que caminho tomou o cavalo? — interrogou ainda o monteiro-mor.

— Eu não o vi — respondeu Zadig — e nunca ouvi falar de semelhante animal.

O monteiro-mor e o principal eunuco deram á cabeça um sinal negativo; julgaram-se mistificados, e concebêram ambos a ideia de que Zadig, furtando-os, se apoderara do cavalo do rei e da cadela da rainha.

Prendêram-no, e fizeram-no encaminhar pára a assembleia do grande magistrado *Desterban*, que sumariamente o condenou a açoites, e a passar o resto dos seus amargurados dias na Sibéria.

Exactamente, ao findar do julgamento, foram encontrados o cavalo e a cadela das magestades!

Os juizes sofrêram uma desagradavel impressão, e não puderam deixar de reformar a sentença, não absolvendo o condenado, como era de esperar, màs obrigando-o a pagar quatrocentas onças de oiro, por afirmar que não tinha visto o que vira.

Zadig não pôde evitar o pagamento desta multa, màs, apesar da sua extrema bondade, requereu defêza, e foi-se a pleitear a sua causa os seio do consêlho, presidido pelo grande *Desterban*.

E, cheio de razão, falou nêstes têrmos:

— Estrêlas da justiça, abismos das sciências, espêlhos da verdade, que tendes o pêso do chumbo, a durêza do ferro, o brilho do diamante e muitas afinidades com o oiro, escutae-me.

— Podeis falar.

— Já que me não é permitido fazêl-o perante esta assembleia augustíssima, eu vos juro, por *Orosmade*, que nunca vi a respeitavel cadela da rainha, nem o cavalo sagrado do rei dos reis.

— Mâs então...

— Atendei, que vou explicar-me. Eu passeava junto do pequeno bosque, no lugar, onde eu encontrei o veneravel eunuco e o muito ilustre monteiro-mor. Vi então claramente as pegadas de um animal, que descobri com facilidade pertencêr á raça canina, e sêr de pequena estatura. Riscas ligeiras e compridas, impressas nos montículos da areia, entre os sinaes das patas fizeram-me conhecêr que se tratava de uma cadela, cujas têtas tocavam no chão, indício certo de que parira, havia poucos dias.

— E' razoavel.

— Outros traços, em sentido diferente, os quaes pareciam têr sempre alisado a superficie da areia, ao lado das patas dianteiras, mostraram-me que a cadela tinha orêlhas muito compridas; e, como notei que a areia se apresentava sempre menos calcada por uma pata que pelas três restantes, comprehendi, tambem sem esfôrço, que a cadela de nossa augusta rainha era um tanto manca, se assim me posso exprimir.

Os juizes olharam-se, surprêsos, ou antes, confundidos.

— Pelo que diz respeito ao cavalo do rei dos reis, magistrados potentíssimos, ides têr cabaes explicações, tão sólidas como as que acabaes de ouvir.

— Nós vos escutamos.

— Internando o meu passeio, nos caminhos do bosque, depararam-se-me sinaes das ferraduras de um cavalo, co-

locadas sempre a egual distância; o que me indicou que o belo animal galopava perfeitamente. A poeira do arvoredo, num caminho estreito, que não tem mais do que sete pés de largo, estava um pouco sacudida, á esquêrda e á direita, na distância de três pés e meio do centro da estrada: logo o cavalo possue uma cauda de três pés e meio, que, com os seus movimentos, esquêrdo e direito, sacudira essa poeira.

— E' lógico, não há dúvida.

— Notei que, debaixo das árvores, que formavam abóbada cerrada, de cinco pés de altura, havia fôlhas recentemente desprendidas de cima, reconhecendo por isso que o cavalo as tinha deitado abaixo, e que por isso a sua altura comprehendia cinco pés.

— De acôrdo.

— Quanto ao freio, deve sêr de oiro de vinte e três quilates, porque o cavalo roçou as chapas lateraes da faceira num calhau, que eu reconheci como bôa pedra de toque, segundo experiências, a que procedi. Finalmente, pela marca das ferraduras, ao tocar em certas pedras de outra naturêza, descobri que eram de bôa prata de onze dinheiros. Eis tudo. Quem se julga pois com direito a estranhar o meu procedimento?

Ninguem por certo. Os juizes ficaram maravilhados de tão subtil e profundo descernimento; a nova correu por tôda a parte, chegando ao conhecimento do rei e da rainha.

Não se falava de outro assunto nas antecâmaras, nos ajuntamentos, nos gabinêtes, pública e particularmente; e, pósto que a maioria dos magos opinasse que Zadig deveria sêr queimado como bruxo, o rei ordenou categoricamente que lhe restituissem a multa de quatrocentas onças de oiro, em que tinha sido condenado.

O cartorário, ou escrivão, os oficiaes de justiça, os procuradôres fôram a sua casa com grande aparato de vestuários e gente pàra entregar as quatrocentas onças, mâs fica-

ram com tresentas noventa e oito para as custas, ou despêzas da justiça.

Até os criados dos funcionários públicos exigiram honorários.

Zadig viu então quanto perigo havia, muitas vézes, em sabêr muito: e prometeu a si próprio que trataria de sêr mais cautelôso e menos sábio, não dando conta de tudo que pudesse vêr.

Não tardou ocasião de exercêr o seu propósito.

Um prisioneiro de estado fugiu, e passou defronte de sua casa, de cujas janelas o viu perfeitamente.

Zadig foi interrogado, mâs nada esclareceu. Provando-se, com testemunhas, que êste avistara o fugitivo das suas janelas, foi julgado criminôso e condenado a pagar quinhentas onças de oiro.

E ainda ficou muito grato aos seus julgadôres, por sua indulgência, conforme era costume em Babilónia.

— O' grande Deus! — murmurou êle consigo próprio — quanto é custôso e triste passear alguem nas vizinhanças de um bosque, ou no seu interiôr, onde a cadela da rainha e o cavalo do rei podem passar!

Como é perigôso estar a gente a uma janela sua, quando foge um homem criminôso!

Quanto é dificil, finalmente, o sêr venturôso no meio de semelhante vida!

IV

O invejôso

Zadig intentou em seguida, por meio da filosofia e do simples cultivo da amizade, consolar-se de tôdos os males, que até alí lhe tinham acontecido.

Apesar dos seus desastres, continuava a sêr homem ri-

co; e portanto possuia diferentes propriedades, entre as quaes avultava uma casa de campo, nos arrabaldes de Babilónia, vivenda mobilada com muito gôsto, guarnecida de preciosos objectos de arte e sempre aberta aos prazêres e diversões de um homem honrado.

A sua biblioteca, tôdas as manhãs, era franqueada aos sábios; de tarde, a mêsa central via-se cercada por excelentes companheiros de bôas lêtras.

Zadig, infelizmente, conheceu, dentro de pequeno espaço, quanto era perigosa a convivência com a gente de grande sabedoria.

De uma vêz, levantou-se grande polémica, que desandou em grosseira e forte disputa, sôbre uma lei de Zoroastro, um preceito, que prohibia comêr o animal chamado grifo.

— De que vale semelhante prohibição, se êsse animal é fabulôso, não existe? — gritavam uns.

— Mâs é preciso que exista — clamavam outros — visto que Zoroastro o mencionou.

— Sim; não há duvida — berravam ainda alguns — deve existir, visto que a lei em questão não consente que se coma.

Zadig tentou aplacar a contenda, perorando:

— Há um meio de tôdos haverem razão. Se existem grifos, em obediência á lei, não os comamos; se são fabulosos, e não vivem, com certêza os não podemos comêr, e obedecemos ao preceito.

Um sábio, que tinha compôsto trêze volumes sôbre as propriedades do grifo; e que, demais a mais, era um grande teúrgico, ou praticante de certa magia, apressou-se a ir acusar Zadig perante um archi-mago, denominado *Tôlôr*, o mais tôlo dos chaldeus e por tanto o mais fanático.

Êste homem foi de opinião que Zadig sofrêsse o suplicio de empalação, espêto do sêsso, onde morriam os condenados; e isto pâra maior glória do divino Sol, recitando êle nêsse momento, com muito maior recolhimento e devoção, o breviário de Zoroastro.

Acudia a Zadig a valiosa interferência do seu grande amigo Cador, o que tirara a limpo as bôas qualidades afectivas de sua mulher, como sabemos.

Cador foi-se a visitar o velho *Tebár*, e disse-lhe impetuosamente:

— Vivam o Sol e os grifos! más não cuideis em punir Zadig, que é um santo. Um santo é êle, digo-vo-lo eu, porque sei que sustenta nos seus galinheiros muitos grifos, e não os come nunca; emquanto que o seu acusadôr é um herege, que se atreve a asseverar que os coêlhos têm os pés rachados, e não são animaes imundos.

— Pois bem — respondeu *Tebár*, sacudindo a cabêça calva — é preciso empalar Zadig, por têr desdenhado dos grifos, e o outro, por têr falado mal dos coêlhos.

Cador, pára aplacar a fúria do fanático sacerdote, serviu-se de uma dama de honôr, de quem tivera um filho, alta personagem, que tinha influência na congregação dos magos.

Resumindo, ninguem foi empalado; do que muitos letrados murmuraram, presagiando dêsse facto a próxima decadência de Babilónia.

Zadig, mais uma vêz, desconsolado, dizia:

— Veja-se o que é a felicidade! Tudo me persegue, nêste mundo, até os entes, que não existem, fabulosos!

«Malditos sejam os sábios!

E dali em diante protestou convivêr unicamente com gente escolhida.

Nêste propósito, aumentou o número de pessôas honestas, que lhe frequentavam a casa, cavalheiros distinctos e damas muito amaveis da culta Babilónia.

Organizava ceias magnificas, bastas vêzes precedidas de concêrtos e animadas por conversações encantadôras, a que êle conseguiu tirar uns ditos espirituosos, que são sinaes evidentes do nenhum espírito de quem os pronuncia, requisitos fastientos numa sociedade brilhante.

A escolha dos amigos e das iguarias, com que os banque-

teava, não obedecia á vaidade, porque Zadig, no seu bom pensar, entendia que o *sér* era sempre preferível ao *parecér*; e por isso gosava de uma verdadeira consideração, que êle não procurava conquistar propositadamente.

Os seus actos e merecimentos eram o movel da bôa reputação, de que gosava.

Fronteiro á sua casa, morava Arimaro, personagem, cuja fealdade da alma lhe andava escrita sôbre a grosseira fisionomia.

Afogado em bilis e a estoirar de orgulho, o homem dispunha de uma boquela fastidiosa. Apesar de muito abastado, não conseguia vêr-se rodeado de lisongeiros e aduladores, que o festejassem, mau grado a abundância, que há de gente dêste quilate.

O rodar das carruagens, que, pela tarde, paravam á porta do vizinho Zadig, importunavam-no; a fama e louvôres, que publicamente lhe diziam respeito, irritavam-no profundamente. Não podendo brilhar na sociedade, vingava-se, caluniando e dizendo mál dos seus semelhantes.

Não se encontrava sozinho nêste belo modo de procedêr.

Tinha a ousadia de se apresentar, algumas vêzes, em casa de Zadig, e de ocupar um assento á sua mesa, sem sêr convidado, aguando assim tôda a satisfação dos circumstantes, aborrecendo-os, como se diz que faziam as harpias, ao infectar viandas, em que tocavam.

Um dia, convidou êle uma dama, a quem desejava ardentemente festéjar; esta desdenhou do convite, e foi cear a casa de Zadig.

Noutro dia, estando êste e o vizinho juntos, encontraram-se com um ministro, que solicitou a presença de Zadig, numa festa sua, e nada disse ao vizinho.

Era demais pára quem possuia maus sentimentos.

Seguiu-se um ódio profundo.

Os ódios mais implacaveis não têm de ordinário melhor fundamento.

O tal vizinho, ao qual, em tôda a Babilônia, chamavam o

invejôso, jurou vingar-se de Zadig, a quem chamavam *o ditôso*, julgando por aparências, como quase sempre acontece.

A ocasião de fazêr mal proporciona-se, cem vêzes por dia, e a de praticar o bem, apenas uma vêz por ano, segundo Zoroastro.

Zadig passeava, em dado momento, nos seus jardins, com dois amigos e uma dama, a quem dava o braço, e a quem dizia, uma vêz por outra, algumas amabilidades, unicamente pelo prazêr de as pronunciar.

Nisto, apresentou-se o invejôso.

A conversação descaiu sôbre a guerra, que o rei acabava de vencêr feliz e brilhantemente contra o príncipe da Hircânia, seu vassalo.

Zadig, fazendo notar a bravura do rei, nesta curta más difícil escaramuça, cobriu-o de louvôres, sempre de braço com a dama, de quem tambem se não esquecia, valha a verdade.

Passado pouco tempo, pegou no seu canhenho, e de repente, sem pensar, escreveu quatro versos, que êle deu a lêr á gentil senhóra. Eram dedicados ao rei.

Os amigos pediram-lhe que lh'os mostrasse, ao que êle não acedeu, não tanto por modestia, como por um amôr próprio bem entendido.

— Meus amigos — disse — não me leveis a mal o que vou fazêr. Versos de improviso nunca são bons, e só podem interessar a pessôa, ou pessôas, a quem são dirigidos...

E, acto contínuo, rasgou a meio a fôlha do seu canhenho em que tinha escrito, e atirou as duas metades pâra uma moita de rozeiras, onde em vão fôram procuradas por que desejavam encontral-as.

Sobrevindo uma pequena chuva, os passeantes abandonaram os jardins, á excepção do invejôso, que, fingindo-se distraido, se foi atrasando até perdêr de vista os companheiros.

Voltando pàra o grupo de roseiras, tanto procurou, que foi bem sucedido, ao deparar-se-lhe metade do escrito de Zadig, de que o acaso fizera uma arma terrivel.

A meia fôlha, cortada verticalmente, continha hemistiquios bem medidos, que, por uma judiaria da sorte formavam sentido completo e a negativa absoluta do que afirmara Zadig; isto é, nas seis sílabas de cada um, encerravam-se, em vêz de louvôres, injúrias contra a pessoa do rei.

Continham isto:

Por crimes, sem razão,
ao seu trono aferrado,
pàra a paz da nação
eis o único malvado.

O adiento invejôso, o hipócrita vilíssimo, sentiu-se feliz pela primeira vêz, em sua vida. Nas suas mãos estava a arma da vingança; podia deitar a perdêr um homem distinto e virtuôso.

Cheio de uma alegria cruel, fêz chegar ás mãos do rei a quadra escrita pela mão de Zadig, que foi imediatamente prêso com os companheiros da funesta ocasião, os dois amigos e a dama, que lêra os versos.

O processo caminhou rapidamente; não houve detêza; ninguem quis ouvir o principal incriminado.

Quando Zadig veio recebêr a sentença condenatória, o invejôso fêz-se encontradiço, saindo-lhe ao caminho, e disse-lhe que os versos, que êle tanto escondia, não valiam nada.

Zadig não se importava de sêr mau poeta; o que o desesperava resumia-se em se vêr culpado por crime de lesa-magestade, e concorrêr pàra que estivessem metidos numa prisão uma distinta e bela dama e dois amigos, por um crime, que êle não praticara; de que estava inocente.

As aparências condenavam-no; os versos eram da sua mão.

Não lhe foi concedida a própria defêza. Tal era a lei de Babilónia!

Condenado a suplício até se lhe exhaurir a vida, marcado o dia da execução, enorme multidão de curiosos se ajuntou, não pára lhe lastimar a sorte, más pára lhe vêr o rôsto amargurado na passagem, pára gosar um bom espectáculo, pìra observar se o penitente saberia morrêr corajosamente. Era costume.

Apenas os parentes estavam aflictos, pesarosos, porque... nada herdavam. Três partes dos bens do desgraçado eram confiscados em favór do rei, e a quarta revertia em proveito do invejôso, denunciante.

Ao mêsmo tempo, em que o mal aventurado mancêbo se preparava pìra morrêr, o papagaio do rei fugia da sua gaiola, voava, e ia pousar-se numa moita de roseiras, a meio do jardim de Zadig, exactamente no lugar, onde lobrigara um fructo, que, de um pecegueiro vizinho, pàra alí atirara o vento.

O pêcego caíra no centro das roseiras, sôbre um bocado de uma fôlha escrita, a que a humidade o colou.

O belo pássaro apanhou na garra fructo e papel, ou papiro, e foi rapidamente poisar-se sôbre os joêlhos do rei, seu amigo e senhôr.

O monarca, surprehendido e curiôso, desagarrou o pêcego, e começou a lêr umas palavras em quatro linhas, que não formavam sentido.

Êle estimava a poesia; pareceu-lhe aquilo o final de versos, más... o que via era um perfeito disparate.

Pôs-se a meditar na aventura do papagaio; pareceu-lhe que já vira lêtra igual; chamou a rainha; e esta, que se lembrava muito bem do que estava escrito sôbre a meia fôlha de Zadig, foi buscal-a, confrontou os pedaços, uniu-os, êles juntaram-se perfeitamente, a lêtra era irmã; estava resolvido o enigma.

— Milagre, senhôr rei! — exclamou com exaltação.

— Que é? que vêdes?

— Zadig está inocente. Êstes dois bocados é que formam e completam os seus versos.

— Lêde; lêde-os depressa.

E a rainha recitou:

Por crimes, sem razão, eu vi turvar a terra:
ao seu trono aferrado, o rei foi vencedôr;
pâra a paz da nação, êle fêz a guerra:
eis o único malvado.. a guerra.. estranho horrôr!

— Pobre Zadig! — disse o rei, comovido.

E levantou-se, de chofre, e ordenou que trouxessem rapidamente, o condenado á sua presença, e que abrissem a prisão aos seus dois amigos e á bela dama, a quem se pediria a necessária desculpa.

Zadig, sabendo-se livre, lançou-se de joelhos aos pés do rei e da rainha, de rôsto contra o chão, pedindo humildemente perdão de têr escrito tão maus versos.

E, ao dizer isto, falou com tanto acêrto e graça, com tão bôa razão e espirito, que o rei e a rainha mostraram desêjos vehementes de o tornar a vêr.

Zadig voltou ao palácio real, e maiores simpatias alcançou ainda; o que muito o lisonjeou.

O rei mandou-lhe entregar todos os havêres do invejôso, que o accusara injustamente, más Zadig restituiu-lh'os generosamente, recompensando o mal com o bem.

O mau homem não sentiu outra comoção, alem do prazêr, que lhe deu a certêza de não perdêr a sua grande abastança.

Com o andar do tempo, dia a dia, cresceu a estima, que o rei consagrou a Zadig; fazia-lhe partilhar as suas diversões, e consultava-o em muitos dos negócios do estado.

A rainha, pelo seu lado, distinguia-o com uma estranha benevolencia, que, verdade verdade, se poderia tornar pe-

rigosa pàrà ela, pàra o rei, seu augusto espôso, pàra Zadig e pàra o próprio reino.

Zadig começou a crêr que o sêr feliz não era coisa tão dificil como êle imaginava.

V

Os generosos

Acabava de chegar a época de uma grande festividade, que, havia séculos, se realizava, de cinco em cinco anos.

Era costume, em Babilónia, proclamar solenemente, nesta ocasião, o nome do individuo, que, entre os mais beneficentes cidadãos, tivesse praticado a maior áção de generosidade.

Os grandes da côrte e os magos eram os que, como juizes, lavravam os quesitos de preferência, concedida ao mais generóso.

O sátrapa principal, encarregado do govêrno da cidade, expunha a relação das melhores áções, de que por seu cargo, se tornára conhecedôr; procedia-se a voto e o rei pronunciava o julgamento.

A esta solenidade concorria gente das extremidades da terra.

O vencedôr, estrondosamente felicitado, recebia das mãos do monarca o prémio, que era um copo de oiro guarnecido de pedrarias, e ouvia dos lábios régios as seguintes palavras honoríficas:

— Recebe êste prémio da generosidade. Possam, e queiram os deuses dar-me muitos súbditos, que se pareçam com vôsco!

Chegado êste dia memoravel, apareceu o rei sôbre o seu trono, cercado pelos grandes, pelos magos e pelos deputa-

dos de tôdas as nações, que vinham á solenidade, dos confins do mundo.

A glória, que ali se conquistava, não era devida á ligeirêza de cavalos, a escaramuças, actos de fôrça, e sim e unicamente á prática de uma grande virtude.

O primeiro sátrapa leu conta, em voz alta, dos actos que, pára seus autôres, podiam conquistar o prémio inestimavel e único.

Não falou porém da grandêza da alma, com que Zadig entregara ao invejôso tôda a riquêza perdida, beneficiando, com tamanha bizarria, quem o tinha acusado falsamente, pondo-lhe a vida em risco.

Provavelmente o sátrapa, não viu nisso coisa que merecêsse disputar o grande prémio.

Apresentou, em primeiro, um juiz, que, tendo feito perdêr uma causa importante a um cidadão, por um incidente lastimavel, um engano, de que êle próprio não era responsavel, indemnizou-o, dando-lhe tudo o que possuia, que era o valôr do que o outro tinha perdido.

Em seguida, apontou um mancêbo, que, estando loucamente apaixonado por uma rapariga, com quem se ajustara pára casar, a tinha cedido a um amigo, que ia morrêr de amôr por ela, favorecendo-o ainda, ao cedêr-lhe a noiva, com um dote avultado.

Por último, mencionou um soldado, que, na guerra de Hircânia, tinha dado ainda um mais elevado exemplo de generosidade. Um trôço de soldadêsca inimiga tentava roubar-lhe a amante, que êle defendia corajosamente. Neste entrementes, vieram dizêr-lhe que outros hircanienses pretendiam raptar a mãe, a poucos passos dalí. Deixou a amante lacrimôso, e correu a salvar a mãe. Conseguindo-o, voltou em busca da amante, e encontrou-a moribunda. Quis-se matar de desgôsto; a mãe porém suplicou, pediu,

fêz-lhe vêr que, afóra o filho, nada mais possuia no mundo; e êle têve a coragem de se resignar, por isso, e de suportar a vida.

Os juizes inclinavam-se pára o soldado; o rei porêm tomou a palavra, e disse:

— A ação do soldado e as dos outros, de que estamos informados, são belas, mâs não me produzem espanto. Hontem, Zadig cometeu um acto, que me encheu de grande admiração. Havia dias que me tinha descaído da graça, e eu tencionava punir o meu ministro e favorito Coreb. Eu queixava-me dêle fortemente, e tôdos os meus cortezãos, ao tratar-se da punição e das minhas queixas, achavam que eu era muito indulgente, e cada um me dizia de Coreb o maior mal, que podia. Perguntei a Zadig qual era a sua opinião, e êle, em resposta, bondosamente, atreveu-se a falar-me bem do acusado. Fiquei pasmado, e confesso que tenho lido, em nossas histórias, exemplos do juiz, que indemnisa a parte de um êrro cometido; do individuo, que cede a noiva a outrem, e do soldado, que prefere a mãe á amante; mâs nunca li, nem soube que um cortezão falasse bem ao monarcha de ministro decaído, contra o qual o soberano estivesse encolerizado. Dou por tanto vinte mil peças de oiro a cada um dos individuos, que cometêram as ações generosas, de que se fêz menção, mâs só concêdo o copo a Zadig.

— Senhôr — exclamou êste convictamente. — E' vossa magestade a única pessôa, que merece o prémio, porque praticou um acto inaudito, pois, sendo rei, não se indignou contra o seu escravo, que têve a ousadia de o contradizêr, não lhe acoroçoando a paixão de momento.

O rei e Zadig fôram muito elogiados pela brilhante assembleia.

O juiz, que se despojou dos seus havêres; o amante, que cedeu a sua noiva ao amigo; o soldado, que preferiu a mãe á mulher, a quem queria — recebêram as ricas dádivas do

monarcha, e viram os seus nomes escritos no grande livro dos generosos.

A Zadig porém competiu o precioso copo, como era de justiça.

O rei adquiriu a fama de bom e generôso príncipe, bem, que não disfructou por muito tempo.

As festas daquêle dia, consagrado a tão grandiosa solenidade, excedêram a lêtra da lei, pelo seu brilho e duração.

Ainda hoje há, na Ásia, memória de tudo isso.

Zadig, satisfeitíssimo, dizia:

— Até que, emfim, creio que sou feliz!

Parece que ainda se enganava.

VI

O ministro

Ferdêra o rei o seu conselheiro e primeiro ministro. Zadig foi por êle nomeado pára exercêr êsse cargo.

Tôdas as belas damas de Babilónia aplaudiram a escôlha, porque, désde a fundação do império, nunca se tinha visto um ministro de tão pouca edade e tão galante.

Tôdos os cortesãos se exasperaram; o vizinho de Zadig, o invejôso, escarrou sangue raivôso, e o nariz entumeceu-se-lhe prodigiosamente.

O nôvo ministro, depois de agradecêr ao rei e á rainha, não se esqueceu de rendêr homenagens ao papagaio real.

— Formosa ave — disse-lhe êle — fôste tu, que me salvaste a vida, e que me fizeste ministro de estado, o primeiro entre os primeiros, em quanto que a cadela e o cavalo de suas magestades só me produziram grande mal. Graças, meu querido papagaio! Ninguem pode dizêr de

que dependem os destinos dos homens. Terá a minha grande ventura uma longa duração?

— Não! — respondeu o papagaio.

Esta negativa impressionou profundamente Zadig.

Como êste porêm era bom físico, e não acreditava em que os papagaios fôssem profetas, tranquilizou-se depressa, e pôz-se a exercêr cuidadosamente, o melhor que podia, os devêres do seu ministério.

A sua administração fêz sentir a tôda a gente o sacrosanto podêr da lei, e não e nunca o pêso da sua influência pessoal de ministro poderôso.

Não se intrometeu nas atribuições régias; e cada um dos vizires, seus subordinados, podia expôr a sua opinião livremente.

As ideias de outrem nunca lhe causavam desagrado, porque, ao julgar uma causa, não imperava o seu voto e sim a lêtra da lei.

Quando a lei porêm se alargava em severidades, êle suavisava-a no que podia; e, quando era dificiente, supria-lhe as faltas, procurando imitar os melhores preceitos do código de Zoroastro.

E' dêste que as nações obtiveram o grande princípio de que melhor será sempre indultar um criminóso do que punir um inocente.

Zadig, alem de tudo, era de opinião que as leis se haviam feito pára amparar e socorrêr os cidadãos, e não pára os intimidar, e empecêr.

A sua principal capacidade revelava-se no empenho constante de aclarar a verdade, que tôdos os homens procuram denegrir e ocultar.

Désde os primeiros dias da sua administração que essa extraordinária faculdade entrou em uso.

Eram já numerosos os factos admiraveis de tão sábio e benéfico procedimento, que a tôdos pasmava.

Um faustôso e afamado negociante de Babilónia tinha falecido na Índia; e, por um estranho modo de procedêr,

desherdara uma sua filha casada, legando tôdos os seus avultados bens, em partes iguaes, a dois filhos, excluida uma grande parte, trinta mil peças de oiro, que pertenceria como gratificação áquele, que provasse têr amado seu pae com melhores extremos e seriedade.

De posse da herança, o filho mais velho mandou erigir um túmulo pâra o falecido negociante; o mais nôvo tratou de aumentar a dotação da irmã, tirando o necessário da parte, que lhe coubera.

Dizia o pôvo:

— Não há duvida de que o primogénito amou seu pae superiôrmente; o mais nôvo provou apenas que consagra á irmã um afecto maior que o dedicado ao autôr dos seus dias.

Ao mais velho pertenciam pois as trinta mil peças de oiro, quantia enorme consagrada ao prémio testamentário.

Faltavam o julgamento e sanção ministerial.

Zadig fez conduzir á sua presença os dois rapazes, herdeiros do abastado comerciante, um após do outro, separadamente.

Ao mais velho disse:

— E' falso que teu pae tenha morrido; curou-se da grande moléstia, que têve ultimamente. Vaes abraçal-o em breve, porque já está perto de Babilónia.

— Deus seja louvado! — respondeu o mancêbo. — E valha-me o mêsmo Deus, já que levantei um mausoleu, que tão caro me custou!

Dahi a pouco, Zadig dizia o mêsmo ao filho mais nôvo.

— Deus seja louvado! — exclamou êste jubilosamente. — Ao entregar a meu pae tudo, que lhe pertence, e que eu, há dias, recebi, hei-de rogar-lhe muito que não despoje minha irmã da parte, que já lhe dei.

— Muito bem! — concluiu o ministro. — Nada terás que restituir, porque teu pae morreu deveras. Vaes receber as trinta mil onças, que és tu que maior amôr consagras ao teu progenitôr.

De outra vêz, deu-se nôvo julgamento, digno de memória.

Uma rapariga, senhôra de enorme abastança, um tanto leviana e dada a aventuras, prometeu casamento a dois magos, que a requestavam, e alternadamente lhe frequentavam a casa.

Depois de alguns mêses, em que ela se entretêve com os dois apaixonados, de quem recebia instruções e amabilidades, apareceu grávida.

Ambos, sem vislumbres de escrúpulo, queriam realizar o casamento.

— Receberei por marido — replicou ela — unicamente o que me pôz em estado de dar um cidadão á pátria.

— Fui eu que originei uma obra tão meritória — dizia um.

— Alto lá! — clamava o outro — a mim me compete a primazia. Eu é que...

— Basta, senhôres! — atalhou a cortezã. — Eu reconhecerei como pae da criança aquêle dos dois, que melhor educação lhe souber proporcionar.

Decorrido o tempo necessário, a mulher deu á luz um robusto menino.

Ambos os magos disputavam a educação, que seria preciso dar-lhe.

Não havendo harmonia possivel, foi a contenda submetida ao julgamento e decisão do primeiro ministro.

Zadig chamou a si os dois contendôres, sem pêrda de tempo.

— Que ensinarás tu ao teu pupilo? — perguntou Zadig ao primeiro.

— Ensinar-lhe-ei — respondeu o doutôr — oito partes do breviário, a dialéctica, a astrologia, a demonomania, o que são a substância e o acidente, o abstracto e o concreto, as mónadas e a harmonia preestabelecida.

— Pois eu — disse o segundo mago — tratarei de dar a

conhecêr ao rapazinho que deve tornar-se pelo tempo adiante um homem justo e digno de têr amigos.

Zadig, ao ouvir isto, sentenciou:

— Conquistaste o primeiro lugar. Sejas tu, ou não, o pae da criança, desposarás sua mãe.

VII

As disputas e as audiências

Zadig não alterava a sua maneira de procedêr. Era dêsse modo que, tôdos os dias, mostrava a subtilêza do seu génio, a correção dos seus juizos, a bondade da sua alma.

Admiravam-no, e, apôsar disso, tinham-lhe decidido afecto.

Era tido como o mais afortunado dos homens; tôdo o império estava cheio do seu nome; tôdas as mulheres o miravam; tôdos os cidadãos lhe exaltavam a justiça; os sábios olhavam-no como seu oráculo; os próprios padres confessavam que êle sabia mais do que o velho archi-mago *Febôr*.

Ninguem se lembrava, como no passado, de lhe armar processos por causa de grilos; e ninguem acreditava em coisa, que êle não julgasse crivel.

Grande e invejavel situação a sua!

Haveria quinze séculos que em Babilónia se derimia uma questão, uma questão magna, uma anormalidade estrondosa, que muito prejudicava o sossêgo da consciência pública.

O império estava dividido em duas seitas fervorosas e irrequietas.

Uma pretendia que se entrasse no templo de *Mitra* uni-

camente com o pé esquêrdo; a outra encarava essa regra como costume abominavel, e penetrava no recinto sagrado com o pé direito.

Tôda a gente estava anciosamente á espera da festa, que ia solenizar o fôgo sagrado pára sabêr qual das seitas seria a preferida pelo sábio ministro.

O universo inteiro estaria de olhos fixos nos seus pés; tôda a cidade se alvoroçara, e corrêra ás circumvizinhanças do lugar sagrado pàra assistir á grande demonstração oficial.

Zadig, chegado ás portas do templo, saltou o limiar a pés juntos; e em seguida provou, por meio de um discurso eloquente, que o Deus do ceu e da terra não dá atenção a preconceitos de ninguem, nem faz caso de pés direitos ou esquêrdos.

O invejóso e sua mulher, pois é de sabêr-se que essa personagem conseguira casar, não gostaram do discurso, onde notaram falta de figuras e de calôr, que derretêsse montanhas e colinas.

— E' um homem sêco e sem génio — diziam êles. — Nas suas palavras nem o mar se espraia, nem as estrêlas caem, nem o sol se derrete como a cêra. Nada sabe o tal sujeito do verdadeiro estilo oriental.

Zadig porêm contentava-se com o estilo de bôa razão.

Tôda a gente concordou com a sua loquela decisiva, não porque êle trilhava o bom caminho, màs porque prégava a razão, porque se mostrava muito delicado, e ainda e principalmente porque era o primeiro ministro.

São assim os juizos do mundo.

Havia tambem grande disputa entre os magos brancos e os prêtos; pelo que, de há muito, corria volumóso processo litúrgico.

Os brancos sustentavam que cometia uma grande impiedade aquêle, que, adorando a Deus, se voltasse, no inverno, pára o oriente; os nêgros, ao contrário, afirmavam que

não eram aceitas as orações dos que, no verão, se voltavam pâra o ocidente.

Zadig terminou a contenda, com a máxima facilidade ordenando que cada qual se voltasse pâra onde bem quizesse.

Dispondo de uma grande actividade, o célebre ministro descobriu o segrêdo de completar o expediente dos negócios públicos e particulares, durante a manhã.

Pelo dia adiante, ocupava-se do embelezamento de Babilónia: ordenava espectáculos, onde representavam tragédias, que despertavam lágrimas, e comédias, que faziam rir; o passado e o presente.

Segundo o seu gôsto, que o tinha refinado, resuscitava-se o que de há muito passara de moda, combinando-se com o uso moderno.

Não pretendia sabêr mais do que os artistas téchnicos; recompensava-os com prémios e distinções, e nunca lhe invejava as aptidões.

De tarde, consagrava-se aos ócios da côrte: divertia muito o rei e muitíssimo a rainha.

— Como é bom o ministro! — considerava o rei.

— E' muito amavel o ministro! — cogitava a rainha

E ambos acrescentavam:

— E estêve em risco de sêr enforcado!

— Que calamidade, se tal acontecêsse!

Nunca, na posição de Zadig, ninguem se viu obrigado a concedêr maior número de audiências ás damas.

A maior parte vinha tratar de negócios, que não tinha, e sondar se no ministro podia descobrir algum.

A própria mulher do invejôso foi das primeiras a apresentar-se; jurou, e rejurou por *Mitra Zenda*, por *Vesta* e pelo fôgo sagrado, que ela tinha levado a mal a conducta do marido; confidenciou-lhe que o dito seu espôso era ciôso e brutal; fêz comprehendêr que os Deuses o puniam, recusando-lhe os efeitos do fôgo sagrado, pelo qual cada

homem se semelha aos entes imortaes; e acabou por deixar cair uma liga.

Zadig apanhou-a, por um extremo de delicadêza, mas não foi colocal-a no joêlho da dama; e esta pequena falta, tão simples como é, fomentou a origem de gravíssimos infortúnios.

Zadig nem de leve pensou no caso; a mulher do invejoso porêm meditou longamente no que ela julgava uma grande falta.

Todos os dias, o ministro era visitado por numerosos exemplares do belo sexo. Os anaes secretos de Babilónia pretendem registar que êle nem sempre foi insensivel aos manejos femininos.

Sucumbiu de uma vêz aos agrados de uma mulher, más conta-se que ela o achou distraido, pouco menos de frio, quando na intimidade o estreitava em seus braços.

Os negócios do estado nem pára amar lhe deixavam tempo e bôa disposição de espírito!

A mulher, a quem êle, sem dar por isso, distraídamente, distinguiu por diversos modos, era uma dama da rainha Astarté.

Pára se consolar da triêza, que encontrou, dizia ela de si pâra si:

— E' preciso que um homem seja prodigiosamente aferrado ás suas preocupações, pára se tornar quase insensivel aos encantos de uma mulher como eu.

Nos momentos de maior enlêvo, quando muita gente não diz nada, ou só pronuncia palavras sacramentaes, Zadig, despreocupadamente, deixou escapar dos lábios êstes dois vocábulos — *A rainha.*

A dama enamorada rejubilou, acreditando que era á sua pessóa que êle chamava tão faustóso nome. Não podia sêr outra coisa.

Zadig, porêm, sempre distraido, pronunciou em seguida mais uma palavra — *Astarté.*

A dama, que fervia de entusiasmo, e delirava de ventu-

ra, julgando tudo em seu favôr, imaginou que o ministro dizia:

— Tu és mais formosa do que a rainha Astarté.

E, carregada de dádivas, saiu contentíssima do serralho de Zadig, indo contar tôda a sua aventura á mulher do invejôso, como a amiga íntima, que por tal a considerava.

Esta ficou furiosa com a preferência dada pelo ministro á dama da rainha, disfarçando o seu despeito o melhor que pôde, más não podendo deixar de dizêr:

— Pois, quanto a mim, nem ao menos se dignou colocar-me na perna esta liga, de que nunca mais me servirei, por sinal.

— Oh! oh! — exclamou a palaciana — felicito-te, pois que usas ligas iguaes ás da rainha. São compradas sem dúvida no estabelecimento, que lh'as fornece. Não é assim?

A invejosa pareceu reflectir profundamente no que ouvia, e não deu resposta.

Dahi a instantes ia consultar o marido, tão digno da sua pessôa.

Zadig começava a sofrêr secretamente; não sabia explicar porque era que tinha prolongadas distrações, quando concedia audiências, e até quando pronunciava julgamentos.

Não acertava com a causa verdadeira do que se ia transformando em moléstia.

Pensava muito num sonho, que lhe sobreveio.

Parecêra-lhe que, a princípio, estava deitado sôbre uma cama de hervas sêcas, entre as quaes havia algumas ásperas e picantes, que o incomodavam; e que, em seguida, repousava mole e flascidamente sôbre um leito de rosas, donde saía uma serpente, que o feria no coração, com sua língua acerada e venenosa.

— Ai! — dizia êle, acordado — Estive por muito tempo deitado sôbre essas hervas sêcas e picantes; presentemente estou no leito de rosas. Qual será a serpente, que me há-de mordêr?

VIII

O ciüme

A tranquilidade de Zadig estava ameaçada. O seu infortúnio nasceria da sua própria felicidade e sòbretudo dos seus merecimentos.

Não passava um dia, sem que êle gastasse algumas horas com o rei e com Astarté, sua augusta espôsa.

Os atrativos da sua conversação redobravam ainda por êsse desêjo de sêr agradavel, qne é pâra o espírito o que o vestuário é pâra a formosura.

A sua mocidade, a sua figura e a sua graça produziram insensivelmente sôbre Astarté uma impressão, de que ela em comêço não chegou a apercebêr-se.

Pode dizêr-se que essa impressão se formou no seio da inocência.

Astarté entregava-se sem escrúpulo e sem temôr á alegria de vêr e ouvir um homem querido de seu espôso e da nação; não se cansava de o recomendar ao rei; falava dêle ás suas damas, que ainda lhe enriqueciam os louvôres; finalmente tudo concorria pâra que se gravasse no seu coração um traço, que ela não sentia.

Nas dádivas, com que presenteava o seu ministro, entrava certo galanteio, que lhe passava despercebido; cuidava que lhe falava sempre como rainha contente pelos seus serviços; ás vêzes, porêm, as suas expressões eram as de uma mulher sensibilizada.

Pelo que diz respeito a Zadig, Astarté era mais formosa do que essa tal Semira, que aborrecia os homens zarôlhos, e do que essa outra mulher, que tentou cortar o nariz ao seu marido.

A familiaridade de Astarté, as suas frases ternas, de que ela começava a corar, os seus olhares, que ela queria des-

viar, mâs que iam fixar-se nos de Zadig, acendèram no coração dêste um fôgo, de que êle pasmou, ao sentir-lhe os efeitos.

Combateu-o; chamou em seu socôrro a filosofia, que sempre lhe tinha valido, mâs, não obtêve bom resultado, nem ao menos um insignificante alívio. O devêr, o reconhecimento, a violação da magestade soberana apresentavam-se ao seu espírito, como deuses vingadôres, a que lhe custava resistir.

Lutava, vencia, mâs esta victória, que era preciso alcansar a tôdo o instante, custava-lhe gemidos e lágrimas.

Quem tal havia de supôr no famigerado ministro?

Não se atrevia já a falar á rainha com essa dôce liberdade, que tantos encantos prodigalizara a ambos; os seus olhos velava-os uma nuvem, a sua conversação era contrafeita e mutilada; baixava a vista; e, quando, a pezar seu, os seus olhos se voltavam pâra os da rainha, notava que os desta se encontravam humedecidos de pranto.

Tratava-se de uma situação duplamente embaraçosa.

Os olhares de ambos pareciam dizêr:

— Nós adoràmo-nos, mâs o amôr assusta-nos; ardemos num mêsmo fôgo, que ambos condenamos, como é do nosso devêr.

Zadig saía do pé da rainha aflicto, desvairado, com o coração opresso, como se o sobrecarregasse um fardo, com que não pudesse.

Pela violência do seu sofrimento, lembrou-se de buscar refrigério no seio da amizade; comunicou a Cador, o seu íntimo amigo, o maior dos seus segrêdos, como um homem, que, tendo sustentado por largo tempo os embates de uma dôr violenta, se denuncia, dando a conhecêr o seu mal por um grito agudo, que o sofrimento lhe arranca, e pelo suor frio, que lhe inunda a testa.

Cador, impressionado com a revelação tão extraordinária, disse:

— Eu já tinha notado uma partícula dos sentimentos,

que tu e a rainha se esforçam por ocultar a si próprios. As paixões contêm indícios, que ninguem pode obliterar.

— E' certo, meu amigo.

— Imagina tu, meu caro Zadig, visto que me não é dificil lêr no teu coração, a atitude do rei, se chega a descobrir sentimentos, que o ofendem!

— Só de o pensar, parece que perco tôda a minha dignidade.

— O rei, se possue algum defeito, é, sem dúvida, o de sêr excessivamente ciumento. Eu bem vejo que tu resistes com mais fôrça á tua paixão do que a rainha á sua, porque és mais vigoròso, porque és filósofo, e porque és Zadig. Astarté é mulher; os seus olhares falam com mais evidência exactamente por ainda se não julgar culpada. Confiando infelizmente na sua inocência, ela descuida-se das exterioridades.

— Dizes bem, meu bom Cador.

— Tremerei por ela, vêl-a-ei sempre em risco, emquanto não fôr culpada, e não tivêr de que se acusar. Se tu e ela estivessem de acôrdo, saberiam aparentar indiferença; uma paixão nascente, combatida desacordadamente, divulga-se; um amôr satisfeito sabe ocultar-se.

— Sinto bem a verdade das tuas apreciações. E que fazêr?

— Não te sei aconselhar em assunto de tanto melindre.

Zadig contrariava se amargamente; repugnava-lhe a ideia de trair o seu protectôr e rei; esmerava-se em lhe sêr mais fiel ainda do que até aqui, por se julgar culpado de um crime involuntário.

Entretanto a rainha pronunciava tantas vêzes o nome de Zadig; as suas faces enrubesciam tão claramente nessas ocasiões; mostrava-se umas vêzes tão animada e noutras tão comprometida, quando lhe falava em presença do rei; invadia-a um scismar tão profundo, quando êle se retirava, que o rei entrou a nutrir suspeitas.

Acreditou em tudo o que via, e imaginou tudo o que deixava de vêr.

Notou sôbretudo que as chinelas de sua mulher eram azues, e que as de Zadig tinham a mêsma côr; que as fitas da rainha eram amarelas como era amarelo o barrête do ministro; e êstes indícios eram terriveis pâra um príncipe, que era ciôso, e dispunha de certa sagacidade.

As suspeitas convertêram-se em certêza, no seu espírito irritado.

Tódos os escravos ou criados dos reis e das rainhas são outros tantos expiões da sua vida íntima e até dos seus corações; perecebêram logo que Astarté era sensivel, e que Moabdar se distinguia pelo ciüme.

O invejôso, alma satânica, recomendou á mulher que fizesse chegar ás mãos do rei a liga, que se parecia com a da rainha.

Pâra maior desgraça a tal liga era de côr azul, e foi acompanhada de palavras insidiosas, comprometedôras.

O monarca exasperado só cogitou na maneira de se vingar plenamente; e acentou, depois de largas divagações, em envenenar a rainha, e mandar enforcar Zadig, ao rompêr da manhã!

A ordem foi dada a um execrando eunuco, executôr desta espécie de vinganças.

Havia nessa ocasião, no quarto do rei, um pequeno anão, que era mudo, mâs tinha bom ouvido, uma especie de bôbo, ou antes, um animal doméstico, a quem se suportava tudo, e nada se ocultava, por secreto que fôsse.

Êste homúnculo era muito dedicado á rainha e a Zadig, cuja morte ouviu decretar, cheio de espanto e de profundo horrôr.

Extraordinária situação a sua!

Como poderia êle fazêr rapidamente chegar ao conhecimento de ambos esta ordem medônha, que havia de sêr executada dentro de poucas horas?

Não lhe era dado falar, não sabia escrevêr; apenas aprendêra a pintar, e a fazêr imitações.

Valeu-lhe o que aprendêra; gastou parte da noite a desenhar a lapis o que desejava comunicar á rainha. O seu desenho representava o rei, transportado de furôr, a um canto do quadro, dando ordens ao eunuco; uma corda azul e dentro de um vaso ligas azues e fitas amarelas; a rainha expirante, a meio do quadro, nos braços das suas damas; e Zadig extrangulado a seus pés.

O horisonte representava um sol nascente pâra dar a entendêr que esta horrivel execução se havia de realizar, ao rompêr da aurora.

Logo que acabou a sua obra, correu ao quarto de uma das damas de Astarté, acordou-a, e fêz-lhe comprehendêr que era urgente levar aquêle quadro á rainha.

Dahi a instantes, á meia noite, Zadig percebeu que lhe batiam á porta dos seus aposentos; foi abrir, e recebeu um bilhête, vindo das mãos da rainha.

Duvidou se estava acordado ou a dormir; pareceu-lhe que tudo era sonho.

Abriu o papel com mão trémula, e transportado da maior surprêza leu estas palavras:

— Fuja imediatamente, sem a mais pequena demora, porque vão tirar-lhe a vida. Fuja, Zadig; ordeno-lh'o eu, em nome do nosso amôr. Eu não era culpada, màs sinto que vou morrêr criminosa. Adeus.»

Ninguem poderia exprimir a consternação e o desespêro, que acabrunharam Zadig, que mal podia falar.

Ordenou que fôssem chamar o seu confidente e amigo Cador; e, sem nada lhe dizêr, ao seu aparecimento, deu-lhe a lêr o bilhête, que acabava de recebêr.

— Que dêvo fazêr, amigo?

— Obedecêr; partir imediatamente, já e já.

— Pàra onde?

— Caminho de Memfis.

— E se eu falasse á rainha?

— Era uma ousadia, que lhe apressava a morte. Se falasses ao rei, davas um passo ainda peor.

— Mâs... partir, e deixal-a...

— Eu me encarrego do seu destino. Segue o teu, e sem detença. Eu espalharei por onde fôr preciso que seguiste a rota das Índias.

— E depois, amigo?

— Irei tér comtigo, e levar-te-ei noticias do que se tiver passado em Babilónia. Segue-me.

Cador, dahi a pouco, fazia colocar dois dormedários dos mais velozes e resistentes pâra jornada a uma das portas secretas do palácio real; ajudava Zadig a montar, meio desfalecido, sem fôrças, provido do que lhe era mais necessário.

Um único criado o acompanhava.

Cador, por sua parte, imerso em espanto e mágua, despedia-se do seu querido amigo, que em breve perdia de vista.

Como se decae da suma grandêza em tão pequeno espaço de tempo!

Êste ilustre fugitivo, havia instantes ainda, senhôr de grande podér, chegado á borda de uma colina, donde se avistava Babilónia, voltando a vista pâra os paços da rainha, sentiu-se mal, apeou-se, e desmaiou de enorme pezar.

Ao acordar do seu demorado delíquio, desfêz-se em lágrimas, e desejou vehementemente a morte.

Por fim, demorando o pensamento sôbre o deploravel destino da mais formosa e amavel das mulheres e da primeira rainha do mundo, avaliou tambem a sua tristíssima situação, e exclamou:

— Que valôr tem a vida humana? Ó virtude! de que me serviste tu? Duas mulheres enganaram-me vilmente; a terceira, digna de tôdas as homenagens, não criminosa, mais formosa do que elas, está prestes a morrér! Tudo, que eu fiz de proveitôso e bom, se me converteu sempre em manancial de transtornos, maldições e prejuizos. Fui elevado ao cúmulo da grandêza pâra me despenhar de maior altura

nas profundêzas do infortúnio. Se eu fôra prejudicial e maldôso, como tanta gente, seria feliz, igual a ela, que compõe a maioria da humanidade. Porque não fui eu assim?

Acabrunhado por estas reflexões amargas, olhos velados por uma grande dôr, a palidêz da morte sôbre o semblante, a alma confrangida, abismada nas sombras do desespêro, Zadig continuou a sua viagem, em direção ao Egipto.

IX

A mulher espancada

Zadig encaminhava a sua viagem, segundo o curso das estrêlas.

A constelação ou grupo de *Orião* e o astro brilhante do *Sirius* guiavam-no em direção ao polo *Canope*.

Êle não se cansava de admirar os numerosissimos glôbos de luz, que apenas, aos nossos olhos, parecem fracas centêlhas, emquanto que a terra, que é, na sua exiguidade, um ponto imperceptivel da naturêza, avulta á nossa perspectiva, como objecto tamanho e tão distincto.

E, néstes momentos, Zadig figurava os homens, como êles são efectivamente, insectos mesquinhos e malévolos, devorando-se uns aos outros sôbre um pequeno átomo de poeira.

Esta verdadeira figuração, como imagem palpitante, parecia acalmar-lhe a efervescência das suas desgraças, mostrando-lhe o nada do seu sêr e do de tôda a Babilónia.

A sua alma erguia-se á maior altura do infinito, e, desprendida dos sentidos, contemplava, em tôda a sua larguêza, a ordem imutavel do universo.

Quando porêm a alma descia das iminências, aonde se guindara, e êle se encontrava completo, e lhe escutava os

lamentos, tôdos os cuidados e sentimentos recaíam sôbre Astarté, que talvêz não pertencêsse já ao número dos vivos. Então o universo desaparecia-lhe da vista, e êle, o infortunado, só via na imensidade da naturêza Astarté moribunda e Zadig completamente infeliz.

Absorvido nêste fluxo e refluxo de filosofia sublime e de mágua acabrunhadôra, distanciara-se do seu fidelíssimo criado; quando apenas se avizinhava das portas do Egipto, já aquêle, cuidadôso e previdente, penetrava no primeiro bairro, onde procurava o necessário alojamento.

Entretanto Zadig, antes de entrar em qualquer pousada, resolvêra passear um pouco pelos jardins, que guarneciam a cidade.

Perto de uma grande estrada central, viu êle uma mulher lacrimosa, a pedir socôrro a tôdas as potestades do céu e da têrra, e um homem furiôso, que a fustigava, perseguindo-a.

Segurando-a por fim, o verdugo insultava, e cobria de bastonadas a sua víctima, que se lhe abraçou ás pernas.

Zadig pensou, pela brutalidade do egípcio, e pelos repetidos perdões, que a aflicta dama solicitava, que êle seria um homem ciumento e esta uma mulher infiel.

Quando Zadig, porêm, se afirmou minuciosamente, e viu que a dama era de uma grande belêza, que lhe fazia lembrar um pouco a desgraçada rainha Astarté, compadeceu-se da sua situação, e indignou-se contra o despiedado verdugo.

— Socôrra-me, senhôr — gritava a espancada, olhando pâra Zadig, afogada em soluços — livre-me das mãos do homem mais bárbaro, que há no mundo; salve-me, senhôr, salve-me a vida!

A esta súplica, feita aos gritos, Zadig correu pâra se metêr entre os dois; e como tinha algum conhecimento da língua egipcíaca, disse, dirigindo-se ao homem:

— Se possue alguns sentimentos humanos, peço-lhe que respeite a formosura e a fraquêza. Como é que tem cora-

gem pâra ultrajar assim uma obra prima da naturêza, um ente aflicto, que está a seus pés, e que só tem lágrimas pâra se defendêr?

— Ah! ah! — interrompeu o egípcio — tu tambem lhe votas amôr? tambem? Pois agora é de ti que eu preciso vingar-me.

E, pronunciando estas palavras, abandonou a mulher, que tinha segura pelos cabêlos, e, pegando da lança, pretendeu embebêl-a no côrpo do estranjeiro.

Zadig, que dispunha de sangue frio maior que o do seu adversário, evitou o furiôso golpe, lançando a mão á lança perto do ferro, que a compunha.

Cada um puxa violentamente do seu lado, êste pâra tirar a arma completa, aquêle pâra só se lhe apoderar do ferro.

Quebra afinal a lança. O egípcio tira a espada, Zadig desnuda a sua, atacam-se com tôda a fôrça; um aplica um cento de botes precipitados; êste apara-os com destrêza e menôr agitação.

A dama, ao presenciar a scena, assentada sôbre um massiço de relva, ajusta o penteado.

O egípcio era mais robusto do que Zadig; êste porêm dispunha de maior destrêza, batia-se como homem, cuja cabêça mandava o braço, emquanto que o outro, desvairado e cego de cólera, imprimia aos seus movimentos uma pronunciada feição do acaso.

Zadig, num lance rápido, aproxima-se e desarma-o, e, antes que o adversário se lance sôbre êle, duplamente furiôso, derruba-o; põe-lhe um joêlho e a espada sôbre o peito, más concede-lhe a vida; o que o egípcio desagradece, procurando apunhalal-o.

Zadig, sentindo-se ferido pelo punhal, ao mêsmo tempo que pronunciava palavras amigaveis de perdão, justamente indignado, atravessa-lhe o peito com a espada.

O egípcio solta um grito lancinante, e morre, procurando ainda combatêr.

Zadig então dirige-se á dama, e com sentimento e voz submissa, diz:

— Senhôra, bem vistes que fui obrigado, em defêza própria a matal-o; vinguei-vos: estaes livre do homem, que era um monstro de brutalidade. Que pretendeis agora da minha pessôa?

— Desejo que tu morras, scelerado! — respondeu ela — desejo que morras, visto que assassinaste o meu amante. Tenho vontade de te dilacerar o coração.

— Na verdade, senhôra, que tinheis por amante um homem extraordinário, que vos espancava com tôdas as suas fôrças; e que, por vos defendêr, me queria tirar a vida. Até vos esqueceis de que tomei a vossa defêza, porque m'a pedistes em altos gritos, sob as pancadas, com que êle vos martirizava. E' curiôso o que me acontece.

— Pois eu queria que êle me tornasse a batêr — clamava a mulher em altos brados. — Eu merecia o castigo, porque, por muitas vêzes, dava causa aos ciúmes, que o embraveciam. Oxalá que êle me tornasse a batêr, que o céu o permitisse, e que tu, malvado, estivesses ali môrto em seu lugar!

Zadig, verdadeiramente surprehendido e encolerizado, mais do que era do seu costume, replicou:

— Sim, senhôra, apesar de formosa, como sois, mereceríeis que eu vos espancasse agora, por minha vêz, tão extravagante é o vosso procedimento. Desceria da minha dignidade, se o fizesse, e por isso ficae-vos em paz.

Pensando sempre na semelhança de formosura, que aquela mulher apresentava com a rainha Astarté, Zadig montou o seu camêlo, e avançou pára a cidade.

Alguns passos andados, surgiram quatro corredôres, que servindo-se de magníficos corceis, vinham á desfilada. Zadig reconheceu nêles quatro emissários de Babilónia.

Estacaram, ao deparar-se-lhe a mulher junto do amante môrto.

E, sem fazêrem caso dêste, desmontaram, cercando a dama, a estas palavras do maioral:

— E' ela própria, não há que vêr; é a perfeita semelhança do retrato, que da sua pessôa nos fizeram. Levemol-a, sem pêrda de tempo.

A mulher foi agarrada, posta e segura á garupa de um dos cavalos, apesar dos gritos, que soltava.

Virando-se pâra Zadig, de braços erguidos, clamava:

— Senhôr, ainda uma vêz, socorrei-me. Ah! generôso estranjeiro, perdoae-me, se há pouco me queixei do vosso poderôso auxílio, e valei-me novamente. Ouvi-me por quem sois. Serei vossa até á morte.

Zadig, como é natural, perdêra o desejo de se tornar a batêr por semelhante personagem. Sorriu-se, como fazem os experientes, e disse:

— Bela dama, batei a outra porta, que a minha está fechada.

Alem de tudo, Zadig estava ferido, perdia algum sangue, tinha absoluta necessidade de tratar de si; e não lhe era indiferente o vêr alí quatro babilónios, provavelmente mandados ao Egipto pelo rei Moabdar.

Ao contrário, havia tôda a conveniência em se apartar dêles, visto que desconhecia as ordens, de que eram portadôres.

Encaminhou-se pois a tôda a pressa pâra a cidade, pensando ainda na missão, que viriam desempenhar os quatro corredôres de Babilónia; na razão, que teriam pâra se apoderar da mulher egipcíaca; e por último ainda na formosura e carácter desta personagem extravagante.

O criado esperava-o, a certa distância.

X

A escravidão

Quando Zadig penetrava na parte mais povoada da cidade, viu-se cercado por turba multa, donde partiam vozes agressivas.

— Aqui está o indivíduo, que raptou a bela Missufe, e que acaba de assassinar o seu amante! — diziam os mais barúlhentos.

— Senhôres — justificava Zadig. — Deus me livre de cometêr o que me atribuís. Não roubei a vossa tão bela como caprichosa Missufe; juro-o por minha honra; quanto ao mórto, não o assassinei: êle queria matar-me, quando lhe pedia humildemente perdão pára a mulher, que êle espancava cruelmente. Vencido por mim, eu concedi-lhe a vida, e êle pretendeu apunhalar-me nessa mêsma ocasião, chegando a ferir-me, como vêdes. O que depois aconteceu é unicamente devido á minha legítima defêza.

— Se assim fôsse...

— Foi como digo. Sou estranjeiro, que vem procurar um asilo no Egipto; e não é crivel, nestas circunstâncias, que eu, vindo solicitar a vossa proteção, começasse por assassinar um homem, e raptar uma mulher.

Os egípcios presentes fôram então humanos e justos; conduziram-no ao govêrno civil, onde, depois de o tratarem dos ferimentos, foi submetido a perguntas, separadamente do seu criado, que tambem sofreu minucióso interrogatório, na averiguação oficial da verdade.

Depois de algum tempo, reconhecêram as autoridades que Zadig não era um assassino, propriamente dito; mâs, por têr derramado sangue humano, foi julgado criminôso, e condenado por isso a entrar na condição de escravo.

O destino continuava a sêr-lhe fortemente adverso.

O criado têve a mêsma sorte.

Os camêlos foram vendidos a favôr do cofre do burgo, onde se dera o facto, distribuindo-se pelos habitantes o dinheiro, que o pobre Zadig trazia pára suas despêzas.

A sua pessôa e a do seu criado fôram expostas á venda na praça pública.

O que, havia pouco ainda, podia subjugar meio mundo, como potente ministro de um grande rei, via-se reduzido á infima das condições, a de escravo, sem têr deixado nunca de sêr um homem honrado.

Realizou a compra dos dois escravos um negociante árabe, denominado Setoc, que dispendeu maior quantia com o criado, porque o achou mais robusto e próprio pàra o trabalho.

Comparando os dois homens, o compradôr experimentado viu logo que o amo lhe era inferiôr, e por isso comprou este, relativamente, por um préço muito barato.

A especialidade da ocasião fazia que o amo ficasse subordinado ao criado.

Dahi a pouco, os dois, présos um ao outro, por uma cadeia ligada aos tornozêlos seguiam o negociante árabe, seu senhôr, que se dirigiu á sua morada.

Zadig, pelo caminho, tratou de consolar o criado, que lamentava a sorte de ambos, exhortando-o pâra que tivesse paciencia, e servindo-se no que dizia de várias reflexões sôbre a vida humana.

— Tem paciência — lhe aconselhava êle — Eu vejo que as desgraças do meu mau destino se reflectem sôbre o teu, pelo menos nesta ocasião. O que me acontece é realmente pasmóso e digno de estranhêza.

— Tem razão, meu amo.

— Fui condenado a pesada multa, por têr visto passar uma cadela; ameaçado de empalamento por têr pensado num grifo; estive prestes a sêr supliciado por têr feito versos em louvôr de rei: a padecêr estrangulamento, porque a rainha usava fitas amarelas e ligas iguaes ás de uma das

suas damas; a sêr considerado assassino por matar um homem em minha própria defêza; e eis-me escravo comtigo, porque um malvado espancava uma mulher.

— E' verdade, senhôr. Ai de nós!

— Ora vamos. Coragem. Tantos precalços da sorte acabarão talvêz um dia. Não percamos as esperanças. Os negociantes árabes têm necessidade de escravos. Pertencemos a êsse número. Que fazêr?

— Mâs vós, senhôr...

— Porque não hei-de eu sêr escravo, se sou um homem como os outros? O nosso comprador não será implacavel pâra comnôsco, como bom negociante, que sabe tratar dos seus negócios. Ser-lhe-á preciso tratar bem os escravos pâra lhes exigir serviço aturado. Resignêmo-nos pois, meu amigo.

Zadig falava assim, mâs no fundo da sua alma o pezar era enorme. As lembranças e o coração fugiam-lhe pâra Babilónia, onde lhe ficava a mulher amada.

Qual teria sido a sua sorte?

Acabaria o veneno os preciosos dias da rainha Astarté?

Quem pudera sabêl-o, embora dando, em troco, uma parte da sua vida!

Dois dias depois da feira do Egipto, o negociante Setoc partiu pâra os desertos da Arábia, em companhia dos seus escravos e dos seus camêlos.

A sua tribu estava situada no deserto de Oreb.

A viagem foi longa e penosa. Pelo caminho o comerciante ligava mais importância ao criado do que ao amo, porque aquêle cuidava melhor dos camêlos e das cargas; e por isso lhe dispensava atenções especiaes.

Um camêlo, dois dias antes de chegar a Oreb, morreu; a sua carga foi dividida pelos servos, tocando a Zadig a sua parte.

O negociante achou curiosa a posição dos carregadôres, que caminhavam curvados sôb o pêso respectivo dos objetos, que conduziam; e riu-se do que via.

Zadig pediu licença pára falar, e tomou a liberdade de fazêr uma larga dissertação, explicando a razão da curvatura, e finalizando por ensinar as leis do equilíbrio.

O árabe, espantado, começou a fazêr outra ideia do seu nôvo escravo, a encaral-o com melhor atenção.

Zadig, vendo claramente que lhe despertara a curiosidade admirativa, redobrou de ensinamento, apontando-lhe coisas muito necessárias ao seu próprio comércio; falou-lhe da gravidade dos corpos, do pêso dos metaes e dos víveres sob um volume igual; das particularidades de muitos animaes uteis e dos meios de utilizar os que deixam de o sêr.

Setoc, o negociante, por fim, deu a preferência estimativa a Zadig, que a soubera conquistar, tratando o dahi em diante como pessôa digna de certa consideração.

Chegado á sua tribu, o árabe entrou a labutar nos seus negócios, sendo um dos primeiros o exigir o pagamento de quinhentas onças de prata a um hebreu, a quem as tinha emprestado, na presença de duas testemunhas.

Estas testemunhas presenciaes tinham morrido; e portanto o hebreu, eliminada essa prova, apropriou-se do dinheiro, negando a dívida, e agradecendo a Deus o têr-lhe proporcionado meios e ocasião de enganar um árabe.

Zadig tinha ganho já invejavel ascendência no conceito do negociante; e por tanto foi por êste consultado sôbre semelhante pendência.

— Em que lugar — perguntou Zadig — emprestastes vós as quinhentas onças a êsse infiel?

— Contei-lh'as sôbre uma grande pedra, que está junto da montanha Oreb.

— Qual é o carácter do vosso devedôr?

— O de um velhaco.

— Pergunto vos se é homem activo ou fleugmático, cautelôso ou imprudente.

— E' de tôdos os maus pagadôres o mais activo, que eu conhêço.

— Pois bem. Se m'o permitis, eu serei o advogado da questão, que é preciso promovêr.

— Concedido.

O judeu foi citado pâra comparecêr perante o tribunal, que era costume reunir pâra julgar de crimes e dívidas.

Zadig, a seu tempo, falou assim ao respectivo juiz:

— Respeitavel travesseiro da equidade, eu venho demandar êste homem, em nome do meu senhôr, por quinhentas onças de prata, que êle lhe não quere pagar.

— Tendes testemunhas? — perguntou o juiz.

— Não, senhôr. Morrêram.

— Que prova tendes então?

— Uma larga pedra, sôbre a qual foi contado o dinheiro. Se vossa grandêza permitir que se vá buscar essa pedra, eu espero que teremos óptimo testemunho. O hebreu e eu ficaremos aqui, emquanto a pedra não vier. Eu a mandarei buscar, a expensas do meu senhôr, o negociante Setoc.

— De muito bom grado, concêdo o que desejaes — concluiu o juiz.

E entregou-se a dar expediente a negócios de outra naturêza.

No fim da audiência, perguntou o juiz a Zadig:

— Então? A vossa pedra não chegou ainda?

O judeu riu-se velhacamente, e explicou:

— Vossa grandêza, se quizer esperar pela pedra, há-de ficar aqui até ámanhã, porque ela dista a mais de seis milhas dêste lugar, e serão precisos quinze homens pâra a removêr.

— Muito bem — exclamou Zadig radiante. — Ahi está, senhôr juiz, a verdadeira e tão desejada prova. Acertadamente dizia eu que a pedra seria um grande testemunho. Êste homem sabe onde ela demora, conhece-lhe bem o tamanho; logo confessa implicitamente que o dinheiro se contou sôbre ela.

O judeu atrapalhou-se, sôb a intimativa do presidente do

tribunal, titubeou, mas confessou por fim a dívida, que desejava negar.

O juiz ordenou sabiamente que o devedôr fôsse amarrado á pedra, e que alí permanecêsse, sem comêr, nem bebêr, emquanto não pagasse as quinhentas onças.

Escusado é dizêr que êste dinheiro foi imediatamente recebido pelo credôr.

O escravo Zadig e a pedra do monte Oreb tornaram-se o assunto de tôdas as conversações; fôram celebrados em tôda a Arábia.

XI

A fogueira da viuvêz

Setoc, maravilhado com a perícia do seu dedicado escravo, tornou-o seu amigo íntimo.

Como acontecêra com o rei de Babilónia, o negociante converteu-o em seu confidente e companheiro constante.

Zadig, melhorando de situação, estimou sôbretudo que êle não tivesse, como não tinha, mulher.

Setoc era, de naturêza, inclinado ao bem, a sêr recto e a têr bom senso. Zadig estranhou-lhe que êle adorasse o exército celeste, isto é, o sol, a lua e as estrêlas, segundo a antiga crença da Arábia.

Falou-lhe por vêzes dêsse velho costume, com muito recêrto.

— Fique certo — disse-lhe um dia — de que o sol, a lua e as estrêlas são corpos naturaes, como outros; não merecem homenagens superiôres ás que se podem tributar a uma árvore, ou a um rochêdo.

— Repare — tornava o árabe — em que são eternos sêres, de que nós tôdos auferimos grandes vantagens. Êles animam a naturêza, regulam as estações; e, alem de tudo,

estão a tal distância da humanidade, que esta não pode deixar de os adorar.

— Pois olhe: as aguas do mar são-lhe mais uteis, porque lhe levam as suas mercadorias ás Indias. Não são elas tão antigas como as estrêlas? E se o senhôr Setoc adora o que está longe, deve tambem adorar a terra das Gangáridas, que está no cabo do mundo. E' lógico.

— Não é tanto assim. As estrêlas pelo seu brilho são objectos, a que eu não posso deixar de prestar culto.

Chegada a noite, Zadig acendeu um grande número de fachos na tenda, onde devia cear com o seu senhôr; e, logo que êle appareceu, caiu de joelhos, ergueu as mãos diante dessas luzes, murmurando em voz perceptivel:

— Eternas e brilhantes claridades, protegei-me; sêde-me sempre propícias.

E, tendo proferido estas palavras, foi sentar-se á mêsa, defronte de Setoc, sem olhar pâra êle.

— Que quere dizêr isso? — perguntou o negociante.

— O mêsmo, que dizem as vossas orações. Adoro estas luzes, e não me importo com o dono delas, nem com o meu.

Setoc comprehendeu o sentido profundo dêste apólogo: a sabedoria do seu escravo penetrou-lhe na alma; e fêz-lhe concebêr o judicióso propósito de não queimar incenso ás creaturas, esquecendo-se do creadôr.

Dalí em diante adorou quem devia adorar.

Na Arábia, alem de outros, havia um costume bárbaro, horróroso, vindo originariamente da Scithia. Tendo-se divulgado em tôda a região indiana, ameaçava invadir tôdo o oriente.

Vinha a sêr: quando um homem casado falecia, e sua mulher queria beatificar-se, significando que lhe tinha grande amôr, mandava levantar uma fogueira em lugar público, e deixava-se queimar sôbre o côrpo do marido.

Constituia uma festa solene, que se denominava a *fogueira da viuvêz.*

A tribu, onde se tivesse queimado maior número de ma-

lheres, era a que gosava de maior consideração e respeito.

Um árabe da tribu de Setoc acabava de morrêr. A sua viüva, chamada Almona, que era muito devota, mandou lançar pregão, fazendo sabêr a tôda a gente o dia e hora, em que se lançaria na fogueira, ao som costumado de cornêtas e tambôres.

Zadig arengou a Setoc, significando-lhe quanto êste costume horrivel era contrário ao bem do género humano. Queimar tôdos os dias viüvas jovens, que podiam dar filhos ao estado, ou pelo menos educar os seus, constituia um contrasenso, uma barbaridade, que era preciso abolir, se fôsse possivel.

Setoc respondeu:

— Há mais de mil anos que as mulheres estão no costume de se queimar, quando viüvas. Quem se atreveria a pedir a derrogação de uma lei, que o tempo consagrou? Há nada mais respeitavel do que um costume antigo?

— Mais antiga é a razão — tornou Zadig — Falae vós aos chefes das tribus, que eu me encarrego de falar á joven viüva.

Apresentou-se Zadig em casa dela, e começou por se insinuar no seu espírito, tecendo elogios á sua belêza, depois de lhe têr afirmado quanto era desproveitôso e prejudicial entregar ao fôgo tal soma de encantos. E, alem da formosura, gabou-lhe com exaltação a sua constância e a sua coragem.

— Vós, senhóra, amaveis muito vosso marido?

— Eu? Não, senhór. Era um homem ciumento, brutal, insuportavel. Apesar disso, estou resolvida, segundo o uso, a lançar-me na fogueira, que lhe ha-de reduzir o cadáver a cinzas.

— Realmente — tornou Zadig — pára que uma creatura se resolva a queimar-se em vida, é indispensavel que tenha nisso um certo prazêr.

— Ah! meu Deus! Isto faz arripiar a própria naturêza; más é preciso sujeitar-me ao sacrificio, porque sou devota,

porque perderia a minha reputação, cobrindo-me a zombaria de tôda a gente, se eu me não queimasse.

Zadig combateu fortemente o que êle chamava uma abusão; fêz vêr á viüva que ela se queimava por outrem e por simples vaidade; falou-lhe longamente sôbre a conveniência de estimar a sua vida, que ainda podia sêr longa e afortunada, e até lhe inspirou alguns sentimentos afectuosos, que ao oradôr diziam respeito, pois que tão de alma lhe falava, querendo salval-a da desgraça.

A viüva mostrou certo convencimento, sorriu-se de uma maneira particular, e ouviu com agrado a seguinte pergunta:

— Se vós, senhôra, chegasseis a convencêr-vos da verdade, e a desprezar a vaidade de vos queimar viva — que farieis?

— Creio que vos pediria, meu bom amigo, que fosseis meu espôso — respondeu a dama resolutamente.

Zadig, tendo o coração repleto das lembranças de Astarté, ficou insensivel a esta declaração.

Despedindo-se, acto contínuo, visto que conseguira o que desejava, foi dalí a casa dos chefes da tribu contar-lhe o acontecido, e pedir-lhes que, pâra bem de tôdos, era necessário fazêr uma lei, pela qual a nenhuma viüva fôsse permitido queimar-se, sem têr conferenciado, durante uma hora, a sós, com um homem ainda môço.

Isto não derogava a lei antiga; e por isso os magistrados não se negaram ao pedido.

E o caso foi que, dalí em deante, não se repetiram os casos das mulheres participarem em vida da queima dos maridos mortos.

Devia-se a Zadig têr conseguido num só dia destruir um costume cruel, que durava depois de tantos séculos.

Merecia que a Arábia inteira o tivesse por seu bemfeitôr.

XII

A ceia

Setoc, o abastado negociante, que não podia separar-se de Zadig, homem sábio, como êle não encontrara outro, convidou-o pâra o acompanhar á grande feira de Balzora, aonde costumavam concorrêr os maiores comerciantes de tôdo o mundo.

Zadig, pensando bem, regosijou-se de ir vêr tantos homens de países diferentes reunidos num só lugar. Parecêr-lhe-ia que o universo, sendo uma grande família, ia reunir-se em Balzora.

Dois dias passados, depois de têr percorrido a feira, á hora da ceia, achava-se êle sentado á mesa, em companhia de um egípcio, um índio gangárido, um habitante de Cathai, um grêgo e outros estranjeiros, que, nas suas frequentes viagens pelo gôlfo arábico, tinham aprendido da língua árabe o bastante pâra entretêr conversa, e tratar dos seus negócios.

O egípcio parecia estar possuido de muita indignação.

— Que abominavel país é êste de Balzora! — bradava êle. — Ninguem me quere dar mil onças de oiro pelo melhor objecto vendavel de tôdo o mundo.

— E que artigo é esse, sôbre o qual ninguem quere dar essa quantia? — perguntou Setoc.

— O côrpo da minha tia — respondeu o homem. — Era a mais resoluta mulher de tôdo o Egipto. Nunca deixava de me acompanhar; e desta vêz morreu-me no caminho. Fiz do seu côrpo a mais bonita múmia, que tem aparecido, e estou certo de que no meu país eu conseguirei tudo que quiser, penhorando-a.

— Sim, sim; não duvidamos.

— E' como lhes digo. E' uma indignidade que aqui me

não queiram dar nem ao menos a arrastada quantia de mil onças de oiro sôbre tão bôa e sólida mercadoria.

Possuido de grande zanga, dispunha-se êste negociante a comêr uma excelente galinha cozida, quando o índio, tocando-lhe com a mão, gritou doridamente:

— Que vae você fazêr?

— Mastigar, e engolir esta galinha — respondeu o homem da múmia.

— Não faça isso; livre-se de o fazêr.

— E porquê?

— Porque é provavel que a alma da defunta se tenha encaixado no córpo dessa galinha; e você claramente não quererá deglutir sua própria tia.

— Que está você a arengar?

— A verdade. Mandar cozêr galinhas é, com tôda a evidência, ultrajar a naturêza.

— Vá pára o diabo com a sua naturêza e respectivas galinhas. Nós adoramos um boi, e nem por isso deixamos de comêr a carne dos animaes desta espécie.

— Os egípcios adoram um boi? — tornou o homem do Ganges. — E' lá possivel?

— Tão possivel que, haverá cento trinta e cinco mil annos, que nós usamos isso, como a primeira das nossas crenças. Nenhuma das pessôas presentes é capaz de me contradizêr.

— Ah! cento trinta e cinco mil anos! — retrucou o índio. — Essa conta é um tanto exagerada. Não há mais do que oitenta mil que a Índia foi povoada; e certamente nós somos mais antigos do que os egípcios. Brama tinha-nos prohibido o uso da carne dos bois, muito antes de que os egípcios se lembrassem de os colocar sôbre os altares e sôbre um espêto.

— Ah! ah! Eis ahi um animal engraçado, o vosso Brama, pára o comparar a Apis — replicou o egípcio. — Que é que o vosso Brama fêz de bom e belo?

— Foi êle, que ensinou os homens a lêr e a escrevêr; a êle deve tôda a terra o jôgo do xadrês.

— Enganaes-vos — interrompeu um chaldeu, que estava junto do egípcio — enganaes-vos. Ao peixe *Oanes* é que se devem tôdos êsses benefícios; e por tanto é justo que só a êle se dirijam as nossas orações. Tôdo o mundo vos dirá que é um ente divino, que tinha a cauda doirada e uma bela cabêça de homem; e que só saía da água pâra vir á terra fazêr prégação, três horas por dia. Êle têve alguns filhos, que fôram reis, como tôda a gente sabe. Conservo em minha casa o seu retrato, que eu venero, como dêvo. Pode-se comêr boi, tôdas as vêzes que se quisêr, mâs é certamente uma grande impiedade mandar cozêr peixe. Vocemecês, alem de tudo, são de origem bem pouco nobre e muito recente, pâra questionar comigo.

— Sim? Ora vá dizendo.

— Pois direi tudo. A nação egipcíaca não conta senão cento trinta e cinco mil anos; os índios só se vangloriam de oitenta mil, emquanto que temos calendários de quatro mil séculos. Acreditae-me; renunciae ás vossas loucuras: e eu vos darei, a cada um, sem pêrda de tempo, um belo retrato do peixe *Oanes*.

Nêste ponto, o homem de Cambalú, tomando a palavra, disse:

— Eu respeito muito os egípcios, os chaldeus, os grêgos, os celtas, Brama, o boi Apis, o belo peixe Oanes; mâs dêvo asseverar que talvêz o *Li* e o *Tien*, que significam luz natural, razão e o céu, valham bem os bois e os peixes. Eu nada direi do meu país; êle é maior que a terra do Egipto, a Chaldêa, e as Indias, tôdas juntas. Não disputo ácêrca da antiguidade, porque basta sêr feliz, importando pouco sêr mais vêlho. Quanto a calendários, se fôsse necessário falar nisso, eu diria que tôda Ásia se serve dos nossos; e que sempre os tivémos muito bons ainda antes da aritmética têr penetrado na Chaldêa.

— Vós sois tôdos uns grandes ignorantes — exclamou o

grègo.— Acaso não sabeis que o cahos é o pae de tudo, e que a fórma e materia poseram o mundo no estado, em que êle está?

O grègo falou, durante muito tempo, mâs foi por fim interrompido pelo celta, que, tendo bebido demasiadamente, em quanto se discutia, se julgou mais sábio do que os outros, dizendo, entre juramentos e pragas:

— O *Teutath* e o visco de carvalho são os únicos objectos, em que vale a pena falar. Eu trago sempre comigo, no meu bôlso, o visco. Os scithas, meus predecessôres, fôram a única gente de bem, que houve em todo o mundo. Verdade é que êles, uma vèz por outra, comèram homens, màs, isso não impede que se tenha o máximo respeito pela minha nação. Se alguem tivêr o atrevimento de dizêr o contrário, comigo se há-de achar. Eu o ensinarei a bem vivêr.

A questão acalorou-se a estas imprudentes palavras. Todos defendiam a sua raça e as suas crenças. Setoc, o nosso conhecido negociante, receou que a mesa se convertêsse em scenário ensanguentado.

Zadig, que assistira sempre silencióso a tôdo o curso da disputa, levantou-se então, e dirigiu-se risonho, primeiramente, ao celta, que se tornara o mais furiôso; disse-lhe que êle tinha razão; e pediu-lhe visco. Em seguida, foi lisonjear o grègo pela sua eloquência, e falou a cada um dos questionadôres, acalmando-lhes o espírito, com frases de mansidão e cordialidade.

Ao homem de Cathai disse êle muito pouco, porque fôra de tôdos os barulhentos o mais razoavel.

Zadig, por fim, pâra ractificação da tranquilidade, que fomentara, falou ainda desta maneira:

— Meus amigos, vós tendes questionado por uma ninharia, visto que tôdos sois do mèsmo parecêr, embora vol o não pareça.

Esta afirmação causou espanto geral.

— Não é verdade — continuou Zadig, dirigindo-se ao

celta — que no vosso amado visco adoraes o creadôr do visco e do carvalho, que o origina, sim, o podêr, que criou os objectos da vossa adoração? Respondei.

— Sim; é isso verdade.

— E vós, senhôr egípcio, reverenciando aparentemente um certo boi, não adoraes quem produziu os bois?

— Sim; não há dúvida.

— E o peixe *Oanes* é producto de quem fêz o mar e os peixes. Não será assim, senhôr Chaldeu?

— De acôrdo.

— Pois o índio e o filho de Cathai reconhecem, como vós, um princípio originário. Eu não comprehendi muito bem as coisas admiraveis, que o grêgo disse, em seu magnífico discurso, mas estou certo de que êle tambem admite um ente superiôr, de quem dependem matéria e feitio.

— Pensaes muito bem — confirmou o grêgo, que tão alto se considerava.

— Já vêdes pois — concluiu Zadig — que sois tôdos da mêsma opinião, e que não há motivo nenhum pâra querela.

Zadig foi muito louvado, e recebeu abraços de tôdos os circumstantes.

Setoc, que o considerava mais como amigo do que como escravo, depois de têr feito muito bom negócio com as mercadorias, que trouxera á feira, regressou á tribu, acompanhado do seu prestimôso e distinto amigo.

Zadig, porêm, continuava a sêr víctima do seu cruel destino.

As doçuras da escravidão iam transformar-se em ameaças de morte.

Chegando á tribu, Zadig foi informado de que os chefes, ciosos do seu prestígio, aproveitaram a sua ausência pâra lhe armar um processo, em que êle fôra condenado a morrêr queimado, a fôgo lento!

XIII

As entrevistas

Que crimes cometêra Zadig, tão sábio e prudente pâra sêr condenado á morte?

Nenhuns. Tratava-se simplesmente da sua teoria e obra prática, a respeito das fogueiras da viuvez.

Durante a sua viagem a Bahora, os sacerdotes da seita das estrêlas, interessados, como eram, nos despojos das mulheres queimadas, joias e ornatos, que de direito lhes pertenciam, sentindo-se prejudicados na sua cubica de bens terrenos, formaram um processo discrecionário, *in absentia*, pâra se vingar de Zadig.

Acusaram-no de têr sentimentos erróneos acerca do exército celeste; deposêram êles próprios como testemunhas, e juraram que êle afirmara que as estrêlas não dormiam no mar.

Esta medonha blasfêmia fêz tremêr os juizes; estiveram prestes a rasgar os seus vestuários, quando ouviram afirmação tão ímpia; e havêl-o-iam feito, se o processado tivesse dinheiro pâra os pagar.

Entrariam no cómputo das custas.

No excesso da sua dôr e indignação, contentaram-se com a condenação de Zadig sêr queimado, a fôgo lento, em fogueira pública.

Setoc, no auge do seu desespêro, tentou salvar o seu dilecto amigo, mâs, apesar da sua influência, nada pôde conseguir.

A joven viüva Almona, que tinha tomado muito amôr á vida, e que era obrigada, em alto grau, a Zadig, sobresaltada e pesarosa, resolveu salvai-o da fogueira, como êle lhe fizera.

Formou o seu plano, de que a ninguem deu parte; e, como Zadig devia morrêr na manhã seguinte, e ela só tinha o resto do dia e a noite pâra desempenhar as suas tenções, apressou-se, como mulher caritativa e prudente, a pôl-as em prática.

Vestiu-se com riquêza e elegância, servindo-se de tudo, que lhe fizesse sobresair a belêza, perfumou-se, e foi solicitar uma audiência ao chefe dos sacerdotes das estrêlas.

Era um velho veneravel, a quem cumprimentou, com um riso especial, falando-lhe desta maneira:

— Filho mais velho da grande Ursa, irmão do Touro, primo do grande Cão, títulos, que de direito vos competem, eu vos saüdo, como pontífice. Possüida de alguns escrúpulos de consciência e outros, venho dar-vos parte dêles. Tenho grande receio de havêr cometido um enorme pecado, não me lançando ás chamas na incineração do meu querido marido. Que tinha eu que valêsse a pena conservar? Uma carne mortal já desbotada e murcha.

E, dizendo estas palavras, Almona arregaçou as suas compridas mangas de sêda, e mostrou braços nús, deslumbrantes por sua delicada forma e brancura láctea.

— Vós vêdes — continuou ela — o pouco, que isto vale; sim... bem vêdes.

O sacerdote viu, e calculou em sua alma o muito valôr do que se lhe mostrava; arregalou os olhos, tregeitou admirativamente, e disse:

— Sou de opinião contrária á vossa, bela dama. Juro que nunca vi em minha vida uns braços iguaes aos vossos. Juro, e rejuro.

— Ai, senhôr. Os braços ainda serão sofriveis, mâs o resto... Ora reparae se êste pescôço é coisa, que mereça atenção. Uma lástima!

Abaixando-se um pouco, deixou vêr um seio de rara perfeição, um verdadeiro brinco da natureza.

Um botão de rosa sôbre um pomo de marfim seria pa-

lida imagem, colorido pouco de vêr, ao pé daquêle conjunto admiravel de perfeição.

Uma grande belêza a desta mulher! O seu pescôço alvíssimo, os olhos prêtos, que se enlanguesciam, dardejando dôcemente um fôgo brando e seductôr; as suas faces pintadas de púrpura dilüida no branco lácteo mais puro; o seu nariz, que certamente se não assimilhava á saliência do monte Líbano; os lábios, que eram duas bordaduras de coral, encerrando as pérolas mais formosas do mar da Arábia — tudo isso junto fêz crêr ao desvairado velho que êle regressara á edade dos vinte anos.

A tremêr, a gaguejar, confessou se seduzido por tantos encantos, e concluiu por uma formal declaração.

Almona, vendo-o naquêle estado, que provocara, requereu-lhe o indulto de Zadig.

— Ai, minha bela dama! Ainda que vos concêda essa graça, de nada vos pode servir, por que lhe faltará a assinatura dos outros meus colegas, que são três.

— Assinae sempre, assinae.

— Do melhor grado, bem entendido, com tanto que as vossas graças sejam o prémio da minha muita indulgência.

— O vosso pedido é uma honra pâra mim. Dar-vos-eis ao incómodo de vir ao meu quarto, depois do sol pôsto, logo que a brilhante estrêla *Sheat* estiver sôbre o horisonte. Encontrar me-eis recostada num sofá côr de rosa, esperando-vos, pâra vos obedecêr, como vossa serva.

O velho assinou, louco de amorosa alegria; e Almona, senhôra do desejado documento, saiu logo, deixando-o a formar projectos de requintada elegância.

O homem tentou caminhar desembaraçadamente, rehavêr o aprumo de outra edade; gastou o resto do dia a banhar-se; bebeu licôr confortativo, compôsto de canela de Ceilão e das preciosas especearias de Tidor e Ternate; e esperou com impaciência que a estrêla *Sheat* quisesse despontar.

Entretanto Almona apressava-se a procurar o segundo pontífice, diante do qual repetiu o papel, que tão acertadamente lhe vimos desempenhar. Êste segundo sacerdote afirmou categoricamente que o sol, a lua e tôdos os fogos do firmamento eram fogos fátuos em comparação com os encantos de Almona, que decididamente se poderia considerar como uma mulher feiticeira.

Declarou-se, e procedeu como o seu colega, concedendo o perdão, e pedindo a mêsma recompensa.

Almona cedeu, e marcou a entrevista pàra o mêsmo local e noite, ao aparecimento da estrêla *Algenio*.

Dali passou a casa do terceiro e do quarto sacerdotes, cujas assinaturas alcançou, servindo-se do processo já sabido, e concedendo outras tantas entrevistas, de estrêla a estrêla.

Depois disto, foi a casa dos magistrados, que, como juizes, haviam julgado a causa, segundo as acusações dos sacerdotes, e pediu lhes uma conferência, tambem em sua própria casa, uns minutos antes das entrevistas marcadas, pàra negócio de grande importância.

Os juizes fôram pontuaes. A formosa viüva apresentou-lhes o perdão dos sacerdotes; expôs-lhes a sua venalidade, contando o estratagema, de que se servira; e mostrou que o que acabava de ocorrêr era prova da inocência do acusado e da falsidade de homens, que tratavam dos seus interesses pessoaes e não do culto da religião.

Dahi a pouco, compareciam os padres, um a um, admirando-se, ao chegar, da presença dos colegas, e pasmando mais ainda por encontrar os juizes, diante dos quaes sentiram tôda a vergonha do seu procedimento.

Zadig salvo, foi lançar-se aos pés de Almona, agradecendo o seu livramento. Esta respondeu que não tinha direito a agradecimentos, visto que pagava uma dívida.

Setoc ficou tão contente com o extraordinário procedimento da bela viüva, que lhe solicitou e obtêve a mão de espósa, dando inteira liberdade a Zadig e ao seu criado,

que, depois de curto espaço, resolvêram abandonar a tribu.

Setoc e Zadig despediram-se, chorando, e juraram uma eterna amizade e correspondência, fazendo votos pôr sua mútua felicidade; ao que a mulher do negociante se associou, grata e sinceramente.

Zadig tomou o caminho da Síria, pensando sempre, como costumava, na desgraçada Astorã, a esposada da sua alma: a rainha babilónica; e reflectindo por fim na sua sorte, que se obstinava em sumir dêle, e em persegui-lo.

— E' de mais! — dizia êle, a conversar com o seu criado e companheiro, como pôra Sesabiaiar — Atraiçoado por duas mulheres; punido com a multa de cem onças de oiro por têr visto passar uma cadela; condenado a perdêr a cabêça por quatro máus versos, feitos em louvor do rei; prestes a sêr estrangulado, porque a rainha calçava chinelos da côr do meu barrête: reduzido a escravo por têr salvado uma dama, que era esquartejada; e em risco de sêr queimado, por têr concorrido para a salvação da vida das mulheres viúvas da Arábia — tudo isto é de mais! é um ludíbrio do meu destino.

XIV

O bandido

Ao chegar as fronteiras, que separam a Arábia pedregosa da Síria, Zadig avistou um forte castelo, junto da estrada, donde saíam homens armados, que lhe vieram ao encontro, cercando-o á voz do marcral, que ordenou:

— Tudo que trazeis comvôsco, vae sêr nosso; e as vossas pessôas vão pertencêr ao nosso amo e senhôr.

Zadig, por única resposta, puxou da espada, o criado,

que era corajôso, fêz o mêsmo; e ambos atacaram os assaltantes num ímpeto pasmôso.

Os primeiros árabes, que lhes poseram a mão, cairam mortos; o número aumentou; no entanto amo e criado não se importaram com a multidão, resolvidos a morrêr combatendo.

Dois homens só, porêm, a pelejar contra um grande número, não poderiam levar muito longe as suas fôrças e a sua coragem, por maiores que fôssem.

O senhôr do castelo, conhecido pelo nome de *Arbogad* tendo presenciado das janelas os prodígios de valôr, que Zadig mostrava, ao defendêr-se, sentiu por êle uma estranha simpatia.

Desceu apressadamente as escadas, e veio em pessôa acalmar a sua gente, obrigando-a a interrompêr o combate, e a respeitar os dois viajantes, que só nesta ocasião embainharam as espadas.

— Tudo e tôdos, que passam nos meus domínios me ficam pertencendo — disse o castelão — assim como me pertence o que demora nas terras alheias. Vós, meu caro viajante, pareceis-me um homem valente; e, como eu goste dêsse género de indivíduos, declaro-vos isento da lei geral. Acompanhae-me.

Zadig, convidado pelo homem, que julgou senhôr legítimo da localidade, penetrou no castelo, onde foi dada ordem pâra o seu necessário alojamento, seguida das seguintes palavras:

— Ide repousar. A' hora do repasto, eu vos mandarei chamar, porque desêjo cear comvôsco.

O senhôr do palácio era um dêsses árabes arrojados, que são havidos como ladrões de elevada fortuna.

Apesar do que era, praticava algumas áções bôas, entre numerosíssimas, que eram más; roubava com uma furiosa avidêz, e dispendia, e dava com muita liberalidade.

Era intrépido no ataque, amavel no trato, desmedido á

mêsa, alegre nos excessos e sôbretudo muito dado á franquêza.

Agradou-se em extremo de Zadig, com quem, durante a ceia, conversou largamente; o que alongou a refeição por tempo descostumado.

— Aconsêlho-vos — terminou Arbogad — a que vos alisteis ás minhas ordens. E' o melhor que podereis fazer, porque a profissão é bôa e rendosa, e porque chegareis, um dia, a sêr o que eu sou.

— Sêr-me-á permitido perguntar-vos dêsde quando exerceis a vossa tão nobre profissão? — disse Zadig.

— Dêsde a minha puericia. Eu era servo de um arabe de bôa reputação, màs julgava a minha posição insuportavel. Desesperava-me vêr que, em tôda a terra, que pertencia egualmente aos homens, o destino me não tinha distribuido uma parte.

«Comunicando o meu pesar a um velho árabe, muito esperiente da vida, disse-me êle;

— Meu filho, não te desesperes. Havia outrora um grão de areia, que se lamentava de sêr um átomo ignorado em pleno deserto; no fim de alguns anos chegou á maturidade, tornou-se um diamante; e é hôje o mais formôso ornato da valiosa e brilhante corôa do rei das Indias.

«Estas palavras causaram-me impressão; julguei-me o grão de areia, e protestei convertêr-me em diamante. Comecei por furtar dois cavalos; arranjei camaradas, e acheime em condições de roubar as pequenas caravanas. A pouco e pouco, fiz cessar a desproporção, que a principio existia entre mim e os homens; conquistei a minha parte nos bens do mundo: fui até compensado com bôa usura; votaram-me tôda a consideração; tornei-me um senhôr bandido, e adquiri êste castelo por vias de facto.

«O sátrapa da Siria quis-me desapossar dêle, màs, eu já era riquíssimo pára recear oposições, quaesquer que fôssem; dei dinheiro ao sátrapa, mediante o qual me assenhoreei do castelo, e alarguei os meus domínios.

— E' extraordinária a vossa vida — reflexionou Zadig.

— O sátrapa acabou por me nomear tesoureiro dos tributos, que a Arábia pedregosa pagava ao rei dos reis. Escusado será dizêr que desempenhei bem o papel de recebedôr e nunca o de pagadôr.

— Nunca vos incomodaram no vosso mister?

— Eu vos digo. O grande governadôr de Babilónia mandou aqui, um dia, em nome do rei *Moabdar*, um pequeno sátrapa incumbido de me estrangular. Êste homem chegou, são e salvo, pâra desempenhar a sua missão; eu sabia tudo; mandei enforcar, na sua presença, as quatro pessôas, que êle trouxera pâra me apertar a corda; e por fim perguntei-lhe quanto receberia êle pelo exercício da sua missão, isto é, por me dar a morte. Respondeu-me que os seus honorários poderiam orçar por tresentas peças de oiro. Fiz-lhe vêr miudamente que êle, ao meu serviço, teria ganhos infinitamente superiôres. Concordou; arvorei-o em sub-bandido; é hôje um dos meus oficiaes mais distinctos. Se acreditaes pois no que vos digo, vós podereis chegar aonde êle chegou. Nunca a época de roubar estêve mais propícia, visto que *Moabdar* morreu, e que tôda a Babilónia é confusão e desordem.

— Que? — exclamou Zadig — *Moabdar* morreu? E que foi feito da rainha Astarté?

— Não vos posso informar. Tudo o que eu sei reduz-se a que o rei enlouqueceu, que foi assassinado, ou môrto em campanha, que Babilónia sofreu grande carnificina, que tôdo o império está arruinado; que ainda há bons golpes de mão a dar, e que, pelo que me diz respeito, alguns se tem realizado de magnífico valôr.

— Más... a rainha? Por favôr, dizei-me o que sabeis. Qual foi o destino da rainha?

— Falaram-me num príncipe da Hircânia, que invadiu Babilónia; provavelmente a rainha faz actualmente parte do seu serralho; ou então morreria na ocasião dos tumultos. Nada mais sei. Importam-me mais as tomadias do que

as novidades. Raptei algumas mulheres nas minhas correrias; não conservo nem uma só; vendo-as caro, quando são bonitas, sem me informar do que elas são. Como ninguem compra posições ou gerarquias, uma rainha, que fôsse feia, não teria negociador. E' provavel até que eu tenha vendido a rainha Astarté: é tambem possivel que já não pertença ao número dos vivos. Quem o sabe? E que me importa isso? Creio tambem que a vós pouco ou nada deve importar semelhante bagatela.

Ao falar assim, o bandido despejava copo sobre copo; a embriaguês começava a manifestar-se: a confusão de idéias não tardou; Zadig não pôde obtêr os esclarecimentos, que desejava.

Emquanto pensava, interdito, pesarôso, acabrunhado, nas desgraças da sua pátria, *Arbogad* continuava a bebêr; inventava narrações descosidas; repetia incessantemente que era o mais venturôso de tôdos os homens; e recomendava a Zadig que tratasse de sêr tão feliz como êle.

Atordoado finalmente pelos fumos do vinho, o bandido foi dormir um sono dôce e tranquilo.

Zadig passou a noite violentamente agitado, na mais completa insómnia. E pensava:

— E' pois certo que o rei enlouqueceu, e foi môrto? Não posso deixar de o sentir. Era o monarca do meu país. Está o império destruido, e êste bandido é feliz, emquanto tão bôa gente sofre. O' fortuna! ó destino! E' venturôso um ladrão; e o que a naturêza criou de mais amavel e formôso morreu de morte afrontosa talvèz, ou vive num estado peor do que a morte! Ai, Astarté! que é feito de vós, amada minha?

Ao romper da aurora, ergueu-se, e foi interrogando tôdas as pessôas, que encontrava no castelo; mâs ninguem sabia esclarecêl-o, nem se demorava a conversar.

Durante a noite, houvera larga sortida; o latrocinio fôra bem sucedido; tratavam de fazêr a partilha dos despojos.

Visto que ninguem se importava com a sua pessôa, que não fôra reduzida a servidão obrigatória, Zadig aproveitou a confusão; e, na companhia do seu fiel companheiro de aventuras, saiu do castelo, e pôs-se a caminho, sempre abismado nas suas recordações dolorosas.

A sua marcha era lenta, tamanho era o pêso da cogitação, onde se formava um largo estendal dos maiores acontecimentos da sua vida, onde figuravam a desgraçada *Astarté*, o rei da Babilónia, o seu fiel amigo *Cador*, o feliz bandido *Arbogad*, essa mulher caprichosa, que salvara das pancadas do amante, e que os emissários babilonienses haviam raptado nos confins do Egipto; e finalmente, tôdos os contratempos e tôdas as desventuras, que o tinham infelicitado.

XV

O pescadôr

A algumas léguas do castelo de *Arbogad*, Zadig achou um homem, na margem de um pequeno riacho, sempre lastimando o seu destino, apesar da sua fortalêza de ânimo, e considerando-se um modêlo de desventura.

Deparou-se-lhe um pobre pescadôr, que, deitado á borda da água, mal segurava com a mão debil o fio do anzol, e, fitando os olhos no céu, pronunciava palavras de grande desconsolação.

— Eu sou realmente a mais desditosa de tôdas as creaturas humanas — dizia o homem. — Fui, segundo a opinião de tôda a gente, o mais célebre negociante de queijos de nata, em Babilónia; e agora vejo-me arruinado. Tinha a mais formosa mulher, que um homem da minha qualidade

pode desejar, fui traído por ela. Restava-me uma pequena casa, vi-a assaltada e destruida.

«Refugiado numa cabana, só tenho, como recurso único, a pesca, e não consigo apanhar um peixe.

«Não te meterei mais na água, meu fio de pescar! Eu é que preciso lançar-me nela. Sou um desgraçado!»

Ao dizêr isto, o pobre homem, levantou-se fóra de si, como quem pretende terminar a existência; e encaminhou-se pâra um sítio, donde podia despenhar-se.

— Será certo — pensou Zadig — que há homens no mundo tão malaventurados como eu o sou?

E, rápido, como o seu pensamento, correu pâra o pescadôr, no intuito de lhe salvar a vida, agarrou-o, sustêve-o, e interrogou-o, dispensando-lhe consolações fortificantes.

Diz se que somos menos infelizes, quando temos companheiros na desgraça.

Segundo *Zoroastro*, não é por malignidade que assim se pensa, e sim por uma natural necessidade.

Um desgraçado sente-se impelido naturalmente pâra outro, que lhe parece seu semelhante. A alegria de um homem feliz será então um insulto. Dois desventurados são como dois fracos arbustos, que, encostando-se um ao outro, se fortalecem contra a tempestade.

— Porque é que tu desesperas desta maneira? — perguntou Zadig ao pescadôr.

— E' porque me vejo desprovido de recursos; estou na miséria. Eu fui o ente mais considerado da aldeia de Derlbaque, nas vizinhanças de Babilónia; com a ajuda de minha mulher, eu fabricava os melhores queijos de nata, que se vendiam no império. A rainha Astarté e o famôso ministro Zadig eram apaixonados por êles; não comiam de outros. Forneci ás suas duas casas nada menos de seiscentos queijos. Ao ir um dia á cidade, pâra recebêr o dinheiro, soube, chegando a Babilónia, que a rainha e Zadig tinham desaparecido.

— E que soubeste mais? Fala depressa.

— Corri a casa do senhôr Zadig, que eu não conhecia; encontrei até os archeiros do grande governadôr, os quaes munidos de uma ordem régia, saqueavam a casa legalmente. Dirigi-me em seguida á ucharia da rainha; alguns dos cozinheiros e outras pessôas disseram-me que ela morrêra; outros, que estava encarcerada: êstes que ela fugira, aquêles que nada se sabia do seu paradeiro. O que tôdos me afirmaram foi que ninguem me pagaria os queijos.

— E que fizeste por fim?

— Caminhei pára a minha desgraça. Fui com minha mulher a casa do senhôr Orcano, confidente do rei; e ambos lhe pedimos a sua valiosa proteção, no meio de tamanho prejuizo. Prometeu tudo á minha mulher, mâs não fez caso de mim.

Ela era mais branca do que os queijos de nata, origem do meu infortúnio; e o brilho da púrpura de Tiro não era mais admiravel do que as tintas, que alindavam essa brancura. Orcano ficou com minha mulher, e expulsou-me de sua casa. Escrevi apaixonadamente a minha querida mulher, contando-lhe o meu desespêro.

— E que respondeu ela?

— Disse ao portadôr, dando uma gargalhada, que sim, que o sujeito, que lhe escrevia, não lhe era inteiramente desconhecido, por têr ouvido falar dêle, como fabricante de excelentes queijos de nata! Quanto aos queijos, estava de acôrdo em que êle lh'os mandasse fornecêr, recebendo o seu custo, que seria promptamente pago.

— Bôa mulher a tua!

— No meio da minha desgraça, quis obtêr o auxílio da justiça, instaurando processo ao raptôr e á raptada. Só tinha de meu seis onças de oiro. Foi me logo preciso esportular duas pâra o advogado, que consultei; duas pâra o procuradôr, que tomou conta da causa; duas pâra o secretário do primeiro juiz. Depois de tôdos os passos dados, que absorvêram o meu dinheiro, o processo não estava

ainda começado, tendo eu despendido, como se vê, quantia superiôr à valia dos meus queijos e de minha propria mulher. Nestas circumstâncias, colhet a aldeia, resolvêo a vendêr o que me restava, a casa da moradia, pára continuar a questão, porque ainda desejava rehavêr a minha mulher.

— Pobre homem! coitado!

— A casa valia bem sessenta onças de oiro. Como porém tôda a gente me viu pobre e desesperado, o primeiro, a quem me dirigi, ofereceu trinta; o segundo vinte, e o terceiro dêz. Prestes a vendêr por tão mesquinho prêço, porque eu andava cego e desvairado, surgiu a invasão do principe da Hircânia, que assolou Babilônia, com a mais crua barbaridade, incluindo os arrabaldes.

«A minha casa foi saqueada e em seguida reduzida a cinzas.

«Tendo perdido dinheiro, mulher, e casa, desalentado e mais morto do que vivo, retirei-me; e só parei nesta região, onde me encontrastes. Tratei de vêr se podia subsistir, entregando-me à pesca; os peixes, porém, zombam de mim, como os homens. Pouco ou nada tenho alcançado; morro de fome; sem as vossas consolações e auxílio, meu nobre senhôr, eu têr-me-ia afogado.»

O pescadôr não concluiu a sua narrativa, sem que Zadig mostrasse impaciência, apesar da sua comoção, pois lhe lembrava o que tambem perdêra, e de que nada sabia.

Perguntou, pois, apaixonadamente:

— E a rainha? Nada sabeis da rainha Astarté?

— Nada sei. A única coisa, de que estou bem informado, é de que não me pagaram os meus queijos de nata a rainha e Zadig; de que me foi roubada minha mulher, e de que estou desgraçado, chegando ao cúmulo do maior desespêro.

— Lisonjeio-me — acudiu Zadig — de vos podêr afirmar que não perdereis tôdo o vosso dinheiro. Eu ouvi falar dêsse Zadig; êle é honrado; se voltar a Babilônia, como se es-

pera, porque há disso indício certo, pagar-vos-á mais do que vos deve.

— Oxalá que assim seja!

— Ides vêr que vos falo verdade: segui o que eu vos aconselhar. Tomae o caminho de Babilónia, aonde eu chegarei primeiro, porque vou a cavalo e vós a pé. Quanto á vossa mulher, que é uma pessôa deshonesta, deixai-a entregue ao seu destino, como indigna de vivêr ao vosso lado. Chegando á cidade, dirigi-vos ao ilustre *Cador;* dizei-lhe que vos encontrastes com o seu maior e melhor amigo, e esperae-me em sua casa. Creio que ainda gosareis de uma vida muito menos amarga.

— Obrigado, senhôr! Vou seguir as vossas ordens. Que Deus vos proteja!

— Ó poderôso *Orosmade* — murmurou Zadig, de si pàra si — vós servistes-vos de mim pàra protegêr, e consolar êste homem. A quem escolhereis vós pâra me protegêr e consolar a mim?

Terminando assim, Zadig deu ao pescadôr metade do dinheiro, que trazia comsigo, dêsde os confins da Arábia, pâra que êle pudesse viajar, e alimentar-se.

O pescadôr, confundido e encantado, atirou-se ao chão, a beijar, entre lágrimas, os pés do amigo de Cador, e a dizêr em altas vozes:

— O que vós fazeis, meu senhôr, só o poderá intentar um coração angélico. E vós sois o meu anjo salvadôr.

Zadig, enternecido, ainda fêz novas perguntas ao pescadôr, que estranhou vêl-o amargurado.

— Pois que, senhôr! — disse êle boquiaberto, encarando muito Zadig. — Sereis vós tambem desgraçado, vós, que praticaes o bem?

— Cem vêzes mais desgraçado do que vós.

— Mâs... como se pode comprehendêr que uma pessôa, que dá, com semelhante abundância, venha a sêr mais infeliz do que a que recebe?

— A diferença está em que vós sofrieis simplesmente a

miséria, emquanto que o meu infortúnio tem origem no coração, um grande mal, de que não podeis formar ideia.

— Orcano tomar-vos-ia tambem vossa mulher?

Zadig, resumindo, explicou por alto o que pretendia dizêr, referindo se a máguas de coração, bem entendido, sem nomear personagens, e tocando nas principaes aventuras, dêsde o comêço até á casa do bandido.

— Parece que os patifes são os mais favorecidos da fortuna. Orcano merece sêr castigado. Ó senhôr! Não terei razão, dizendo que o destino protege os homens maus?

— A's vêzes assim parece. A sorte pode mudar um dia Vá, como lhe disse, a casa do senhôr Cador, e espere-me, que eu lá deverei aparecêr.

Zadig e o pescadôr separaram-se, êste abençoando o seu destino, e aquêle maldizendo sempre o que lhe coubera em sorte.

XVI

O basilisco

Zadig proseguia a sua viagem, sem interrupção. Chegado a uma bela campina, viu algumas mulheres, que procuravam o que quer que era, com afinco, em pesquizas sucessivas.

Movido de legítima curiosidade, tomou a liberdade de se aproximar de uma delas, e perguntou:

— Posso alcançar a honra de lhes prestar auxílio nas suas buscas?

— Deus o livre disso! — respondeu a siriana — o que nós procuramos só pode sêr tocado por mulheres.

— E' extraordinário o que me dizeis! Ousaria eu pedir que me dissesseis qual a raridade do objecto, que só mulheres podem tocar?

— E' um basilisco.

— Um basilisco, senhôra? E porque motivo o procuraes? Poderei eu sabêl-o?

— E' para o nosso amo e senhôr *Ogal*, cujo castelo estaes vendo, ao fim desta campina. Nós somos suas escravas submissas; êle está enfêrmo; o médico receitou-lhe, como remédio único, o comêr um basilisco cozido em água rosada. Como é um animal muito raro, que só se deixa agarrar por mulheres, o senhôr *Ogal* mandou-nos em procura dêle, fazendo declaração solene de que tornaria como sua espôsa aquela de nós, que lhe levasse um basilisco.

— Muito me contaes, senhôra.

— E agora, tende a bondade de me deixar procurar a raridade, pois bem vêdes o que eu perderia, se alguma das minhas companheiras fôsse mais feliz do que eu.

Zadig deixou as sirianas entregues á sua afanosa lida, em busca do basilisco, e continuou o seu caminho, campina fóra.

Quando chegou á borda de um pequeno ribeiro, avistou outra dama, recostada sôbre a relva. Esta, porêm, não parecia entregue a pesquizas de nenhuma espécie.

O seu vulto parecia majestôso; o rôsto era velado por um véu.

Virada pára o riacho, a dama soltava, de quando em quando, profundos suspiros, e, entretinha-se, traçando, com uma pequena vara, diferentes lêtras sôbre a areia fina, que bordava as águas, e terminava junto da parte relvosa, onde ela estava deitada.

Zadig, movido ainda por estranha curiosidade, quis vêr o que a solitária dama escrevia; aproximou-se, e olhou. A primeira lêtra era um *Z*, a segunda um *A*; quando ia a surprehendêr-se, apareceu um *D*; apoderou-se-lhe dos sentidos violenta impressão, ao vêr que as duas lêtras, que se seguiram, lhe completavam o nome.

Seria possivel? estaria a sonhar?

Ficou algum tempo imovel; deu sinal da sua presença, depois disso; e não póde contêr-se, sem exclamar:

— Ó generosa dama, perdoae a um estranjeiro, a um desgraçado, que se atreve a perguntar-vos porque casualidade ou aventura espantosa, eu leio na areia o nome de Zadig, traçado por vossa divina mão.

A esta voz, a estas palavras, a dama ergueu-se, e com mão trémula desviou o véu; fitou o olhar fulgurante em Zadig: soltou um grito de felicissima surprêsa e alegria; e, sucumbindo aos transportes da sua alma tomada de alvoroço, caiu desmaiada nos braços de Zadig, que ficou mudo de espanto.

Era Astarté em pessôa; era a rainha da Babilónia; era a mulher, que Zadig adorava, havia tanto tempo; que chorava, ignorando a sua sorte, e temendo por sua vida.

Ao abraçal-a docemente, ao encaral-a, procurando mergulhar os seus olhares nos que ela ternamente lhe lançava, o apaixonado viajante julgava sonhar, não podia crêr em tão inopinada ventura.

Até as suas ideias lhe pareciam confusas, quando tentava fazêr uso da palavra.

— Vós, senhôra! vós aqui! — clamou êle, mal que póde. — O' potestades imortaes, que presidis aos destinos da fraca humanidade, porque é que me mostraes Astarté em semelhante lugar, fóra da sua elevada condição e das comodidades e respeitos, que lhe são devidos?

«E' inacreditavel o que vejo. Rainha e senhôra, aqui me tendes a vossos pés.»

Zadig, ajoelhado, tentou beijar os pés a Astarté, que meigamente o levantou, convidando-o a sentar-se, ao seu lado, á borda do ribeiro sussurrante, em quanto ela procurava sustêr as lágrimas abundantes, que lhe inundavam as faces, e congratular-se por tão comovente e radiôso encontro.

— Zadig! querido Zadig! — dizia ela, repetidas vêzes, sem podêr ligar compridas frases.

Os soluços embargavam-lhe a voz; o contentamento desnorteava-lhe o curso dos pensamentos.

— Zadig, que acaso nos reuniu aqui? sabeis dizêr me?

— Que posso eu ajuizar do que acontece, senhóra minha? E que me importa saber do que há de extraordinário no caso, se eu vos vejo, se vos tenho junto de mim, a quem adoro cegamente; o que pâra mim é tudo?

Astarté quis sabêr, sem desêjos de falar de si, o que acontecêra a Zadig no largo tempo da sua ausência, os perigos, que corrêra, as aventuras, em que entrara com o seu fiel criado, que, a pequena distância, depois de muitos cumprimentos, se quedava maravilhado do que via.

Zadig, obedecendo ás instâncias da rainha, fêz breve narrativa dos acontecimentos, que lhe tinham torturado a existência, exclamando por fim:

— Mas vós, senhóra, tão respeitavel, como desventurada rainha, porque motivo vos encontro eu nêste sítio longinquo, vestida de escrava e acompanhada de outras mulheres escravas, que procuram um basilisco, que por ordem de um médico deve sêr cozido em água rosada?

— Em quanto elas procuram o tal basilisco, posso eu contar-vos tudo, que tenho sofrido, tudo que nêste momento perdôo aos céus, pois que vos vejo.

— Querida Astarté!

— Escutae-me. Como sabeis, o rei, meu marido, não gostou, como era natural, de que eu vos distinguisse entre tôdos os homens; e por esse motivo, uma noite, resolveu mandar-me envenenar, e estranguiar-vos. Sabeis tambem a maneira, pela qual o meu pequeno mudo me preveniu da ordem de sua sublime majestade.

— Sim; nada me esqueceu ainda.

— Logo que o vosso fiel amigo Cador vos obrigou a obedecêr-me, e a sair da cidade, tratou, seria meia noite, de penetrar nos meus aposentos, por uma porta secreta, aonde o guiou uma das minhas damas. Obrigou-me tambem a acompanhal-o, e conduziu-me ao templo de *Orosmade*, onde

o mago, seu irmão, me encerrou dentro daquela estatua colossal, cuja base se esconde nos alicerces do grande edifício, e cuja cabêça atinge as elevadas abóbadas.

— Abençoado seja o bom Cador!

— Estive como que encarcerada dentro da estátua, más nada me faltou do que me era necessário, devido aos cuidados do mago, que se houve admiravelmente.

Entretanto, ao romper do dia, o boticário de sua magestade entrou no meu quarto com uma poção, composta de meimendro, ópio, cicuta, helléboro nêgro e aconito; e outro oficial foi ao vosso aposento, levando uma corda de sêda azulada.

— Pàra que ela me maguasse menos, sendo de sêda. Era uma acertada lembrança.

— Boticário e oficial carrasco não puderam cumprir o seu nêgro encargo; não nos encontraram, apesar das buscas, a que procedèram.

O bom Cador, pàra melhor enganar o rei, fingiu forte indignação, e teceu-nos acusações muito bem urdidas, terminando por dizêr que vós, ao que se sabia, havieis tomado o caminho das Indias, e eu que fugira pàra Memfis. Fôram logo mandados emissários em nossa perseguição.

— Sempre bom amigo o queritio Cador! Bem imaginado o que fêz.

— Os homens incumbidos de me procurar nunca me tinham visto; não me conheciam. Como sabeis, eu, por imposição de meu marido, raras vêzes desvelava o rôsto. A êsses individuos foi-lhe feito o meu retrato; e por essa única indicação se lançaram em minha procura. Na fronteira do Egipto, pois, uma mulher da minha estatura, e certamente mais formosa do que eu, chamou-lhes a atenção. Estava lacrimosa e sozinha. Não duvidaram de que esta mulher fôsse a rainha de Babilónia, e levaram-na ao rei Boabdar, que se desesperou com tal engano.

— Não me é estranho o caso. Continuae.

— Examinando de perto a egípcia, o rei bem cêdo se

consolou, porque ela lhe pareceu extremamente bela. Disse chamar-se *Missufa*; o que, segundo mais tarde me afirmaram, significa na língua do Egipto, a *bela caprichosa*. Era-o realmente, màs a sua manha nada tinha de inferiòr ao capricho, e fêl-a insinuar no espírito de *Moabdar*, que, a breve trêcho, a tomava por espôsa.

— E' extraordinário semelhante acontecimento!

— Como rainha, tal mulher, desenvolveu tôdo o seu mau carácter, entregando-se, sem receio, a tôda a espécie de loucuras, que escandalizavam a côrte. Um dia, quis obrigar o chefe dos magos, que era velho e gotôso, a dansar deante dela; á sua recusa naturalíssima, exasperou-se, perseguindo-o quanto pôde.

— Era o vilão com o podêr na mão.

— De outra vês, ordenou ao seu escudeiro-mor que lhe fizesse uma empada de confeitos. O homem, a semelhante extravagância, respondeu que não era confeiteiro, màs têve que fazêr a empada, em razão da qual, foi expulso, porque ficou demasiadamente tostada. Deu o cargo de escudeiro-mor ao seu bôbo e o lugar de chanceler a um pagem.

— Digna rainha a tal mulher!

— Pois foi assim que ela governou Babilónia. Tôda a gente se lembrava de mim com saüdade. O rei, que fôra sempre um homem de certo brio até ao momento, em que pretendeu estrangular-vos, e envenenar-me, aniquilou tôdas as suas bôas qualidades no amôr prodigiôso, que votou á bela caprichosa, cuja sedução, era incomparavel.

— Êsse amôr era já um princípio de loucura.

— No grande dia do fôgo sagrado, o rei veio ao templo orar. As suas preces, que eu ouvi, fôram tôdas endereçadas aos deuses, pedindo a conservação do seu calorôso afecto, deante da estátua, onde eu continuava encerrada.

— Como vós estarieis, senhôra!

— Eu disfarcei a voz, e gritei: — «Os deuses recusam-se a escutar os votos de um rei, que se tornou tirano, querendo

envenar uma mulher, sem a ouvir, pâra desposar uma aventureira.»

— Bem feito! muito bem feito!

— *Moabdar* ficou aturdido com essas palavras; perdeu a cabêça; tomou-as como vindas de um verdadeiro oráculo. Esta circunstância e os maus tratos, que lhe infligia *Missufe*, bastaram pâra lhe fazêr transtornar a razão. Dentro de poucos dias, tornou-se um louco.

— Parece um castigo do céu tudo isso.

— Como tal o tomei sempre. Uma certa anarquia predominava no império. A loucura do rei foi o sinal, o início da revolta. Os diferentes grupos políticos recorrêram ás armas. Babilónia, mergulhada na maior ociosidade, havia tanto tempo, tornou-se o teatro de uma tremenda guerra civil.

— Malfadada Babilónia!

— Tiraram-me da concavidade da estátua, e poseram-me á testa de um dêsses partidos. Cador correu a Memfis, em vossa busca, pâra vos conduzir a Babilónia.

— A minha desventura, como vos contei, afastara-me pâra mais longe. E depois, senhôra?

— O príncipe da Hircania, sabendo do que se passava, aproveitou-se da ocasião, que favorecia as suas ambições, veio com o seu exército formar nôvo partido na Chaldêa, donde atacou o rei, que foi ao seu encontro com a sua extravagante egípcia. *Moabdar* morreu crivado de golpes e a tal *Missufe* caiu em podêr do vencedôr.

— E vós, senhôra?

— Ai de mim! A minha desgraça quis que eu própria fôsse aprisionada por uma legião hircaniana, exactamente na mêsma ocasião, em que *Missufe* era levada á presença do príncipe. Ficareis talvez lisonjeado, quando eu vos disser que o príncipe me julgou mais formosa do que a mulher do Egipto; mas julgareis da minha mágua, quando êle me destinou ao seu serralho. Afirmou resolutamente que, logo que ultimasse uma expedição militar, que ia emprehendêr, viria pâra junto de mim.

— Imagino a vossa dôr, querida senhôra!

— Creio que deveis aquilatal-a á justa. Todos os laços, que me prendiam a *Moabdar*, estavam quebrados; mas eu não podia, senão por grande desventura, perdêr Zadig pára pertencêr a um bárbaro. Respondi-lhe com tôda a altivêz, que me davam o meu sangue e os meus sentimentos. Eu sempre ouvira dizêr que o céu fornecia ás pessôas da minha condição um sinal de grandêza, que, a um simples olhar ou a uma só palavra, fazia entrar na obediência e nos devêres do mais profundo respeito os temerários, que dêles se esqueciam.

— E é certa essa distinção natural.

— Falei ao tirano como rainha, que era, mas fui tratada como se fôra simplesmente uma criada grave. O hircaniano, sem se dignar de novamente me dirigir a palavra, recomendou-me a um eunuco prêto, dizendo-lhe que, apesar de impertinente, gostava de mim, por me achar bonita. Ordenou-lhe que tivesse cuidado comigo, e que me submetêsse ao regime das favoritas, pára que a minha cutis se tornasse macia, e eu chegasse ao estado de me tornar digna dos seus favôres, no dia, em que êle estivesse de pachôrra pára m'os concedêr.

— Miseravel! bárbaro!

— Eu afirmei-lhe que me mataria antes de tudo isso acontecêr. Êle replicou, a rir-se, que nenhuma mulher se suicidava por tão pouco; que não fazia caso do que eu dizia, porque já se costumara a ouvir frases eguaes. E virou-me as costas, como se acabara de introduzir no seu aviário mais um papagaio de raça. Eis um belo estado pára a primeira das rainhas do universo, ou antes ou melhor, para um coração, que, havia muito pertencia a Zadig!!

A estas palavras, o ex-ministro da Babilónia lançou-se, profundamente comovido, aos pés de Astarté, que o ergueu ternamente, continuando assim a sua narrativa:

— Eu via-me em podêr de um bárbaro e em companhia de uma louca, de quem me haviam constituido rival. Situa-

ção dificil e desesperadôra! *Missuti* contou-me a sua ultima aventura do Egipto. Descobri facilmente, pelas feições, com que vos descreveu, pela época do acontecimento, pelo dormedário, em que ieis montado, que era *Zadig* o individuo, que por ela tinha combatido.

— Acertado juizo o vosso.

— Dêsde que eu me convenci de que estavels em Memfis, a minha ideia fixa foi a de ir ter convosco, por quem seria amada, defendida e respeitada.

— Obrigado pelo conceito, que vos merecia!

— Dirigi-me á ambição da mulher egipcíaca, a quem disse:

— Bela *Missuti*, vós sois mais graciosa do que eu, vós divertireis muito melhor o príncipe da Hircânia. Ficae-vos pois sozinha com êle; ajudae-me a desamparar êste morada, onde reinareis, completamente livre de uma rival, que, até sem querêr, vos pode contrariar; auxiliae-me na fuga, que vou tentar, e sereis mais ditosa.

Missuti conveio nas minhas razões, e auxiliou-me nos meios, de que me servi, pâra fugir, como fugi, em companhia de uma escrava da sua nação, uma rapariga amoravel, que de há muito me seguia. Quando já estava perto da Arábia, um bandido afamado, de nome *Arâgad*, rapteou-me, e vendeu-me a negociantes, que me trouxeram a êste castelo, onde reside o senhôr *Ogul*. Comprou-me, sem sabêr quem eu era.

— Faltava-vos ainda mais esta aventura pâra completar a vossa desdita.

— *Ogul* é um homem voluptuoso, que só trata de comezainas; crê que Deus o trouxe a êste mundo unicamente pâra se banquetear destemperadamente. Como tal, é de uma gordura, que ameaça constantemente sufocal-o. O seu médico, a quem êle liga pouca importância, quando digere bem, domina-o despoticamente nas ocasiões, em que come muito. Ultimamente persuadiu-o de que lhe curaria a moléstia com um basilisco cozido em água rosada. O senhôr

Ogul, portanto, prometeu a mão de espôso áquela escrava, que lhe levasse um basilisco.

— Por isso eu encontrei bastantes escravas a esgravatar no chão.

— Andam á procura do tal bichinho, em busca do qual, escusado é dizêl-o, eu não dei um passo, porque estava longe de aspirar ao prometido prémio. Ao céu agradêço eu, do fundo do coração, o têr-me dado o grande prémio de vos tornar a vêr.

Terminada a história, Astarté e Zadig alargaram-se em amabilidades: exposeram os seus sentimentos, longo tempo abafados; e disseram um ao outro tudo o que se prendia aos seus amôres e desventuras, com tôda a sincera paixão dos corações nobres e sensiveis.

Os génios, que presidem ao amôr, deveriam têr levado as suas palavras á esfera de Venus.

As mulheres, depois de infructíferas diligências, apresentaram-se em casa de *Ogul* sem o precioso medicamento, que nenhuma delas tinha encontrado.

Zadig têve então uma excelente lembrança. Fêz-se apresentar ao obeso nababo, e falou-lhe nos seguintes termos:

— Que a saúde dos imortaes desça do céu pára vos prolongar os dias! Eu sou médico; vim aqui de propósito, ao ouvir falar na vossa moléstia, pára vos trazêr um basilisco cozido em água rosada, segundo a respeitavel receita do meu digno colega, com quem concordo.

«Eu certamente não pretendo casar comvósco. O pagamento, que eu vos solicito, resume-se em pouco, na liberdade de uma joven escrava da Babilónia, a qual possuis, há poucos dias ainda. Eu ficarei escravo em seu lugar, se eu não tiver a felicidade, como espero, de curar radicalmente o magnifico senhôr *Ogul*.»

A proposta foi aceita. Astarté foi posta em liberdade, e partiu pára Babilónia, acompanhada do criado de Zadig, a quem prometeu mandar sucessivamente um correio, ins-

truindo-o de tudo o que ocorrêsse, e recebendo as notícias, de que, pâra seu socêgo, tambem necessitava.

Os adeuses fôram ternos, como cheio de ternura se passara o seu encontro, quando se julgavam perdidos um pâra o outro.

O momento, em que alguem, que muito o deseja, se encontra com outrem, e o do apartamento são as duas maiores épocas da vida, segundo reza o grande livro de *Zend*.

Zadig amava a rainha com o ardôr, que êle lhe juravo e a rainha amava Zadig ainda acima do que ela lhe afirmava.

Zadig, entrando em âção, na sua qualidade de médico, disse a *Ogul:*

— Senhôr, o meu basilisco não deve sêr comido; tôda a sua virtude deve entrar no vosso corpo unicamente pelos poros. Foi encerrado por mim dentro de um pequeno ôdre, bem cheio de vento e compôsto de uma pele fina. E' preciso que vós atireis êste ôdre, com tôda a vossa fôrça, e que eu vol-o devolva, por umas poucas de vêzes, de horas a horas. Seguindo durante alguns dias êste regime, vereis a quanto chega a minha arte de curar.

Ogul, no primeiro dia, tôdo esbafori bo e cansado, julgou que ia morrêr de fadiga. No segundo, sentiu-se menos fatigado, e dormiu melhor. Em oito dias, recobrou tôda a sua fôrça, e convenceu-se de que estava sâo, ligeiro e alegre, como na melhor época da sua vída.

Fôram a temperança e o exercício, que haviam operado a cura.

Aos agradecimentos do gastrónomo sedentário, disse Zadig:

— O jôgo da péla, o movimento e a sobriedade exercêram tôdo o seu podêr reconstituinte. Daqui a vossa saüde. Ficae sabendo que em tôda a naturêza não há basiliscos; e que o melhor curativo está sempre na temperança e no exercício: e que a arte de fazêr subsistir a vida, misturando os excessos com a saüde, é uma arte tão quimérica como

a pedra filosofal, a astrologia judiciária e a teologia dos magos.

O médico assistente de *Ogul*, avaliando quanto êste homem de tão extraordinário pensar, viria a sêr nocivo pàra a medicina, em geral, e pàra a sua, em particular, uniu-se ao boticário da localidade pàra mandar Zadig em busca de basiliscos no outro mundo.

Desventurado dêle! Depois de ter sofrido sempre por sêr justo, e praticar o bem, estava ameaçado de morrêr por têr curado os excessos de um grande comilão.

Convidaram-no pàra um lauto jantar, onde deveria sêr envenenado, ao segundo prato.

Recebendo porém o correio da formosa rainha Astarté, em quanto se servia o primeiro, tôve que pedir desculpa, e levantar-se da mêsa, aonde não voltou, por têr que partir pàra Babilónia, sem um minuto de demora.

— Quando se é amado por uma bela mulher — diz o grande *Zoroastro* — sempre um homem se tira de dificuldades, no mundo.

XVII

Os combates

A rainha tinha sido recebida em Babilónia com as demonstrações de afecto e agrado, que o povo tem sempre por uma formosa princêza, que foi desgraçada.

Babilónia parecia estar mais socegada, porque os resultados da guerra lhe tinham sido favoraveis. O príncipe da Hircânia fôra môrto num combate.

Os babilónios vencedôres declararam que Astarté, como proprietária do trono, desposaria o homem, que fôsse escolhido pâra soberano.

Deliberou-se porém que o primeiro cargo do mundo,

qual seria o de marido de Astarté e o de rei da Babilonia, não fôsse devido a intrigas, nem a cabalas eleitorais.

Nenhuma corporação ou individuo reconheceria como rei senão quem désse provas de sêr o mais valente e instruido.

Edificou-se uma grande pista cercada de anfiteatros, magnificamente ornamentados, a algumas leguas distante da cidade. Ahi concorreriam todos os pretendentes, em atitude de combate, armados de todas as armas.

A cada um dêles seria destinado, dentro dos anfiteatros, um aposento particular, separado, onde ninguem poderia entrar, pâra os vêr ou entrevistar.

Cada qual combateria contra quatro lanças, ou adversários. Aquêles, que tivessem a felicidade de vencêr os quatro combatentes, deviam esgrimir, em seguida, uns contra os outros, pâra disputar o grande prémio, pois só ao que, por último, ficasse senhôr do campo, seria concedida a plena victória, em causa de tamanha ponderação.

Esta era a prova material, ou de valentia.

Quanto á moral e ao sabêr, o vencedôr era obrigado, quatro dias depois, a comparecêr no lugar sagrado, pâra explicar os enigmas, que lhe havia de propôr o chefe dos sacerdotes; o gran mago.

Se êle não désse bôa conta de si, explicando o que lhe fôsse perguntado, não seria proclamado rei, procedendo-se a outras disputas armadas, até que se encontrasse um homem, que saisse vencedôr dos dois combates de valentia e sabêr, pois não se consentiria um rei, que não fôsse valorôso e instruido.

Durante tôdo o tempo necessário a tudo isso, a rainha devia sêr completamente vigiada. Só lhe seria permittido assistir aos jogos do combate, coberta com um véu; más não poderia falar com nenhum dos pretendentes, afim de que não houvesse subôrno, injustiça ou favôr.

Foi a comunicação dêstes preparativos e deliberações, que Astarté fêz a Zadig, quando êste começava a jantar,

em casa do nababo dos basiliscos, e que lhe salvaram a vida, porque a rainha o chamava urgentemente pàra tomar parte nos combates, pois que muito confiava no seu valôr e sabêr.

Êle, como sabemos, partiu imediatamente, e fêz preces a Venus, pàra que lhe fortificasse o côrpo, e robustecêsse o espírito.

Chegou ás margens do Eufrates, na véspera do grande dia dos combates.

Fêz, sem demora, inscrevêr a sua divisa entre as dos combatentes, ocultando o seu rósto e nome, como a lei ordenava, e foi por fim repousar no compartimento, que lhe fôra destinado.

Mal têve tempo de se avistar com o seu dilecto amigo Cador, que regressava á capital, depois de têr procurado inutilmente Zadig, em tódo o Egipto, e lhe fizera conduzir ao aposento reservado uma armadura completa, que a rainha lhe mandara, juntamente com um belo cavalo da Pérsia.

Zadig reconheceu nêsses presentes a mão da rainha; a sua coragem e o seu amôr ganharam de intensidade, aumentando-lhe as fôrças, e incutindo-lhe novas esperanças.

No dia seguinte, estando a soberana colocada sôb um rico docel, ornamentado de pedrarias resplandecentes, os anfiteatros repletos de tôdas as damas da côrte e corporações de elevada categoria, os combatentes aparecêram na arena.

A anciedade era geral.

Cada um dos pretendentes veio colocar a sua divisa aos pés do gran mago, sacerdote supremo; cada divisa foi tirada á sorte, depois de tôdas reunidas.

A de Zadig foi a última; por último lhe cabia pois combatêr.

O primeiro que avançou, era um potentado riquíssimo, denominado *Itobad*, muito vaidôso, pouco valente, nada destro e insuficientemente instruido.

Os seus criados e escravos, adulando-o, tinham-no levado ao convencimento de que um homem, como êle, devia cingir uma corôa.

— Dizeis bem — respondêra êle, a impar de jactância. — Um homem, como eu, deve reinar. E'-me preciso sêr rei, não há dúvida.

E armaram-no dos pés á cabêça, com uma bela armadura de oiro, esmaltada de vêrde, um penacho da mêsma côr e uma lança enfeitada com laços de fita egualmente vêrdes.

A' primeira investida, notou-se logo, pela maneira de guiar o cavalo, que certamente não era um homem, como êle, a quem os céus destinavam o sceptro de Babilônia. O cavaleiro, que primeiro se lhe dirigiu, fêz-lhe perdêr o arção: o segundo obrigou-o a descair sôbre a garupa do cavalo, de pernas ao ar e braços estendidos.

Itéa! tornou a equilibrar-se sôbre a sela, mâs tão desgraciosamente, que tôda a gente dos anfiteatros se pôs á rir.

Um terceiro adversário nem se dignou servir-se da lança: armando-lhe um *passo*, pegou-lhe na perna direita, e, fazendo-lhe dar meia volta, atirou-o facilmente ao chão.

Os escudeiros da praça, a rir-se, acudiram logo, tornando a colocal-o na sela.

O quarto combatente, tomando-o pela perna esquêrda fêl-o tombar pâra o outro lado; depois do que o conduziram com apupos, ao seu alojamento, onde devia passar a noite, segundo a lei.

Pelo caminho, dizia o poltrão:

— Que aventura pâra um homem da minha qualidade!

Os outros cavaleiros desempenharam melhor a sua obrigação. Houve tal que venceu dois combatentes a seguir; e alguns, que chegaram a três. Houve um só, o príncipe *Otame*, que se avantajou, levando de vencida os quatro.

Por fim, combateu Zadig denodadamente, tirando da sela os quatro cavaleiros juntos, com a maior galhardia possivel.

Restava sabêr qual seria o vencedôr, se o principe *Otaire* ou Zadig, visto que estavam na mesma plana.

O primeiro ostentava armas de azul e oiro, com penacho das mesmas côres; as de Zadig eram simplesmente brancas.

Os votos dividiam-se, pois, entre o cavaleiro azul e o combatente branco.

A rainha, como era de vêr, sentia o coração agitado, e fazia votos ao céu pára que a victória se inclinasse pára o cavaleiro branco.

Os dois campiões fizeram passes e voltas, próprios do torneio, com tal agilidade; trocaram tão belos golpes de lança; conservaram tal firmeza nos arções, que tôda a gente, afora a rainha, desejava que a nenhum se declarasse inferioridade, embora houvesse dois reis em Babilónia.

A luta continuava encarniçada; os cavalos por fim estavam cansados, as lanças quebradas.

Zadig usou então de um estratagema importante e muito arriscado. Passou pára trás do príncipe azul, saltou-lhe pára a garupa do cavalo, pegou-lhe a meio da cintura, lançou-o por terra, saltou pára a sela, tomando-lhe o lugar, e caracolou em volta do príncipe, estateiado no chão.

Os espectadôres, á uma, gritaram:

— Victória! victória ao cavaleiro branco!

Otaire indignado, colérico, levanta-se, tira a espada, desafia Zadig, que desce do cavalo, de sabre em punho.

E eil-os de nóvo, em combate singular, a esgrimir sôbre a arena, onde somente a fôrça e a agilidade podiam triunfar.

As plumas dos elmos, o cravejamento dos braçaes, as malhas das armaduras saltam ao longe, feitos pedaços, sôb fundos e repetidos golpes.

E um esgrimir louco. Atacam-se de ponta e golpe, á direita, á esquêrda, sôbre a cabeça, sôbre o peito; recuam, avançam, medem-se, unem-se, afastam-se, dobram-se como serpentes, investem como leões. Os seus golpes lançam faiscas ao ar. E' uma tremenda luta.

Finalmente Zadig, fazendo um esfôrço supremo, pára, armando um bote falso; atira-se sôbre o principe, precipita-o no chão, e desarma-o.

O cavaleiro azul dá se por vencido, clamando que só ao branco pertencia a vitória. Soam aplausos de tôda a parte. A rainha chega ao cúmulo do contentamento.

Segundo o que fôra estabelecido, cada qual recolhe ao aposento, que lhe estava destinado, como já se haviam recolhido os outros combatentes.

Criados mudos vieram servil-os, e trazer-lhes comida, entre os quais vinha o da rainha, o salvadôr de Zadig, que o abraçou cordialmente. Em seguida, os cavaleiros foram dormir, ainda separados e sem comunicar com pessôa nenhuma até á madrugada do dia seguinte, hora, em que o vencedôr devia apresentar a sua divisa ao gran mago, ou sacerdote, pára sêr confrontada e êle reconhecido.

Apesar do seu constante cuidado amoroso, Zadig dormiu prolongadamente, tal era a sua fadiga.

Itobad, o poltrão, que estava no aposento vizinho, espreitou-o, e, vendo-o a dormir profundamente, o que lhe não acontecêra por velhacaria, entrou-lhe no quarto, roubou lhe as armas brancas e a divisa, e deixou lhe as suas de côr vêrde.

Ao despontar do dia, o bandido foi apresentar-se ao gran mago, declarando-lhe altivamente que um homem, como êle, não podia deixar de sêr o vencedôr.

Nada havia que opôr. *Itobad* foi proclamado, em quanto Zadig dormia, a sono sôlto!

Astarté surprehendida, com a dôr e o desespêro no coração, voltou pára Babilônia, maldizendo a sua sorte e a de Zadig, a quem o mau destino não cessava de perseguir.

Tôdo o anfiteatro estava já quase deserto, quando Zadig acordou. Ao procurar as suas armas, só encontrou as de insígnia vêrde.

Como era obrigado a vestir armadura, e não tinha ou-

tra junto de si, têve que se resignar, envergando-a, surprêso, indignado, furiôso.

E nêste belo trajo se apresentou na praça.

Tôda a gente, que ainda se conservava na pista e no anfiteatro, rompeu em apupos, julgando, como era natural, que se tratava do grande poltrão, que iniciara os jogos.

Cercavam-no, côbriam-no de insultos.

Nunca homem nenhum sofreu humilhações tão revoltantes, que afinal lhe fizeram perdêr a paciência. Puxando do sabre, carregou sôbre a populaça, que o ultrajava.

E que partido tomar? Não podia vêr a rainha; não lhe era dado portanto invocar o seu testemunho, se quisesse reclamar a armadura branca, que ela lhe fornecêra; seria comprometel-a. Que fazêr? Deixar-se vencêr, mais uma vêz, pelo infortúnio, e desistir da sua fúria.

A rainha e êle tocavam as raias do desespêro.

Zadig fugiu do anfiteatro, e dirigiu-se ás margens do Eufrates, e pôs-se a passear, fóra de si, convencido de que a sua estrêla era asiaga, tornando-o desgraçado de uma maneira inacreditavel. Ninguem teria desastres eguaes aos seus.

E desenhava no seu espírito atribalado o número consideravel das suas desgraças, desde a aventura primitiva da mulher, que detestava os zarôlhos, até ao roubo da sua armadura. E dizia por fim:

— Apesar da minha experiência e sabêr, deixei me dormir demasiadamente. Se tivesse dormido menos, possuiria a minha querida Astarté, e seria rei da Babilónia. E' uma bôa advertência pára os incautos. A minha sciência, os meus costumes e procedimento e a minha coragem só me têm servido de infortúnio.

E Zadig chegou a blasfemar contra a Providência; e convenceu-se mais uma vêz, entre tantas, de que um destino cruel oprimia os bons e protegia os maus, como acabava de acontecêr ao homem da armadura vêrde, que êle ainda vestia, e que tantos apupos e insultos lhe acarretara.

Quando êle pensava nisto, passava um negociante, espécie de belforinheiro, a quem êle a ofereceu, vendendo-a por um prêço vil, e vestindo a roupa do vendilhão, uma especie de toga e um comprido carapuço.

E, nêste bonito vestuário, percorreu as ribas do Eufrates, a trasbordar de desespêro e a maldizêr a própria Providência.

E tinha razão o malfadado Zadig.

XVIII

O eremita

Caminhando sempre, Zadig encontrou um eremita de veneravel aspecto e longa barba branca, que lhe chegava á cintura.

Trazia aberto nas mãos um livro, que lia cuidadosamente.

Zadig parou, e fêz-lhe uma profunda e respeitosa reverência, ao que êle correspondeu, com ar tão nobre e dôce, que a Zadig sobraram desêjos de lhe dirigir a palavra.

— Que livro lêdes vós, meu veneravel ancião? — perguntou-lhe êle.

— Leio o livro dos destinos — respondeu o velho. — Quereis lêr lhe alguma página? Aqui o tendes.

E passou o livro ás mãos de Zadig, que, apesar da sua instrução no manejo de algumas línguas, não pôde decifrar nem um só dos caracteres do misteriôso livro.

Esta dificuldade aumentou-lhe o curiôso desêjo, que nutrira, ao sabêr que naquelas páginas se tratava dos destinos.

— Vós pareceis-me muito afligido — tornou o padre. — Engano-me?

— Não vos enganaes.

— Se me daes licença que eu vos acompanhe, talvêz que eu vos possa sêr util. Por muitas vêzes tenho distribuido consolações, levando a tranquilidade a muitos corações malaventurados.

— Agradêço-vos, e julgo-me honrado com a vossa companhia — respondeu Zadig, a quem a figura, a barba e o livro do eremita agradavam em extremo.

A conversa começou a sêr instructiva; havia nela toques de sublime doutrina: o eremita falou largamente do destino, da justiça, da moral, do bem supremo, da fraquêza humana, das virtudes e dos vícios, com uma eloquência tão viva e tão tocante, que Zadig se sentiu atraído pâra o velho, de uma maneira invencivel.

Pediu-lhe, portanto, encarecidamente, que o não abandonasse até que voltassem a Babilónia, se pâra lá se dirigia.

— A êsse respeito tenho um favôr, que pedir-vos.

— Dizei, reverendo padre.

— Tendes que jurar por *Orosmade* que não vos haveis de separar de mim, logo nos primeiros dias, faça eu o que fizer.

Zadig jurou; e os dois partiram juntos, caminho da cidade, que, como não ignoramos, distava dali algumas léguas.

Pela tarde, os dois viajantes encontraram um sobêrbo castelo, onde o eremita pediu hospedagem pâra si e pâra o seu companheiro.

O porteiro, que parecia um gran senhôr, olhou-os com certo desdem, más introduziu-os, em razão da proverbial hospitalidade da grande casa.

Fóram apresentados ao chefe dos criados, homem aprumado, que lhes mostrou alguns dos ricos compartimentos do palácio.

A' hora do repasto, admitiram-nos á mêsa dos serviçaes, ao réz do chão, sendo servidos, como os outros comensaes, com delicadêza e profusão.

O senhôr da casa não aparecêra.

Em seguida, pára a ablução, fornecêram-lhes uma bacia de oiro, guarnecida de esmeraldas e preciosos rubis; indicaram-lhes um bonito aposento pára dormir; na manhã seguinte, deram a cada um uma peça de oiro; e, depois disso, despediram-nos.

— O dono da casa — disse Zadig, em caminho — embora um pouco altivo, que possa sêr, parece homem generôso, porque manda exercêr a hospitalidade bizarramente.

Ao pronunciar estas palavras, Zadig notou que uma especie de bôlso largo, semelhante a um bornal, que o eremita exteriôrmente trazia apenso ao habito, estava dilatado e cheio.

Reparando melhor, viu, e reconheceu a bacia de oiro, guarnecida de pedras, que êle tinha roubado.

Não se atreveu a dizêr nada sôbre o estranho caso, mâs ficou profundamente impressionado com tão estranho descobrimento.

Ao meio dia, o velho parou a porta de uma casa muito pequena, onde morava um rico avarento; e pediu hospitalidade por algumas horas. Apareceu-lhe um antigo criado, muito mal vestido, de trato rude, mal encarado, que fêz entrar os dois viajantes numa estrebaria, onde lhes deu umas azeitonas meio pôdres, mau pão e cervêja estragada.

O eremita comeu, e bebeu, com ar de satisfação, como o fizera na véspera; e por fim, dirigindo-se ao criado, que observava os dois viajantes pára que nada lhe roubassem, e que instava pára que êles seguissem o seu caminho, deu-lhe as duas peças de oiro, que tinha recebido de manhã, e agradeceu lhe as finêzas, com que o obsequiara.

Por último, pediu-lhe que o apresentasse ao seu amo e senhôr.

O criado foi ao interiôr da casa, e voltou com prestêza, trazendo ordem de satisfazêr o pedido.

Dahi a instantes os dois viajantes estavam na presença do dono da casa.

— Magnífico senhôr — falou o ermitão — eu venho aqui apresentar-vos os meus sinceros agradecimentos pela maneira nobre, com que nos mandastes recebêr. Dignae-vos aceitar esta bacia de oiro, como uma fraca lembrança do meu reconhecimento.

O avarento estêve prestes a cair fulminado. O eremita porêm não lhe deu tempo de voltar a si da extraordinária surprêsa; partiu apressadamente, com o seu companheiro, deixando amo e criado pasmados da liberalidade do velho barbudo.

— Meu padre — indagou Zadig — que é que tudo isto significa? Vós pareceis-me pouco semelhante aos outros homens, pelo inconcebivel procedimento, que tendes. Furtaes uma bacia guarnecida de pedraria a um castelão, que vos acolhe magnificamente, e dae-la a um avaro, que vos trata com indignidade. E' extraordinário o que vejo!

— Meu filho — respondeu o eremita — êsse magnate, a que chamaes homem magnífico, só recebe os estranjeiros por vaidade, pâra fazêr admirar as suas riquêzas, e sêr gabado. Dando pela falta da valiosa bacia, será de futuro mais prudente e menos vaidôso. O avarento, recebendo-a de presente, pode tomar a lição á lêtra, aprendendo a praticar melhor os devêres da hospitalidade. Não vos admireis de nada, e segui-me.

Zadig, apesar da explicação, não sabia se tinha relações com um doido, se com o mais sábio de tôdos os homens. O eremita porêm falava com tal superioridade que Zadig, não se esquecendo do juramento, que prestara, não pôde deixar de o seguir.

Continuando a jornada, chegaram os dois, de tarde, a uma casa bem edificada, mâs simples, onde se não praticava a avarêza, nem a prodigalidade. O proprietário era um filósofo, retirado do mundo, o qual exercia, em paz, a sabedoria e a virtude, e nunca se aborrecia, fôsse qual fôsse o seu trabalho.

Era mandada construir por êle a sua morada, onde gos-

tosamente recebia os estranjeiros, com tôda a nobrêza e nenhum vislumbre de ostentação.

Foi o próprio dono da casa quem recebeu os dois viajantes, que primeiramente levou a descansar num cómodo aposento. Algum tempo depois, foi êle ainda que os veio convidar pâra um repasto apropriado e abundante, durante o qual falou, acertadamente, das últimas revoluções da Babilónia.

Mostrou-se muito afeiçoado á rainha, e, referindo-se aos recentes acontecimentos, lastimou que Zadig não comparecêsse no torneio experimental pâra disputar a corôa.

— Não o conhêço — concluiu o hospedeiro filósofo — se não por sua fama, quando foi ministro, mâs creio bem, e muita gente comigo, que não merecemos um rei, como êle seria.

Zadig ruborizava-se, e mais fundo sentia a dôr, que o torturava.

A conclusão da conversa foi que as coisas do mundo nem sempre favoreciam os homens de valôr.

O eremita entretanto sustentou que eram indecifraveis os mistérios da Providência, e que a humanidade mostrava grande imprudência em julgar no tôdo aquilo, de que só percebia uma pequena parte.

Falando-se das paixões, exclamou Zadig:

— Ah! quanto elas são funestas! Quem soubera sofreal-as!

— As paixões — concluiu o eremita — são como os ventos, que enfonam as velas do navio pâra que êle caminhe, e que ás vêzes o submergem. Apesar disto, sem os ventos, o navio não pode vogar. A bilis gera doenças e irascibilidade; no entanto sem a bilis não poderíamos vivêr. Tudo é necessário, e tudo é perigôso nêste mundo.

Falou-se tambem do prazêr; e o eremita provou que era um presente da Divindade, porque o homem não pode dar a si próprio sensasões e ideias; tudo recebe.

O prazêr e o desprazêr fazem parte da sua constituição.

Zadig admirava-se de que um indivíduo, que praticava coisas tão extravagantes, raciocinasse com tamanha perfeição.

Por fim, depois de uma longa conversa, tão instructiva como agradavel, o filósofo conduziu os dois hóspedes ao quarto de dormir, bendizendo o céu, que lhe tinha mandado dois homens tão instruidos e tão virtuosos.

Ofereceu-lhes, alem de tudo, algum dinheiro, com a máxima delicadêza, de modo, que não podia desagradar.

O eremita recusou-o, dizendo-lhe que se despedia já do seu bom hospedeiro, porque, antes de amanhecêr, tencionava continuar a sua viagem pâra Babilónia.

A separação do filósofo e dos seus hóspedes foi muito cordeal. Zadig sobretudo sentia já verdadeira estima por um homem tão amavel, digno de tôda a veneração.

Êle e o eremita continuaram entre si a tecêr o elogio do seu hospedeiro, antes de adormecêr.

Ao despontar da manhã, acordou o velho o seu camarada, dizendo-lhe:

— É preciso partir. Emquanto tôda a gente ainda dorme, quero deixar a êsse homem um testemunho do meu agradecimento e da minha afeição.

E, proferindo estas palavras, acendeu um facho, e em diferentes sítios lançou fôgo á casa.

Zadig espantado gritava, pretendendo opôr-se a um acto tão medonho.

O eremita impelia o com uma fôrça descomunal. A casa começou a ardêr com grande intensidade.

O eremita, já longe, ao lado do seu companheiro, contemplava o incêndio com a máxima tranquilidade.

— Graças a Deus! — ponderou êle — eis a casa do nosso hospedeiro destruida do fundo ao cimo. Homem feliz aquele!

A estas palavras, Zadig têve impetos, ao mêsmo tempo, de se rir, de cobrir de injúrias o velho eremita, de o espancar e de fugir.

Nada fêz porêm de tudo isso. Subjugado por um misteriôso ascendente, continuou a seguil-o, mau grado seu, até á última pousada.

Pertencia esta a uma viúva virtuosa e caritativa, que vivia com um sobrinho de quatôrze anos, rapazinho gracioso, sua única esperança.

A viúva esmerou-se em fazêr as honras da sua casa.

No dia seguinte, ordenou ao sobrinho que acompanhasse os viajantes até a uma ponte, que, tendo quebrado, havia pouco, oferecia perigo a quem por ela passasse, sem determinada cautela.

O rapaz caminhava apressadamente deante de nós.

Logo que estiveram a meio da ponte, disse o eremita.

— Vinde cá, meu menino. E' preciso que eu dê a vossa tia a demonstração do meu reconhecimento.

E, pegando-lhe pelos cabêlos, lançou o rapaz ao riacho.

O desgraçado foi engolido pela corrente, veio um momento á tona da agua, e submergiu se.

— Vós sois um monstro, um scelerado, o peor de tôdos os homens! — gritou Zadig, sem podêr dominar-se.

— Parece-vos isso? Lembrae-vos do que jurastes, houvesse o que houvesse — respondeu o eremita.

— Causaes-me horrôr. Explicae-vos, por Deus.

— Vou fazêl-o, pâra vos sêr agradavel. Ficae sabendo que, sob as ruinas dessa casa, que a Providência incendiou, encontrou o proprietário um tesouro enorme; e sabei ainda que êsse rapazinho, a quem a mêsma Providência afogou, teria assassinado a tia, dentro de um ano, se o deixassem vivêr.

— Quem te revelou semelhante futuro, ó bárbaro? — tornou Zadig, ainda cheio de indignação. — Embora lêsses tudo isso no livro dos destinos, sêr te ia permitido deitar ao rio uma criança, que nenhum mal te têz?

Emquanto o babilónio falava, foi percebendo que o velho não conservava a barba, e que o seu rôsto tomava um aspecto juvenil. O seu hábito de eremita desapareceu; duas

belas azas cobriam um côrpo magestôso e resplandecente de luz.

— Que vejo? — exclamou Zadig, caindo de joêlhos. — E' pois um enviado do céu? O' anjo divino, descêste do empíreo, para ensinar um pobre mortal a submetêr-se ás ordens do supremo Senhôr?

— Sou o anjo *Iesrad*. Bom é que saibas que tôdos os homens julgam de tudo, sem nada conhecêr. Tu merecias sêr doutrinado, e por isso desci a encontrar-me comtigo.

Zadig pediu permissão pâra fazêr uma pergunta:

— Eu desconfio de mim próprio — disse êle — e por tanto dos meus raciocínios. Depois de me confessar indigno dos favôres, que me concedeis, peço-vos que me tireis desta dúvida: — Não seria melhor têr corrigido aquela criança, tornal-a virtuosa, do que afogal-a?

— O seu destino era fatal — esclareceu o anjo. — Ainda que o rapaz se tornasse virtuôso, e vivêsse, o seu destino seria morrêr assassinado, êle próprio, com a mulher, que devia esposar, e o filho, que dela havia de têr.

— Oh! Deus do céu! E' pois necessário que haja crimes e desgraças, e que as desgraças cáiam sôbre gente de bem?

— Os maus — tornou o anjo — são sempre desgraçados; servem pâra metêr em prova um pequeno número de justos, espalhados pela terra. Não há mal, de que não provenha um bem.

— Mâs... porque não existiria só o bem e não o mal?

— Então êste mundo seria outro mundo; a cadeia dos acontecimentos assentaria sôbre outra ordem de sabedoria; e essa outra ordem, que seria perfeita, não pode existir senão na morada eterna do Ente Supremo, de quem o mal se não pode avizinhar. Êle creou milhões de mundos, nenhum dos quaes se pode parecêr com outro. Esta imensa variedade é um atributo do seu imenso poderío. Não há duas folhas de árvores sôbre a terra, nem dois glôbos, nas infinitas campinas do céu, que sejam semelhantes. Tudo

que tu vês sôbre o pequeno átomo, onde nascêste, deve existir em seu lugar, e em tempo fixo, segundo as ordens imutaveis daquêle, que tudo abrange.

— Creio, anjo celeste, eu creio em tudo, que vos ouço.

— Os homens pensarão que essa criança, que acaba de morrêr, caiu á agua por acaso; que, pelo mêsmo acaso, ardeu a casa incendiada. Eu afirmo-te porém que não existe o acaso; tudo serve de prova, de punição, de recompensa, ou de previdência. Lembra-te do tal pescadôr, que se julgava o mais desgraçado dos homens. A Providência enviou-te pâra a mudança completa do seu destino. Ora pois, fraco mortal, deixa-te de interrogar e combatêr quem só deves adorar, sem queixume, nem asperêza.

— Mâs, anjo divino...

A estas palavras, o alado *Iesrad* remontava-se á décima esfera, erguendo um altíssimo vôo.

Zadig prometeu submetêr-se, sem queixas, ao seu destino, e ajoelhou-se, adorando a Providência.

O anjo gritou-lhe, já de grande altura:

— Zadig encaminha-te pâra a Babilónia.

XIX

Os enigmas

Zadig impressionado, fóra de si, como um homem, junto de quem explodisse um raio, caminhava ao acaso.

Felizmente chegou a Babilónia no dia, em que os combatentes, que tinham esgrimido na grande praça, estavam já reunidos no espaçôso vestíbulo do palácio real, pâra explicar os enigmas, e pâra respondêr aos quesitos do gran mago.

Todos os cavaleiros tinham comparecido, exceto o da armadura vêrde.

Desde que Zadig apareceu na cidade, e foi reconhecido, o povo agitou-se, fazendo circular a notícia, e aglomerando-se em volta dêle, dando-lhe as bôas vindas, não se saciando de o vêr e admirar, e cobrindo-o de louvôres.

Ninguem se esquecêra do bom e justiceiro ministro, e todos o desejariam vêr á tésta da administração do império.

Algumas vozes se erguiam, advogando êsse proveitoso alvitre.

O invejoso, o célebre *Arimasu*, conhecido inimigo de Zadig, ao vêl-o, quando passava, estremeceu, e voltou o rôste, como se nada visse.

O povo, em massa, levou o recem-chegado, em triunfo, até ao lugar da importante assembleia.

A rainha, a quem noticiaram a sua vinda, alvoroçou-se enormemente, cheia de dúvidas, receios e esperanças, que a agitavam em demasia.

A sua inquietação era violenta, pois não chegava a comprehender a razão, por que Zadig se apresentava desarmado, e por que *Itabad*, o fanfarrão, se vestia com a armadura branca.

A entrada de Zadig produziu um confuso mês prolongado murmúrio, que significava admiração, regosijo e surprêsa.

Que pretenderia êle, se só aos cavaleiros, que tinham combatido, era permitida a entrada na assembleia?

— Gran mago e senhôres — disse Zadig, assomando á porta — julgo-me com direito a falar, porque eu fui combatente como os que aqui estão. Outro indivíduo, que não eu, se pavoneia com as minhas armas. Hei-de têr a honra de o provar diante de todos, que me escutam. Antes disso porém, desde que se trata já de aclarar os enigmas, eu peço permissão pára explicar os que se apresentarem.

O presidente da assembleia reclamou votação sôbre a licença pedida.

E tal era ainda a reputação de probidade, tão fortemente impressa em tôdos os espiritos, no tempo, em que Zadig floresceu, que votos unânimes o admitiram ao presente concurso.

O gran mago propoz, primeiramente, a seguinte questão decifratória:

— Qual é, entre tôdas as coisas dêste mundo, a mais comprida e curta; a mais breve e a mais demorada; a mais divisivel e a mais ampla; a mais desprezada e a mais saudosa, sem a qual nada se pode fazêr; coisa, que devora tudo, que é pequeno, e que vivifica tudo, que é grande?

Competia a palavra, pâra respondêr, a *Itobad*.

— Um homem, como eu — definiu êle — nada entende de enigmas. E nem precisa entendêr. Basta-me ter conquistado as minhas honras, combatendo a grandes lançadas.

E mais não disse.

Depois dêle, afirmaram uns que a palavra do enigma era a fortuna; outros a terra, e ainda outros a luz.

— E vós que dizeis, senhôr Zadig?

— Digo que é o tempo. Nada é mais longo, pois que êle é a medida da eternidade; nada mais curto, pois que falta aos nossos projectos; nada mais demorado pâra quem espera; nada mais rápido pâra quem gosa; estende-se até ao infinito em grande, e divide-se até ao infinito em partículas; tôdos os homens o desaproveitam, e tôdos lhe choram a pêrda; nada se cria sem êle; faz esquecêr tudo que é indigno da posteridade, e imortaliza os grandes feitos.

A assembleia aplaudiu, e julgou excelente semelhante definição.

Em seguida, o gran mago perguntou:

— Que coisa é que se recebe sem se agradecêr; que gosamos, sem sabêr de que modo; que se dá aos outros, sem se conhecêr onde está; e que perdemos, sem dar por isso?

Cada um dos que eram obrigados disse o que lhe pareceu; mâs só Zadig adivinhou que era a vida.

E assim por diante. Explicou tôdos os enigmas com a mêsma facilidade.

Itobad, o enfatuado, murmurava que nada daquilo era dificultóso; e que êle obteria resultado egual, se quizesse dar-se ao trabalho de pensar um pouco.

A rainha Astarté, que da sua tribuna assistia á sessão, que se podia chamar de sapiência, regosijava-se, e fazia revivêr as suas esperanças.

Para conclusão fôram propostos alguns quesitos sôbre justiça, sôbre o supremo bem, sôbre a arte de reinar.

As respostas de Zadig fôram julgadas as de maior valôr, mais sólidas e eloquentes.

— Que pena — dizia muita gente — que um homem de tão belo espírito não seja um bom cavaleiro!

— Ilustres senhôres — clamou Zadig, a êstes murmúrios — chegou a ocasião de provar que fui o vencedôr do grande torneio. E' a mim que pertence a armadura branca. Êste senhôr *Itobad* apoderou-se dela, emquanto eu dormia, por julgar certamente que essa côr lhe dizia melhor do que a vêrde.

— Será certo?

— Quando a minha palavra o não certifique plenamente, vae proval-o a ação. Estou prompto, com o meu simples vestuário e com a minha espada, a medir-me contra tôda essa bela armadura, e mostrar portanto que fui eu que tive a honra de vencêr o valente príncipe *Otame*.

Itobad aceitou o desafio, tendo aparente confiança na vantagem da sua situação. Não duvidava de que, estando de capacête, couraça e braçaes, não conseguisse facilmente triunfar de um adversário, que vestia barrête de dormir e chambre.

Zadig tirou a sua espada, saudou a rainha, que o olhava, ainda um tanto receosa, más crente no seu valôr, e atacou o inimigo, que a ninguem saudara, muito senhôr da sua pessôa.

A sua defêza, que depois se virou em ataque, dava a entendêr que nenhum receio tinha.

A cabêça de Zadig ia num bote certo sêr fendida a meio; êste porêm soube aparar o golpe, opondo o que se chama o forte da espada ao fraco do seu adversário, de modo que a espada de *Itobad* se partiu, de meio a meio.

Zadig então, agarrando-se ao inimigo, a meio côrpo, atirou-o ao chão, e colocando-lhe a ponta da espada na abertura da couraça, gritou-lhe:

— Deixae-vos desarmar, ou aqui vos mato.

Itobad, o poltrão, sempre admirado das desgraças, que aconteciam a um homem, como êle, abandonou-se ás mãos de Zadig, que o despojou, com tôdo o vagar, do seu magnífico elmo, da sua sobêrba couraça, dos seus belos braçaes e dos seus brilhantes coxotes, com que se revestiu, correndo nêste trajo imponente a lançar-se aos pés da rainha.

As aclamações rompêram de tôdos os lados, respeitosas e unânimes; Cador provou facilmente que a armadura pertencia ao seu amigo, a quem a levara nas horas, que precedêram o combate.

Zadig finalmente foi aclamado rei, por consentimento e aplauso unânimes, e sobretudo com a jubilosa anuência de Astarté, que, derramando lágrimas de verdadeira alegria, experimentava, depois de tantas adversidades a ventura de vêr o seu amado muito digno, aos olhos de tôdo o universo, de sêr seu espôso.

Itobad, acompanhado pelo escárneo da multidão, recolheu-se ao palácio da sua habitação, onde só lhe era dado figurar.

Zadig ocupou o trono da Babilónia, e foi muito ditôso.

Nunca se lhe riscavam da ideia as palavras do anjo custódio *Iesrad*; lembrou-se sempre do grão de areia tornado diamante.

Êle e a rainha tornaram-se sumamente religiosos, agradecendo á Providência a fortuna, que gosavam.

Zadig deixou correr mundo *Missufa*, a bela e caprichosa aventureira egipcíaca.

Quanto ao bandido *Arbogad*, mandou-o vir á sua presença, conferiu-lhe um pôsto honrôso no seu exército; e prometeu categoricamente eleval-o ao grau de primeira dignidade, se, como bom guerreiro, se dedicasse honestamente á vida militar; e protestou-lhe que o mandaria enforcar, se êle, por si ou por outrem, continuasse a carreira de bandido.

Setoc, o bom amigo de Zadig, foi chamado com sua mulher, a formosa *Almona*, lá do fundo da Arábia, pára o colocar á testa do comércio de Babilónia.

Cador foi colocado em alto cargo, e estimado, segundo os seus serviços e obséquios; continuou a sêr o amigo íntimo do rei; e o nôvo rei ficou sendo então o único monarca do mundo, a quem se contou um verdadeiro amigo.

O simpático e talentoso bôbo, anão e mudo, a quem o rei e a rainha deviam a vida, não foi esquecido, como não podia sêl-o por pessôas tão gratas e tão bondosas.

Ao pescadôr, deu-se o brinde de uma casa superiôr á que lhe tinham incendiado.

Orcane foi condenado a pagar-lhe uma avultada quantia, e a entregar-lhe a mulher. O pescadôr porêm recusou recebêl-a, contentan lo-se com a indemnisação em dinheiro.

Tinha-se tornado um homem sabedôr e ajuizado.

A bela *Semira* não podia consolar-se, por têr acreditado, noutro tempo, que Zadig podia ficar zarôlho ou vêsgo; e *Azora* não deixava de se lastimar por têr tentado cortar-lhe o nariz.

A munificência régia consolou-as com valiosas dádivas.

O invejôso, pragucjando constantemente, morreu de vergonha e raiva.

No império reinaram a paz, a gloria e a abundância, pelo que foi esta a melhor época do mundo, porque nêle governavam brilhantemente o amór e a justiça.

Toda a gente erguia louvóres a Zadig, como rei justiceiro e homem sábio; e Zadig bemdizia o céu, do fundo da sua alma.

FIM

POR CAUSA DA MODA

A moda não é sempre o apanágio exclusivo dos tôlos e dos presumidos; entra nas cabêças de muito bôa gente, invadindo tôdas as práticas e conhecimentos humanos, especialmente nos países da dessorada raça latina, que está a pedir novos costumes e sangue nôvo.

Nas artes, nas lêtras e até nas sciências penetra ela, a vaidosa, sorrateiramente, a título de originalidade, quando, as mais das vêzes, não passa de colareja arrebicada, dependurando da garridice, com que se enfeitam mulheres sem conta, vestuários carnavalêscos muito pâra vêr e rir.

O seu predomínio, prefurando até alguns cérebros de excelente juizo, invade tudo, dêsde as ruas ao lar doméstico, apagando bôas e velhas usanças, inventando anormalidades, cultivando o burlêsco nas coisas mais sérias.

Os moveis de muitas salas modernas têm a configuração da desordenada mistura de uma casa de penhôres ou de uma loja de ferro velho.

O bom gôsto e o bom senso fôram suplantados pela excentricidade.

Cadeiras de palhinha formam grupos com as almofadadas; as de espaldar com tamborêtes; as poltronas com bancadas de outro género; as jardineiras fôram suprimidas:

os pianos transitaram pâra os cantos do pavimento, os sofás para qualquer lado, onde não haja semetria, nem arrumação propositada.

O propósito é formado pelo despropósito.

A moda passou da sala á cozinha. Até nas próprias aldeias, onde nos costumes patriarcaes assentava uma longevidade, que vae desaparecendo, já entrou o figurino, já se trocou o caldo saudavel e sucoiento dos nossos avós pela beberagem nevrótica do chá e do café, que ali só eram prescritos como remédio em ocasiões de gôrdo enchimento.

Por falar em remédios, devemos lembrar-nos de que nem êstes escapam á moda.

Os médicos, interessados por vêzes nas emprêsas de águas mineraes, por ações beneficiárias ou de favôr, fizeram destas e dos banhos de mar um objecto de alta moda, a que raras famílias conseguem resistir.

Paes materialistas e ganancíosos, que tenham filhas a assoalhar, ou meninas casadoiras, que pretendam assoalhar-se a si próprias, chegada a estação conveniente, bastalhes segredar, ao de leve, com o seu médico, pâra que a receita agüista se não demore.

A moda, ainda com mais frequência, se avantaja a êsses casos, que se repetem amiudadamente.

*

* *

Aconselhada por ela, que não por médico, nem por declarado sofrimento, foi que D. Balbina, mulher de Brás Teixeira, abastado proprietário de uma aldeia do largo districto coimbrão, se lembrou de conferenciar intimamente com o marido, resolvendo ir com êle aos afamados banhos marítimos da Figueira da Foz.

Balbina era mãe desvelada de duas meninas e um menino, três filhos, o mais velho dos quaes tinha apenas oito anos.

O Teixeira reflexionou que viajar com crianças de edade tão vêrde se tornava emprêsa dificil e embaraçosa.

D. Balbina ponderou que ela e seu marido não eram velhos catarrentos pâra se metêr a um canto, de contas na mão e borracha á cinta, por qualquer ninharia.

Ela e a criada, que os acompanharia, cuidariam das crianças, ás quaes os banhos do mar, o ar da praia, os brinquêdos em pleno areal haviam de fazêr muito bem.

O Teixeira convenceu-se facilmente, e a jornada encetou-se, servindo-se os viajantes do seu carro de bôis, munido de tôldo e afofado com largo colchão envolvido em garrida côlcha, ao uso da terra e gente grada, transporte, que representava economia conveniente, e os levaria a determinado ponto, onde encontrariam a carruagem apalavrada pelo correio pâra o seguimento e conclusão da alegre viajata.

Em taes estradas velhas e desniveladas, de outro modo se não podia transitar.

— O' mulher — ponderou o briôso Teixeira — quem sabe lá se o teu vestuário estará de acôrdo com o uso da actualidade?

Convem notar que o proprietário aldeão, era homem lido, que fraseava muito bem, e detestava francesismos, misturados com o dizêr nacional.

Quem pronunciasse, deante dêle, *toilette*, em vêz de vestuário, gosaria diploma de tôlo, conferido pela sua pessôa.

— Sim, Balbina, — concluiu êle — bem sei que não és exigente, quanto a roupas, mâs acho que seria inconveniente que te não apresentasses, segundo as exigências da maldita moda.

— Socega, homem — respondeu a consorte, recebendo do filho mais nôvo, que lhe perneava no colo, uma bofetada amigavel, coisa, que êle, á falta da palmada coercitiva, fazia com muita graça. — Socega, que eu levo na bagagem o que julgo necessário.

— Bem; está bem.

— Eu não desconhêço que inúmeras mulheres, falseando a simplicidade, própria das praias e estações de águas, vão pâra elas fazêr estendal de vestidos caros, como se estivessem na côrte, revesando-os quase diariamente, numa larga ostentação, que só representa vaidade e loucura.

— E muitas vêzes dispêndios, com que não podem.

— Sei tudo isso; e por tanto não sairei do meu propósito, que significa simplesmente decência e bom porte, próprios das nossas pessôas.

— Muito bem, Balbina. O espalhafato orça sempre pelo ridículo.

Muito bem, diremos nós ainda!

Governada e prudente dama esta!

Entretanto, como não há ninguem perfeito, e ela participava da fraquêza da mãe Eva, cometêra o pecadilho de se deixar influenciar pela moda das praias, unicamente por não fazêr má figura entre o populacho da sua freguesia.

A viüva Gertrudes, sua vizinha, já partira, havia uma semana; o Chico Pernèta, um pandilha com pouco de seu, já de lá viera com a família; e até o Manuel da Ribeira ia mandar aos banhos a madragôa, com quem se amanhava, na companhia de uma leva de labrêgos, trabalhadôres de enxada, que só se podiam mantêr a brôa e sardinha!

Nada. A casa do Teixeira não podia sêr indiferente á onda, que corria para os areaes figueirenses.

O sol tambem tem nuvens.

Esta ideia representava um rombo na ajuizada cabêça de D. Balbina.

O marido sentira certo abalo de contrariedade, mâs, como já notámos, concordou com sua mulher, que êle reverenciava acima de tudo.

Bom homem o Brás Teixeira!

A' sua discordância íntima pela desnecessidade das abluções banhatórias juntava-se ainda a semsaboria de não podêr assistir a umas sementeiras, a que ia procedêr-se, e, verdade verdade, o receio da má figura, que poderiam fa-

zêr os pequenos, muito mal criadinhos, como é de uso, e podiamos dizêr, moda de tantas mães, que obedecem aos caprichos impertinentes das crianças.

Há muitas, inúmeras, que por má orientação e pieguice criminosa transformam os filhos em entidades dominadôras, que são mais tarde a sua vergonha e desgôsto.

A fraquêza paternal, se marido e mulher a praticam, não representa amôr e sim falta de cuidado e desleixo duplamente condenavel.

A bôa educação será sempre superiôr a tôdos os dotes da instrução e mais qualidades do convivio social: chega a corrigir os defeitos inatos da má indole.

O Teixeira tinha de tudo isso uma leve noção, más fraquejava pára não contrariar a cara metade, que Deus lhe dera.

Fazia mal o bom do homem; e por isso os criancêlhos lhe desobedeciam regularmente, exercendo sôbre êle o império de dragôesinhos impôsto á mãe, que lh'o mantinha.

Eram justificados portanto os receios do proprietario Brás, a caminho da temporada balnear.

* * *

A esperada lentidão da marcha, feita a passo de bôis, alimárias notaveis pelo seu andamento vagaroso, como tão sabido é, avolumou-se ainda porque um dêles, ao perdêr um canêlo, entrou de manquejar; o que afrouxou ainda mais o movimento do pesado vehiculo, tecido, como é de uso, de grossas peças de madeira.

Já era um comêço pouco agradavel.

As crianças gralhavam descomunalmente, a mais pequena arrepelava a mãe, o boi mancava; a tarde, porêm, já bem fóra de horas, o carro chegava ao lugarejo combinado.

A diligência, puxada a três cavalos, por causa da volumosa bagagem, que parecia de casa mudada, não chegara ainda, apesar da hora adeantada.

Despedido o carro de bóis, recolheu-se a gentiaga numa loja térrea e nêgra, que era a taberna do sítio, atulhadas as bochêchas dos rapazes com pedaços de bom farnel, onde figuravam chorudos salpicões, altos e rubros nacos de presunto.

O Brás Teixeira, saído á rua, passeava o seu despeito, de um lado pára o outro, fazendo demoradas perguntas sôbre a causa, que poderia têr originado a falta sensivel e prejudicial da carruagem esperada.

Não bastava a manqueira do bói; vinha reforçal-a essa grande contrariedade, que lhe era superiôr mil vêzes.

Um desmando brutal interrompia desastradamente uma viagem tão desejada pelos apetites de D. Balbina.

Ia anoitecêr, e o carro não aparecia.

Que fazêr em tão desconsoladôra emergência?

Mandaram um portadôr á povoação de melhor correio com telegrama interrogativo e resposta paga.

Chegou esta pela noite dentro, declarando que de Brás Teixeira nenhuma carta fôra recebida a pedir carruagem, más que, na seguinte manhã, seriam cumpridas as suas ordens.

— Entre tantas, mais uma chabrura do correio, que um diabo leve — vociferou o nosso homem, esportulando o portadôr da resposta.

E, por graça especial do vendeiro, lá foi subindo com a espôsa pára o pequeníssimo andar sobranceiro á taberna, onde apenas se alcançou um enxergão pára acomodar os pequenos, que berravam, puxando e lambuzando as sáias da mãe, dando pontapés na criada e exacerbando a já moída paciência do pae.

Depois da ceia, mal disposta e mal regada com o vinho da lôbrega locanda, uma zurrapa acusando a fundagem da pipa, adormecidas as turbulentas crianças, marido, mulher

e respectiva criada passaram a noite tos quenejando sôbre um duro escabêlo de pinho carunchôso.

D. Balbina nunca passara uma noite semelhante, mas não se queixava abertamente, porque vira o marido estremunhado e aborrecido, quando ela, de manhã tratava de alimentar os filhos, que haviam dormido vestidos, conforme a necessidade, que representava uma grande falta de comodidades.

Esperava-a ainda maior enfado.

Quando, um pouco mais tarde, recebeu no tarnel pàra almoçar com o marido, uma das mentoras, a mais nova, cabritando desordenadamente com os irmãos sôbre o velho escabêlo, guarnecido de gavêtas, a moda antiga, caiu desamparadamente no chão, fazendo uma contusão na testa, um *galo*, como lhe chamou a criada, e deitando algum sangue pelo nariz, a meio de uma forte berraria.

A pobre mãe sentiu engulhos; ao ingerir o bocado, que tinha na bôca, afligiu-se, e aventurou-se a dizêr que era melhor voltarem para sua casa.

Quando comunicava êste desejo ao marido, barulhentas guiseiras tilintaram à porta da sua cóverna. A diligência, avocada telegraficamente, acabava de chegar, ao mando de um cocheiro mal encarado e, segundo a classe, muito devoto de Baco, cuja figura se lhe encarnou no locandeiro, a quem, por conta do nôvo patrão, foi logo pedido meio litro de vinho.

D. Balbina, chamada à realidade, lá foi descendo as escadas até à rua, com o côrpo da filha contusa a pesar lhe do colo, em quanto a criada levava as outras duas crianças seguras pelas mãos e o volumôso saco do tarnel à cabêça.

Arrumada a bagagem no tejadilho e na dianteira do carro, entre os maus modos do cocheiro, que a achava pesada e em demasia numerosa, subiram os viajantes pàra o interiór, sendo o Brás Teixeira, como era natural, o último a entrar.

Ao fazêl-o, porém, com certa precipitação, escapou-se-

lhe da garganta um dolorôso gemido, que mais sobresaltou a espôsa.

O Teixeira entalara um dêdo na portinhola, que ameaçou fechar-se antes de tempo, impelida pelo solavanco dado ao estribo, quando lá colocou os pés, e lançou uma das mãos ao bôrdo pegado ás dobradiças.

O sangue espadanou rápido junto da unha, sendo preciso rasgar um lenço pâra ensopar e ligar o dêdo.

Sangue já por duas vêzes, em tão pequeno espaço, era grande prova de mau azar, na opinião supersticiosa de D. Balbina, que estava em grêlhas no meio da ingrezia exigente do rapazío tão seu amado.

A menina do *galo* só deixara de choramingar, quando viu o pae ferido a enxugar o sangue, que lhe corria do dêdo, com certa dificuldade, por causa da oscilação do carro, que ia pôr-se em movimento.

Ao desasocêgo das crianças juntou-se o praguêdo do cocheiro, que fustigava as alimárias, chamando-lhes almas do diabo e chicoteando-as fortemente, por se negarem, já cançadas de uma longa jornada da véspera, a puxar o pesado vehículo.

A arrancada fêz-se por fim, aos gritos e pancadas do sanhudo conductôr.

— Tenho mêdo do homem — aventurou-se a dizêr D. Balbina.

— Não te apoquentes, que esta gente creio que é tôda assim. Já meu avô, que fôra embarcadiço, certificava que os cocheiros e catraeiros são, em tôda a parte, má raça de gente — reflexionou o marido.

A assustada senhôra, á cautela, resou mentalmente o *Justo Juiz*, e encomendou-se de nôvo a Nossa Senhôra das Dôres, de quem era muito devota; e, a cada solavanco do carro, coitada, ia-se lembrando do agazalho e socêgo do seu lar doméstico.

Maldito estímulo fôra o seu de sacrificar á moda bal-

near, lá porque uns pandilhas quaesquer muito abaixo da sua posição entendêram figurar por êsse modo!

*

* *

A meio do percurso, seguiu-se um jantar ligeiro e mal cozinhado em hospedaria sertaneja, á borda da estrada.

O cocheiro, a quem o Teixeira generosamente mandara fornecêr comida, avantajou-se de tal modo nas libações, que caiu borracho, quando tentava sofrear os cavalos depois de os ter arraçoado.

D. Balbina, arengando aos filhos, que a cercavam de impertinências várias, protestava ficar por ali e voltar pâra sua casa, porque semelhante jornada lhe parecia já coisa superiôr á sua provada e reconhecida paciência.

Alguma bruxa a vira, á partida, e lhe lançara malefício, já escrito na testa de uma das suas filhas e no dêdo indicadôr do marido.

Pertencendo a hospedaria a um irmão do alquiladôr, aquêle apareceu a noticiar, com grande palavriado, que o seu rapaz, o filho mais velho, estivera algum tempo em casa do tio, e sabia guiar, exercendo as funções de cocheiro, quando era preciso.

— Mâs. . que quere vocemecê dizêr na sua? — interrogou o Teixeira, azoinado com o rigôr dos acontecimentos.

— Que meu filho, pra que Vossinhoria e sua família não sôfram desarranjo, e os ganhos de meu irmão não deixem de corrêr, pode tomar o lugar do borrachão, e...

— E levar-nos á Figueira? — perguntou o proprietário viajante, um tanto alvoroçado — Veja lá o que diz!

— Pelo rapaz fico eu, que sou seu pae legítimo, em bôa hora o diga. E' um favôr, que dêvo fazêr a meu irmão.

— E eu tambem terei que lhe agradecêr.

— Pois está de vêr. Qualquer gorgêta contentará o rapazola, que...

— E nada de demoras. Chame lá o seu filho. Vamos... avie-se.

— O' Toino! — gritou o hospedeiro, dirigindo-se a um portal ripado, que dava pâra uma horta — O' Toino, chega-te cá... Depressa!

De sacho ao hombro e em mangas de camisa, apareceu um rapagão, moreno, espadaúdo e alegre, que, informado do caso, apenas foi ao interiôr da casa envergar uma jaquêta, voltando rapidamente.

Subindo pára a boleia, apoderou-se do chicote e das rédeas dos animaes, que obedecêram imediatamente ao nóvo govêrno, pondo-se em boa marcha, dêsde que D. Balbina e o seu rancho tomaram os devidos lugares.

O rapazola, sachadôr da horta, servira de santelmo no meio da desagradavel tempestade.

Pelo fim da tarde, chegava-se ao têrmo da viagem, cuja parte final se passara sem incidente digno de nota.

Apenas o pequeno mais nôvo, em ar de brincadeira, quisera furar com um gravêto as mãos da criada, divertimento que ela não consentiu, e que o fêz desatar em berraria e pontapés.

Como tantas, era uma lindêza aquela criança!

Dava o que devia recebêr.

* * *

Os primeiros dias passara-os a familia Teixeira em hotel modesto, a que D. Balbina votou grande aborrecimento porque se não dava com a comida, tão diferente daquela, a que estava costumada.

Bem se diz que o hábito é uma segunda naturêza.

O banheiro, com quem se afreguezara, indicou-lhe uma casita mobilada, pára onde se fêz mudança rápida, tambem com aprazimento do marido, que não gostava da entrada e saída constantes da gente vária, frequentadôra de hoteis.

Formava uma balburdia quisitenta, que se não dava bem com a sua qualidade de provinciano pacato e pouco comunicativo.

Uma família representa uma nação, e não ha nação, que não pugne pela sua independência.

Ora num hotel não há independencia possivel.

Isto pensava o nosso Teixeira, ao cruzar a porta do alojamento mobilado, na ocasião da mudança.

O tempo foi correndo, mas o sossêgo desejado não voltou inteiramente.

A' volta do banho, raro era o almoço, que não cheirava a esturro ou que não estava longe do seu acabamento.

A criada entrara de namôro com um soldado, cuja fardêta e amavios lhe deram no gôto; e passava a maioria do tempo, que podia, em palêstra janeleira, descuidando-se das suas obrigações.

Quando ia á praça ou á mercearia, tinha uma demora extraordinária, que já cheirava a desvergonha.

Um inferno tudo aquilo, no pensar recto e bom da nossa amargurada banhista!

Quase ao fim da quadra, destinada á vilegiatura, pâra acumulação de tamanho aborrecimento, que já se parecia com a tortura, numa carrancuda manhã, muito cheia de nuvens, em que os Teixeiras entraram na barraca de banhos, e se preparavam pâra mudar de roupa, desencadeou-se repentina tempestade, cuja chuva torrencial pôz em fuga tôda a gente, que acorrêra á praia.

As trouxas de roupa, de que a criada fôra portadôra, os sapatos de esparto, os bancos de abrir e fechar, os pequenos tapêtes e oleados e outras miudêzas tudo ficou dentro do tôldo, porque a retirada fôra brusca e precipitada.

Entre os fugitivos alarmados figuravam o Teixeira, levando ao colo o côrpo gordanchudo da filha mais velha, a criada sopesando egualmente a outra menina e D. Balbina, abraçada ao filhito, que pelo caminho lhe ia beliscando o pescôço, pâra maior e mais completa diversão.

Quando chegaram a casa meio molhados, apesar dos chapéus da chuva de bôa roda, D. Balbina dirigiu-se precipitadamente pâra o quarto de dormir, chamando pelos filhos.

Uma estranha surprêza a esperava ainda.

Goteira abundante, incidindo sôbre a cama, inundara-lh'a de modo que a água já em parte escorria pâra o sobrado.

Decididamente a saída pâra semelhante viagem fôra feita com o pé esquêrdo; e a inveja de alguma bruxa, como já fôra pensado, envenenava os acontecimentos.

Uma família figueirense, que se relacionara intimamente com os Teixeiras, remediou felizmente o enfadonho incidente, fornecendo da melhor vontade uma cama fôfa e completa.

Ainda bem que assim sucedêra pâra abrandamento das fundadas queixas da triste D. Balbina, que começava a carpir-se constantemente, verdade verdade, com abundância de razões!

O mal, porêm, não passara ainda totalmente, como tanto merecia o seu destino.

Pela tarde — Quem tal diria? — apareceu o banheiro, com a cara descomposta e modos lamurientos, dando parte de que, ao fugir, como tôda a gente, não pensara em coisa nenhuma alem da sua pessôa, e que, passada a maior chuva, voltando á barraca, só encontrara a lona exteriôr sôbre a respectiva armação.

O conteúdo, que pertencia especialmente aos Teixeiras, fôra ligeira e infamemente roubado.

E o homem clamava sincera e insuspeitamente que era preciso recorrêr ás autoridades.

— O que é preciso — bradou D. Balbina, já fóra de si, lacrimejante — o que é preciso, e sem demora, é fugirmos de semelhante terra — e virando-se pâra o marido, que não apresentava bôa catadura — Ouviste, Brás? Nem mais um dia!

— Socega, que só passaremos aqui o de amanhã.

— E porque o de amanhã ainda ?

— Pâra dar tempo a que a carta de aviso, que vou escrevêr, chegue á nossa terra. Os bôis tem que vir esperarnos, ao caminho, como sabes. Bem vês pois...

— Tens razão. Não me lembrava disso.

A criada é que se não contentava muito, por causa do rapazote da fardêta, como se supôs, com a notícia da próxima retirada, que se efectuou em diligência da localidade, depois do pequeno praso estipulado.

Pâra de tôdo em tôdo não deixar de dar-se um ou outro episódio estranho, o carro de bôis, que esperava os viajantes, não era o do Brás; pertencia a um vizinho, por se têr quebrado na véspera uma das rodas daquêle, que mandara vir.

Seria ainda o mau olhado da bruxa, que vigorava ?

*

* *

D. Balbina, ao entrar em casa, protestava que tão cêdo e por motivo de qualquer passeata não sairia dela.

Pâra amarga experiência, era bastante o que acabava de lhe acontecêr, e custara a bela cifra de cêrca de bôas vinte moedas, em metal sonante; no que era secundada pelo marido, que prometia de si para comsigo, no corrêr do tempo futuro, não sêr tão condescendente, embora se tratasse de lembrança sugerida pela mulher.

— O' Brás — lastimou esta, ao desfardar um volume da bagagem — Ora vê tu... o que nos havia de esquecêr...

— Que foi, mulher ? Não me lembro.

— Os quilos do peixe, de que eu tanto gostei. Ora esta ! A única coisa, que lá me agradou ! E que arrelia, que eu tenho ! A ráia sêca ou escalada... que era tão bôa...

— Isso é facil de remediar.

— Mâs... como ? Ora valha-te Deus ?

— Escrevendo tu á D. Terêza, que enviará a encomenda pela diligência da carreira até ao lugarèjo, que sabes; e dahi o taberneiro, que já nos conhece, e tem razão de nos sêr grato, mandará um portadôr trazêl a aqui.

— E é verdade. Pensaste bem. Vou já fazêr a carta.

E D. Balbina escreveu á indicada senhôra da família figueirense, com quem atara relações de amizade, a pedir que lhe mandasse, pela via já dita, seis quilos de ráia sêca da melhor qualidade. A importância iria em vale do correio, logo que fôsse conhecida.

E ficou muito descansada, regalando-se antecipadamente, em ideia, com a pitança, que tanto fôra do seu gôsto, em tão críticas circunstâncias, que nunca lhe poderiam esquecêr.

Ao menos, em sua casa, o bocado, que lhe viesse á bôca, não lhe saberia a arrelia, nem a desgôstos. Teria duplicado sabôr.

E D. Balbina convidava o marido de antemão pâra se regalar com ela, ao ingerir uns bocados do saborôso peixe.

*

* *

D'ahi a poucos dias, anunciavam-lhe que uma rapariguita, mandada pelo indicado taberneiro, vinha entregar uma encomenda, que viera da Figueira.

D. Balbina, alvoroçadamente, aos pulos, como se fôra uma das suas crianças, descêra ao andar inferiôr, a tomar conta da tão cobiçada encomenda, e a gratificar a portadôra.

Esta, ao depositar uma saquita cheia sôbre a mèza da salêta de jantar, disse:

— Olhe, minha senhôra, que, apesar dos chuviscos, que vieram de manhã, a areia vem enchutinha. Cobri-a com a capucha.

— A areia? Que dizes tu, pequena? A areia?

— A areia, sim, minha senhôra, a areia, que foi mandada pela snr.ª D. Terêza, da Figueira.

D. Balbina deixou-se cair desalentada numa cadeira.

A sua amiga, mulher de lêtras gôrdas, léra na carta mandada *areia* em vêz de raia: e por isso enviara os seis quilos, escolhidos no melhor sítio da praia!

Era o cúmulo da desdita.

Triunfara o enguiço até final.

O dêdo das bruxas, especialmente o da invejosa e carrancuda Genoveva, sua vizinha, uma arganaça, tida e havida como tal, êsse dedo excomungado era manifesto nos casos espantosos, que acabavam de sucedêr.

Malditos banhos! maldita viagem!

E tudo... por causa da moda!

APÊNDICE

Representando as páginas, que se seguem, na sua pequenêz, largo trabalho de investigação e, o que mais é, acrescentamento e rectificação a pontos valiosos da história nacional relativa á arte arquitetónica, onde entram ascendentes da nossa família — não nos sofreu o ânimo o deixal-as dispersas nas colunas do jornal, em que saíram a lume.

Não dando por si sós um tomo, e detestando nós a publicidade em simples folhêtos, resolvemos agregar êsse escrito aos nossos *Quadros e Lêtras*, pois que de um quadro histórico se trata.

Como êle, porêm, se desvie da naturêza mais ou menos colorida e imaginosa dos escritos, que guarnecem êste livro, é por isso dado em apêndice, destinado aos raros, que se entreteem com estas e quejandas velharias.

OS ARQUITETOS FRIAS

RESENHA HISTÓRICA

Os estudos de paciente investigação artístico-histórica, que o sr. Gomes de Brito deu a lume, nos n.os 5 a 8 do vol. II da *Revista Archeologica*, do ano de 1888, vieram-nos ás mãos exactamente no periodo, em que nós tratávamos de reatar, por meio de documentos genealógicos, os elos partidos de certos apontamentos de família, mal cerzidos numa parte e noutra completamente desfeitos por longos anos de decadência e incúria.

Devemos pois dizèr que èsses escritos tiveram pâra nós um triplicado sabôr, que nol-os tornou interessantíssimos. Eram no tocante aos alvarás das chancelarias filipinas um bom achado, que nos poupava algum tempo e paciência; uma reivindicação pâra a história da arte de um nome esquecido e não mencionado publicamente e de outros abstracta ou erradamente mencionados, — e por fim um quadro, que nós podiamos rectificar n'alguns pontos, e ampliar noutros, pondo as personagens no plano e ordem, que lhes competem, por meio de valiosos documentos, inscritos nas nossas notas.

E' o que passamos a fazèr com a devida vénia, minis-

trando alguns dados genealógicos e biográficos dos arquitetos Frias.

E' facto assente, quanto a nós, que a manifestação das artes é o característico de uma época. Ora a influência reformadôra da Renascença, se em tôda a parte se fêz sentir pesadamente, em Portugal, como muito bem indigita o ilustrado articulista, dêsde o reinado do implantadôr da Inquisição até ao último ano de Pedro II, mâs muito especial e acentuadamente dêsde a menoridade de D. Sebastião até D. João IV, apagou no espírito dos artistas a aspiração do belo, e aniquilou completamente o sentimento inventivo e o gôsto pelas obras do passado.

Do periodo excecional, em que figuram um mancêbo loucamente aventureiro e fogôso, um rei clerical e decrépito e uma usurpação ferrenha e enervadôra, tudo esprimido, abraçado e dirigido pela omnipotência dos jesuitas, não podiam sair artistas, que nos merecêssem hôje *largos conceitos*, nem *se tornassem insignes pelas obras, que deixassem*, nem *fôssem credôres de celebrada memória.*

Entretanto, se aos nossos olhos, na época libérrima, e até ultra-libérrima, niveladôra de tôdos os indivíduos e de tôdos os cargos e profissões, na qual vivemos, parece não *valér a pena entrar em grandes pormenores e investigações*, ácerca de uma quadra, em que as artes agonizavam — os artistas, que nêsse tempo calamitôso chegavam a sair da vulgaridade, num meio, onde eram extraordinárias as divisões de castas, sangue, raças e misteres, galgando os postos da aristocracia de segunda ordem «onde os fidalgos, os escudeiros e os cavaleiros compunham as classes mais distinctas pela posição e pelos privilégios» (1), êsses artistas, dizemos, merecem nota muito honrosa e memória inteiramente isenta de desdens.

E os Frias estão nêste caso: conquistaram posição, fidal-

(1) Rebel. da Silva, *Hist. de Port.*, vol. v, pag. 344.

guia e têres; elevaram-se por si próprios, pelas suas habilitações e trabalhos, a ponto de um dêles merecêr uma colocação a par de Felipe Terzo, no campo da batalha e nas obras, que executou, pois só êle foi julgado capaz de o substituir nos paços da Ribeira; e tòdos os seus descendentes continuaram a merecêr egual colocação e honras, durante uns poucos de reinados, como teremos ocasião de demonstrar.

Fr. Bernardo da Cruz tem óptima reputação como cronista sério, citado por tôdos os nossos historiadôres; não era êle certamente que iria pôr ao lado de Terzo, e dar o nome de *grande arquiteto*, como o deu a Nicolau de Frias, a uma nulidade qualquer do seu tempo.

Concordemos na pequenêz, monotonia e nenhuma inspiração das amostras arquitetónicas, que nos ficaram dessa época, mâs lembremo-nos de que ainda assim não podemos aduzir um juizo claro sôbre a aptidão dos artistas; em primeiro lugar, porque tudo obedecia ao dêdo jesuítico, nas artes e fóra delas; em segundo, porque o artista, embora fosse arquiteto régio, não era livre, todavia, na escolha dos assuntos; em terceiro e último, porque a catastrofe de 1755 rasgou a maioria dos documentos, que podiam servir de prova, a começar pelo principal, o edifício dos paços da Ribeira.

* * *

Pâra tirar umas deduções, necessárias ao discorrêr do assunto, temos que nos referir ás precedências genealógicas dos arquitetos Frias, cujos ascendentes, com mais uns três indivíduos da mêsma linhagem e parentela, adeante nomeados, formaram o ramo português, que se nobilitou no país, espalhando-se largamente, tirando brazões de armas, exercendo cargos elevados na magistratura burocrática, na engenharia civil e militar, creando morgadios, ordenando padres, dando aos mosteiros frades e freiras, e

formando uma boa lista de cavaleiros fidalgos, môços de câmara e familiares do Santo Ofício; e que, obedecendo por fim a um fenomeno evolutivo, que de tempos a tempos aniquila indivíduos, famílias e nações, caiu na mais completa decadência e obscuridade, a contar do meado do século passado, sendo muito pára notar que os Frias actuaes, existentes na Beira Baixa, provincia do Maranhão no Brasil e em Lisbôa, apezar dessa decadência, sejam ainda entre si próximos parentes, uns e outros.

A procedência espanhola é tradicional na família e afirmada em quase tôdos os documentos genealógicos e nobiliários impressos e manuscritos. Vem de dois capitães godos do exército do famoso rei D. Peláio, dois irmãos, que, por ordem dêste, tomaram aos moiros a cidade de *Frias*, na margem do rio Ebro, província de Burgos, em Castela a Velha, ahi pelos anos de 750 da era christã.

A façanha executou-se brilhantemente e «*uno dellos no gozo de la dulcura de la victoria, muriendo para que mas facilmente los suios la cantasen. Satisfizo el-rey a su hermano esta perdida y aquella ganancia, heredandole en aquella ciudad, cuio nombre le dio por apellido, en memoria de la empresa*» (1), indicada no assunto das próprias armas, que são: — Em campo de prata uma tôrre de azul, com dois leões de sua côr trepantes; orla vermêlha, carregada de oito aspas de oiro; o pé da tôrre sôbre ondas de azul e prata, e o timbre a tôrre do escudo; — armas registadas em tôdos os nossos nobiliários.

Dêste nobre godo, a quem foi dado o nome da cidade e o castelo como alcaidaria, que foi pelos tempos adeante, partiu uma larga geração, que se propagou durante sete séculos por todo o norte do península, especialmente nas Astúrias e na Biscáia, donde veiu o garfo português, nos fins do século XV, na pessôa do avô do primeiro

(1) Albergaria, *Triunfos de la nobleza lusitana*, Mss. fl. 129.

dos arquitetos Frias, já de si artista, ao que se póde supôr, pelo mister, a que dedicou os filhos e os netos.

Não ficou, que nos conste, em memória alguma, o nome do patriarca da família portuguêsa, o biscainho, que apareceria em Portugal em 1480.

*

Pêdro de Frias, seu filho, o primeiro português dêste apelido, foi sem dúvida o artista, que em 1510 recompôz o retábulo da capela mór da igreja do Carmo, segundo a *Chrónica* respectiva, tomo I, pag. 580, e o dicionário do conde de Raczynski; e dizemos sem dúvida, porque não houve na época com o apelido Frias artista estranho á família do biscainho.

Pêdro de Frias casou com D. Izabel Lopes, natural de Lisbôa, com quem morou na travessa de Santa Justa, gosando ambos de uma abastança regular, pelo que se deprehende do ensino e colocação, dados aos filhos, que fôram: — Nicolau de Frias, nascido em 1530, aplicado á arquitetura, seguindo, na qualidade de primogénito e á moda do tempo, um oficio, como seu pae; Antonio de Frias, priôr de Unhos; Felipa do Espirito Santo, freira de Chelas, onde morreu com 85 annos em 1617, e Inêz de Jesus, dominicana no mosteiro de Abrantes, tôdos citados por fr. Luiz de Sousa, que escreveu a vida de Felipa com extensos encómios, afirmando que o padre de Unhos, em igreja de *grossa* renda, e a freira de S. Domingos, em Abrantes, fôram bons imitadôres de sua irmã (1).

Sem uma certa abundância de bens, ninguem poderia mandar ensinar a um filho arquitetura e artes correlativas, ordenar e patrimoniar um padre, mantêr e dotar duas freiras.

Contemporâneos de Nicolau, e na velhice de seu pae, apa-

(1) *Hist. de S. Domingos*, vol. I, cap. 27, p. 115.

recem os Frias-Salazares, três irmãos, Ventura de Frias, Inigo de Frias e Diôgo de Frias, negociantes, atraidos provavelmente pelas informações dos parentes de Lisbôa.

Os seus descendentes disseram que êles eram filhos legítimos de Thomaz de Frias Salazar, senhôr da casa de Quintana.

Ventura, o irmão mais velho, foi caudilho de Filippe II, e por isso o têve preso D. Antonio, priôr do Crato, em 1580: foi casar a Valladolid (ainda Castela a Velha), gosou de grande riquêza e têve larga descendência, de que foi ornamento principal o doutôr João de Frias, sexto dos seus filhos.

Seguiu êste as lêtras, foi cavaleiro do hábito de Christo, e chegou a desembargadôr do Paço; fêz um morgado na vila do Cartaxo, onde foi padroeiro da capela do Santo Christo; serviu na Índia, onde casou com D. Maria de Mendoça, viüva do ouvidôr, a quem êle sucedêra; mostrou com documentos a sua ascendência nobre, e mandou os ossos de seu pae — em terra — á capela, que aos seus pertencia, de Santo Estevão de Burgos, tronco de tôda a família.

Inigo casou em Portugal com D. Maria Barreira, mostrou tambem por instrumento a sua descendência, tirou brazão de armas, e mandou um de seus dois filhos servir na Índia.

Diôgo viveu egualmente na Índia, onde casou com D. Francisca de Castilho, de quem têve três filhas.

O manuscrito n.º 409 da colecção Pombal diz, a fl. 125, que ainda houve um quarto irmão, que acompanhou á Índia um sobrinho, sem dúvida o filho de Inigo, sendo Ventura o correspondente de ambos, nas relações com Portugal.

Descendente dêstes deve sêr o licenciado Antonio João de Frias, protonotário apostólico, notário da bula da Cruzada, Capelão régio e vigário confirmado de St.º André de Goa-a-Velha, que em 1702 publicou o livro *Aurêola dos In-*

dios e nobiliarchia bracmana, oferecida ao marquêz de Marialva.

Sabido isto, deixemos os Frias-Salazares, que tomaram rumo diverso, e não se entrelaçaram com os seus parentes, de que tratamos, pois que até nas armas divergiram, preferindo as dos Salazares ás dos Frias.

*

Nicolau de Frias, mais afortunado ou mais instruido do que seu pae, distinguiu-se em extraordinário, recuperando certas honrarias de família; tirou brazão de armas, com que provou que era de sangue ilustre; o que lhe valeu sêr nomeado cavaleiro do hábito de Christo, grau mais invejado então do que uma gran-cruz nos tempos de hôje, sendo tudo coroado pelo alto cargo de arquiteto régio.

Em 1573, D. Sebastião louvava a Camara pelos trabalhos da medição das aguas de Lisbôa, incumbida a Nicolau, como mestre de obras da cidade; em 1578 era nomeado *sitiadôr de campo*, ou engenheiro-mór do exército, como diz Rangel de Macedo (1), com o seu colega o arquiteto italiano Filipe Terzo, e acompanhava el-rei na jornada de África; em 1588, já no reinado de Felipe I, era incumbido novamente pela Câmara de pesquizar águas pâra abastecimento da cidade, segundo certidão do seu próprio punho; (2) a 11 de junho de 1597 incumbia-o Felipe II, por mercê especial, da diréção das obras dos paços da Ribeira, cargo vago pelo falecimento de Terzo; e em 10 de fevereiro de 1599 era agraciado por Felipe III com o ordenado de 60$000 réis, quantia, que se avantajava ao vencimento do seu antecessôr.

---

(1) Mss. vol. n.º 376, col. Pombal.

(2) Transcrita na *Hist. de Portugal* de Pinheiro Chagas.— Vol. 9, pag. 409.

Casou com D. Anna Balieira, natural de Tôrres Novas, e dela nascèram: — Theodosio de Frias, o sepultado da igreja das Flamengas, que em seguida mencionaremos; — Pascoal de Frias, abade de Carrezêdo, e instituidôr do morgado do mêsmo nome;—Valeriano de Frias, que deve sêr o mencionado por fr. Luiz de Souza na *Vida de fr. Bartholomeu dos Martyres* e pelo dicionario de Raczynski, não só em atenção ao seu nome, como á contemporaneidade com Theodósio, pois que em 1590 foi êle mandado a Viana preparar os aderêços para o funeral de fr. Bartolomeu; e especialmente e sôbretudo porque era padre da companhia, e só como tal poderia sêr, como foi, tesoureiro de fr. Agostinho de Castro, arcebispo de Braga. Bastaria esta última circumstância, só por si, para se podêr afirmar a sua procedência.

Depois d'êste padre temos, como descendentes de Nicolau, D. Magdalena de Frias, que tirou brazão a 12 de agôsto de 1600, assinado pelo rei de armas Portugal, e casou com Domingos Vieira Ferrão, cavaleiro fidalgo de el-rei e seu *pintor de óllio*, natural de Thomar, e familiar de Santo Oficio; e D. Felipa de Frias, casada com Manuel Pinto.

Nicolau foi um sincero cultôr e admiradôr das artes manuaes, aplicadas á arquitetura; a sua casa constituiu-se uma escola de parentes e de estranhos, que bastantes fôram os que se honraram de o têr por mestre.

Quando mais não houvesse a provar a sua devoção pelo género, bastariam o ensino, que deu ao primogénito e ao proprio padre Valeriano, e a aliança da sua filha com um artista, embora distinto, o Domingos Vieira Ferrão, notado, com a variante de *Serrão* no apelido, pelo conde de Raczynski, que o diz substituto de Amaro do Valle, como pintôr régio, em 1619, com ordenado de *cinco mil reis* e e meio moio de trigo; segundo Taborda, pag. 193, e autôr do desenho *Desembarque de Felipe II em Portugal*,

gravado por Schorequens, segundo Cyrillo, pag. 72, e uma referência de Lavanha nas *Viagens de Felipe II*, 1622.

Temos porêm testemunhas insuspeitas, duas das que fôram dadas nas diligências, mandadas fazêr pelo tribunal da Inquisição, para se provar a *limpêza de sangue e geração* da filha de Nicolau, quando o marido requereu sêr nomeado familiar do Santo Ofício.

Simão Vaz, homem de 70 anos, moradôr em Azeitão, familiar de Santo Oficio, interrogado *com tôdo o segredo necessário* pelo priôr do mosteiro de S. Domingos, de Azeitão, em 7 de agôsto de 1626, disse que a razão de conhecêr bem Domingos Vieira, pintôr, era que êle aprendêra com seu sógro Nicolau de Frias, em cuja casa *comêra o pão* 7 ou 8 anos, o ofício de marceneiro e de traçar e debuxar, e que se criara com a filha Magdalena de Frias; que Anna Balieira era natural de Tôrres Novas, e Nicolau de Lisbôa; que ouvira dizêr sempre que Pêdro de Frias, pae de Nicolau, fôra filho de um homem biscainho, e que Izabel Lopes, a mãe, era natural de Lisbôa.

Pedro Mendes, maiôr de 70 annos, interrogado em Lisbôa no paço dos Estaos e casa do despacho da *santa* inquisição, a 5 de junho de 1626, disse tambem têr sido discípulo de Nicolau, e que muito bem conhecêra em pequeno os paes dêste.

Gaspar Pereira, moradôr á Cruz de Pau, afirmou egualmente a procedência biscainha de Pêdro de Frias.

Pôsto isto, não admira que descendentes de Nicolau seguissem as suas pisadas, e se tornassem tão ilustres e peritos como êle.

Theodósio de Frias foi o continuadôr dos cargos de seu pae; cavaleiro fidalgo, arquiteto régio e mestre de obras da cidade; e, mais do que seu pae, juiz da balança da casa da moeda, recebedôr do dinheiro da Mina, superintendente em Alcântara e familiar do Santo Oficio, por carta de 1626.

Em 24 de março de 1600, é nomeado para servir nas *cousas* de fortificação e praças; em 6 de abril de 1601, juiz

da balança da moeda e do dinheiro das *partes vivas da Mina;* em 21 de fevereiro de 1603, arquiteto, vago pela morte de Domingos da Mota, já por Felipe III; em 20 de abril de 1605, superintendente das obras de Alcântara; em 3 de agôsto de 1610 substituto de seu pae nas obras dos paços da Ribeira; em 9 de maio de 1622 almoxarife dos mêsmos paços até á conclusão das obras; em 25 de abril de 1625 agraciado com a mercê de nomear um dos filhos ou o genro juiz da balança, de que era proprietário; e em 15 de março de 1633 com a nova mercê de podêr nomear pâra êsse cargo o seu neto Theodósio de Frias, em razão do agraciado têr representado que os filhos e o genro estavam *acomodados.*

Casou com D. Leonôr Pereira, natural de Ceita, districto de Evora, de quem têve: Luis de Frias, o arquiteto a seguir; Theodósio de Frias, cavaleiro fidalgo e sargento-mor de Alcanêde; Paula, casada em Carrezêda com Gonçalo de Moraes Sarmento, e Brites, casada em Leiria.

Marido e mulher jazem sepultados, em campa particular, honraria privativa de fidalgos e clérigos, na igreja da Quietação, ou das Flamengas, em Alcântara, conforme reza a inscrição, impressa na *Revista*, segundo o calco tirado pelo digno directôr e ilustre arqueólogo, sr. Borges de Figueiredo.

O investigadôr do convento das Flamengas achou-se em dúvidas e embaraços ao escrevêr o que julgara têr lido no calco, quanto á morte de Theodósio em 1624. Ora o sr. Borges de Figueiredo têve a bondade de nos comunicar que, estando partido o algarismo na parte inferiôr, tanto pode sêr 1624 como 1634; logo esta data deve sêr a verdadeira e indubitavel.

E, se não, vejamos. O alvará de 25 de abril de 1625 não podia sêr passado a um homem môrto no ano antecedente; e a carta de familiar do Santo Ofício, que êle requereu, segundo as datas de 1626, conjunctamente com seu filho Luiz de Frias, ainda menos lhe podia sêr confe-

rida pelo meticuloso e implacavel tribunal da inquisição.

Tendo o cunhado, o pintôr Vieira, tirado a sua habilitação e provado a *limpeza* da irmã, Theodósio pára abreviar o processo, requereu em outubro de 1626 que se averiguasse se era *irmão inteiro* de Magdalena de Frias; o que se verificou.

A primeira testemunha, Gaspar Pereira, criado de el-rei, disse em 23 do mêsmo mês e ano que conhecia Theodósio de Frias, arquiteto de Sua Magestade, e sabe que é irmão inteiro de Magdalena de Frias, mulher de Domingos Vieira Ferrão, familiar do Santo Ofício, e que o Frias e irmã eram filhos de Nicolau de Frias, arquiteto de Sua Magestade, e de Anna Balieira, moradôres nesta cidade, a S. Lourenço. Afirma saber isto porque foi companheiro de Nicolau na jornada de el-rei D. Sebastião, por dar-se muito com êle e conhecêr-lhe bem os filhos.

Além d'isso, o último alvara de 1633 ainda menos podia ser dado a um homem falecido em 1624. Indubitavel pois que D. Leonôr morreu a 18 de dezembro de 1627 e Theodósio a 11 de novembro de 1634.

*

Luiz de Frias, a que no dicionário de Raczynski se dá uma errada filiação, não deslustrou a memória, renome e habilitação dos seus maiores. Foi cavaleiro fidalgo e môço da câmara de Felipe III, arquiteto régio, nomeado em 1610, cargo vago pela promoção de seu pae a *mestre das obras dos paços*; superintendente da guarda de el-rei, em Alcântara, pelos anos de 1615 a 1628; e finalmente familiar do Santo Ofício, por carta de 1626.

Os seus trabalhos referem-se especialmente á edificação das prisões.

A habilitação inquisitorial de seu filho em 1637 diz que êle servira muitos anos de arquiteto dos *cadafalsos*, que se fizeram nesta cidade.

Casou com D. Antonia da Cruz, de quem nasceu um filho único; o Theodósio, que segue.

Viveu e morreu, como seu pae, nos paços de Alcântara.

*

Theodósio de Frias, chamado o *mosso*, equivalente do *junior* actual, por existir ainda o avô, durante os primeiros anos da sua mocidade e pâra evitar por isso equívocos em assuntos graves, foi arquiteto real, juiz da balança da casa da moeda, superintendente da guarda de el-rei, como seu pae, e familiar do Santo Oficio em 1637.

Felipe IV nomeou-o, em 9 de setembro de 1631, pâra um dos três lugares de *estudar arquitetura*, vago «por *Eugenio de Frias* ser ocupado em outros ofícios».

No reinado de D. João IV ainda exerceu tôdos os seus cargos, que infelizmente não tiveram sucessòr, a não sêr o de superintendente em Alcântara, que foi continuado por seu genro Antonio Serrão, cavaleiro da Ordem de Christo.

Casou com D. Joana de Azevêdo, de quem houve, por única descendência, a mulher do dito Serrão, e Luiza de Frias, em cujos filhos se continuou a família.

*

Finda aqui a lista dêsses homens distintos, que nos propozémos traçar em linhas histórico-biográficas, colocando-os nos seus devidos lugares de sucessão e hierarquia, não exercendo crítica acentuada sôbre a influência, que os seus trabalhos poderiam têr na arte da arquitetura, á falta de modêlos e documentos, que a ninguem será dado apresentar senão hipoteticamente pelas razões aventadas no comêço destas notas.

A única obra, que nos resta completa, é o mosteiro das Flamengas, cujas *traças* fôram delineadas pelo Theodósio lá sepultado, sem dúvida, porque, sabido que Felipe II

mandou fazêr o edifício pâra recolhêr as foragidas de Anvers, é naturalíssimo que ao seu arquiteto, ou a quem êle indicasse, fôsse incumbida a emprêsa.

Morrendo a freira de Chelas, aos 86 anos, em 1617, e sendo a terceira na ordem descendente de Pêdro de Frias, seu irmão Nicolau, o primogénito, nasceu em 1530, como atrás marcámos. Casândo êste aos 25 anos, Theodósio em 1583, data, a que se pode atribuir a edificação do mosteiro, teria 27 annos, edade, em que já podia sêr arquiteto consumado, e incumbido da construção, por indicação e influência do arquiteto régio, seu pae e mestre, homem que orçaria então apenas pelos 53 annos.

A devoção de sêr sepultado nas Flamengas é ainda uma razão valiosa, e a preferência, que lhe deu, não o é menos, pois as palavras do epitáfio — *e fêz as tracas do mosteiro nôvo* — podem muito bem indicar o do Calvário, como bem lembrou o sr. Brito.

Em tal caso serão estas as duas obras autênticas, que chegaram aos nossos dias, porque os paços de Alcântara, onde os Frias influiram, representam uma manta de retalhos, depois da sua reedificação, após o terramoto de 1755.

*

Há uma personagem, que ficou de fóra, Eugénio de Frias; porêm, o ornamentadôr de pergaminhos, o miniaturista iluminadôr do *Compromisso da Irmandade de S. Lucas*, que existe na Tôrre do Tombo, não tem filiação conhecida, não pertence á sucessão legítima da família, não entra, nem é mencionado em documento algum de genealogia, habilitação ou assunto diverso. O seu nome aparece-nos apenas no alvará de Felipe IV, e no *Dicionário histórico-artístico;* julgamol-o pois bastardo, filho do primeiro Theodósio.

Bastardo ou não, vê-se que foi óptimo discípulo da celebrada escola de Nicolau; e se, pela sua ilegitimidade, não

participou das fidalguias dos seus parentes, em época de tamanha *purêza* de sangue, trabalhou ao lado dêles, que o protegêram, olhando-o como digno seguidôr, que foi, das tradições artísticas da família.

*

Dissémos que terminava aqui a lista dêsses homens distintos, referindo-nos aos arquitetos, únicos de quem se trata, porque a enumeração dos demais, que guarnecem a extensa galeria desta numerosa família, em linha directa e colateral, por fêmea ou varonia, não é menos ilustre em outros ramos de serviço público; e d'ela fazem parte os Frias-Salazares, de Lisbôa e Índia, os Frias-Dourados e Moraes Sarmento, de Setubal e Lisbôa, os Frias e Frota, de Setubal, até ao meado do século passado, e outros, espalhados por diferentes partes do reino, como os Corrêas de Frias, já atacados mortalmente pela gafeira da decadência.

Terminando, devemos asseverar que o filho e netos do emigrado biscainho, embora recomendados pelo seu sangue heráldico, e mêsmo, demos de barato, impelidos pelos ventos da fortuna, implantando em terra, que não era a de seu pae, alguns dos seus foros de nobrêza, conquistando pelo seu trabalho, estudos e prendas, a elevada posição e altos cargos, que exercêram sôb o mando do podêr régio, merecem a admiração e o preito dos seus vindouros.

Bastar-nos-á, pâra nos convencêr disso, o lembrar-nos de que êles florescêram numa época, em que as classes aristocráticas, com exclusão quase completa das classes médias e dos filhos do pôvo, requeriam e alcançavam os melhores cargos civís, militares e judiciaes, pâra muitos dos quaes só os descendentes de sangue ilustre se podiam julgar aptos em presença das habilitações exigidas nas leis.

A Inquisição, rodeada de delatôres, velava pela purêza das crenças, substituindo á persuação do evangelho o terrôr dos tratos e o clarão das fogueiras. O livel da autori-

dade absoluta egualava os mais altos com os mais humildes na submissão.

Ninguem levantava os olhos da terra senão para os baixar a um aceno do podêr, que algemava tôdas as consciências e tôdas as vontades. A Inquisição, tribunal nascido de um pacto das instâncias superiôres com a intolerância, emudecia as resistências, *perseguindo com delictos as novidades e os progressos.*» (1).

Os arquitectos Frias não podiam pois fazêr mais nem melhor.

São o caracteristico da sua época. (2)

(1) Rebêllo da Silva, *Hist. de Port.* vol. v, pag 358 e 362.

(2) Deixámos pâra o fim as indicações comprovativas do têxto, pâra o não ouriçarmos com frequentes chamadas. A veracidade dos nossos apontamentos é reforçada pelos seguintes documentos:

Chancellarias de Felippe I — Livro 7, fl. 19; de *Felippe II* — Liv. 8, fl. 195, liv. 9, fl. 239 e 244, liv. 12, 39 verso, liv. 18, f. 6, liv. 21, fl. 228, liv. 23, fl. 209, liv. 29, fl. 3 verso; de *Felippe III* — Liv. 26, fl. 86 verso e 130, e liv. 30, fl. 189.

Titulos genealógicos de familias de Portugal, vol. v, pag. 323. *Triumfos de la noblesa lusitana y origen de sus blazones*, por Soares de Albergaria, pag. 129. *Arvores de costado*, etc., por Gregorio de Freitas, vol. II, fl. 127. *Collecção de árvores de costado e genealógicas* pelos padres Barbosa, Sousa e Bem, pag. 146. *Espelho da nobrêza* por fr. Manuel de S. Antonio, pag. 107, manuscritos da Biblioteca Nacional. *Nobiliários e genealogias*, de Rangel de Macêdo, v. n.º 376, fl. 299. *Volume de Athaide* n.º 394. *Volume* n.º 409 fl. 125, manuscritos da coleção Pombal. *Thesouro da nobrêza*, mss. Tôrre do Tombo. *Habilitações* pâra familiares do Santo Ofício dos dois Theodósios de Frias, Luiz de Frias e Domingos Vieira, Tôrre do Tombo. *Genealogias* por Sousa de Macêdo, n.º 275; fl. 429.

FIM

ÍNDICE

PAG.

Síntese 7
Contraste 9
Uma picada de ciume 14
A macróbia 27
Mau génio 33
O gigante Gomôrro (lenda bretã) 47
A Feiticeira de Lok (idem) 59
Em busca da felicidade 73
Zadig ou O destino (história oriental) 85
Por causa da moda 193
Apêndice histórico. Os arquitetos Frias 211

ERRATAS

PAG.	LINHA	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
16	21	afagando-o	afagando-a
20	10	é verde	é verdade
30	30	aïimento	alimento
31	1	ienimento	lenimento
31	32	fendlêa	fendêl-a
48	6	perfeito	prefeito
75	11	observeu	absorveu
128	18	menôr	menor

OBRAS

DO

Visconde de Sanches de Frias

Jovita, poemêto, com uma carta do Dr. Velho da Silva e o retrato da heroina. — Rio de Janeiro, 1867. — *(Exg.)*

A Mulher, sua infância, educação e influencia social. — Obra crítico-doutrinária. — Pará, 1878. — *(Exg.)*

Jorge de Aguilar, drama fundado sôbre o *Remorso Vivo.* — Pôrto, 1878.

O sêlo da Roda, drama extraído do notavel romance de Pedro Ivo. — Pôrto, 1878.

Horas Perdidas, coleção de poesias, 2.ª edição ilustrada. — Lisbôa, 1897.

Uma Viagem ao Amazonas, noções verdadeiras da fauna, flora, costumes e lendas gentílicas do grande rio, sôb ligeira fórma romântica. Obra ilustrada com gravuras de página, por Casanova, Manuel de Macêdo, H. Pedrôso e Bordalo Pinheiro. — Lisbôa, 1883.

Maria de Frias, memórias biográficas e páginas intimas. Edição comemorativa e particular. — Lisbôa, 1884.

Notas a Lapis, passeios e digressões peninsulares, revista crítica e amena de viagens e visitas a lugares, cidades, paisagens e monumentos de Portugal e Espanha. — Lisbôa, 1886.

Quadros á Penna, contos e narrativas, precedidos da biografia do poeta e filólogo Dr. Candido de Figueiredo. — Pôrto, 1891.

O Senhôr de Foios, romance característico. — Lisbôa, 1894.

Pombeiro da Beira, memória histórica, descritiva, crítica e ilustrada. — 2.ª edição volumosa. — Lisbôa, 1899.

O Poeta Garcia, Brás Garcia Mascarenhas, autôr do *Viriato Tragico,* drama histórico em 5 actos, precedido de largo estudo genealógico, biográfico e bibliográfico. — Lisbôa, 1901.

Memórias Literárias, apreciações e críticas de autôres e livros. — Lisbôa, 1907.

Ersília ou os amôres de um poeta, romance volumôso. — Lisbôa, 1908.

Quadros e Lêtras, histórias e romancêtes — o presente volume.

Em obras alheias

Estudos de biografia e crítica literária nos seguintes livros:

Peninsulares, poesias de J. Simões Dias. — 5.ª e definitiva edição. — 1899.

Figuras de gêsso, do mêsmo autór. — 1899.

Iguez d'Horta, comédia semi-trágica em verso, de Faustino Xavier de Novaes. — 1906.

A seguir

Histórias e Narrativas.

Horas Crepusculares, poesias.

A Mulher, atrás notada. — 2.ª edição.

Os Judeus. drama em verso, época de D. João III.

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes publicados

1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.
2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado.
3 — Carmen, trad. de M. Level.
4 — A Feira de Paris, por Iriel.
5 — O direito dos filhos, por George Ohnet.
6 — John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas.
7 — Esgotado.
8 — A lenda da meia noite, por M. Pinheiro Chagas.
9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas.
10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel.
11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas.
12 — Esgotado.
13 e 14 — A aventura d'um poiaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho.
15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino.
16 — Esgotado.
17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel.
18 e 19 — Esgotado.
20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves.
22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.
23 — Esgotado.
24 — Contos, por Affonso Botelho.
25 — Esgotado.
26 — Esgotado.
27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas.
28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.
29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.
30 e 31 — Esgotado.
32 — As netas do Padre Eterno, por A Pimentel.

33 — Contos, por Pedro Ivo.
34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
37 — Obras primas, por Chateaubriand
38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
42 e 43 — Espelho de portuguêses, por Alberto Pimentel.
44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
51 — Esgotado.
52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caïel.
56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
57 — Dramas da côrte, por Alberto de Castro.
58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
60 — Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
61 — Insulares, por Moniz de Bettencourt.
62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
65 — Retalhos de verdade, por Caïel.
66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
74 — Individualidades, por Henrique das Neves
75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.
78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves.
79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis
87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.
88 — Elogio da loucura, critica de costumes, por Erasmo.

OUTRAS OBRAS

Azevedo (Domingos de)

Diccionario (Grande) contemporaneo francez-portugu
2.ª edição
extremame
Grammatica
— no prel
Grammati
aprender
tre.
Lições prati
franceza.
Ollendorff
aprender
(2 vol.).

Carvalho

Ao correr d
Arte de viv
Aventura d
mes).
Cerebros e
Coisas d'ag
Contos e p
Em Portug
Figuras de
Impressões
No meu ca
Nossas filha
Pelo mund
Raphael, t
(ed. de l

Oliveira

Brazil (O)
guezas,
Cartas pe
Hespanh
Circulação
— 1 vol.
Elementos
ed. — 1
Filhos (Os)
— 1 vol.
Hellenism
christã,
enc.
Historia d
6.ª ed. —
Historia d
3.ª ed. —

Historia de Portugal, 10.ª ed. —
2 vols. br. e enc.
Inglaterra (A) d'hoje, 2.ª ed.

LPor
S3114q
352195
Sanches de Frias, David Correia, Visconde de
Quadros e lêtras.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

LISBOA
PAPELARIA A. M. PEREIRA
EDITORA